*ANA ISABEL PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELOS*

# PEDRO O CRU: O REAL E O SIMBÓLICO

LISBOA, 1989.

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# PEDRO O CRU: O REAL E O SIMBÓLICO



ELABORADA POR:
ANA ISABEL PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELOS

Aos meus filhos

A Prof. Dr.ª Maria Emília Marques,
orientadora deste trabalho,
os meus sinceros agradecimentos.

## VIVER

L'homme est quelque chose
qui doit être surmonté.

Frederic Nietzsche

A luz
é pólen a cair da corola do céu...
A vida já não tem aos ombros uma cruz;
o madeiro de Cristo floresceu.

Já não se vive mais de mãos erguidas,
rezando com palavras infelizes...
Voltamo-nos p'rá terra: as mãos doridas
são as irmãs sangrentas das raizes...

A dor é aquele esforço
que abre em teus olhos rasos a quimera...
Vibra num caule verde e nesse torso
que se crispa a lutar porque alguém nele espera.

Viver é só fundir a nossa alma
em toda a Vida imensa e misteriosa
como o pólen cai fecundando uma rosa...

É isto só:
é como eu te adoro e tu me adoras,
ir adorar as núvens e o pó,
sentir mortas de amor todas as nossas horas...

É odiar a dor e tanto e tanto
ter os olhos de febre no futuro,
que a pedra de tortura que eu levanto,
seja dentro de mim um ser que eu transfiguro.

É ter um sonho genesíaco vibrando
em cada gesto...
uma ânsia de ser deus que nos leve beijando
consolar e aureolar tudo que for funesto...

É ir numa santíssima alquimia
transformar um remorso num perdão...
Cultivar como um campo, noite e dia,
a fé na vida em nosso coração...

Ter a coragem de arquear para a Beleza
a alma e o corpo tensos de desejo;
a alma para um sonho de certeza;
o corpo para a plástica dos beijos.

António Patrício

# PLANO GLOBAL

# INTRODUÇÃO

## A motivação... o desafio

Este trabalho nasceu, por um lado, do gosto pelo teatro e, por outro, do prazer na leitura do texto dramático.

Foi na qualidade de leitora que contactei com a obra dramática de António Patrício, mais precisamente, com o texto "Pedro o Cru", que elegi como objecto deste estudo.

Não posso deixar de recordar as palavras da Professora Maria Leonor Machado de Sousa a propósito desta obra:

> Do ponto de vista da sensibilidade moderna, o seu texto, particularmente os longos monólogos de D.Pedro, é porventura o mais belo que se escreveu em português. Em prosa é-o com certeza. (1)

Como se pode constatar no livro do qual se extraiu esta citação, o tema dos "Amores de Pedro e Inês" foi para muitos, ao longo dos séculos, fonte de inspiração. Perspectivado de uma ou outra forma, ele constitui uma das pedras de toque da História e Literatura Portuguesas.

Se bem que o interesse por este assunto tenha constituido uma forte motivação, o desafio residiu na abordagem de um texto pouco estudado de um autor (quase) esquecido, ou seja:

"Pedro o Cru" de António Patrício

---

(1) Maria Leonor Machado de Sousa, Inês de Castro, um Tema Português na Europa, Lisboa, Ed. 70, 1987, p. 326.

Baseados no pressuposto de que todo o comportamento é comunicação, encontramo-nos perante um texto particularmente fértil neste campo. Podemos mesmo dizer que ele vive de comportamentos, até porque delimitado por uma estrutura inerente ao texto dramático, no qual o acto de enunciação se encontra formalmente demarcado.

É pela abordagem da especificidade própria desta obra que iniciaremos o nosso estudo. A forma como está construido o seu universo ficcional permite-nos tomar "contacto directo" com a expressão de diferentes comportamentos, facilitando a perspectivação de sentidos diversos atribuidos a uma mesma realidade.

Recusando-se, desde o início, qualquer base de valores pre-constituidos em relação à obra, optámos pela descoberta do universo categorial do texto, aplicando alguns instrumentos ao material que o compõe e torna possivel a sua transmissão, ou seja, a palavra escrita.

Partimos assim, na Segunda Parte, dos dois tipos de discurso existentes: não dialógico e dialógico. Pela análise e articulação dos diversos contextos cénicos de situação (rubricas introdutórias de cada acto) e pelo levantamento e perspectivação (no texto dito) das significações atribuidas às palavras consideradas pólo, chegámos a toda uma rede de sentido que traduz determinada visão do real.

Uma vez que nos encontrávamos perante um texto que podemos já considerar longo, utilizámos meios informáticos para o processo de selecção dos elementos que o integram e nos interessava reter.

Embora esta "ferramenta" não constituisse, de forma alguma, o objectivo fundamental deste trabalho, a sua utilização, além de se afigurar vantajosa, representou um teste à eficácia deste instrumento auxiliar na análise literária.

Com a sua utilização, assegurámos a detecção exaustiva e basicamente imparcial de determinadas ocorrências, sendo-nos assim possível estabelecer relações lexico-semânticas que nos induziram às linhas de pensamento manifestadas na obra e que procurámos sistematizar na última parte do Segundo Capítulo.

Se bem que não tenha sido nossa preocupação primeira o estudo dos elementos que constituíram as condições de produção deste texto, sabemos que teve por base um facto, sobre o qual existem registos históricos.

Assim, e já na posse do pensamento veiculado pela obra, ou melhor, da leitura que dela fizemos, elaborámos uma análise comparativa entre os aspectos históricos nela referidos e os registos históricos a que tivemos acesso. Foi-nos possível, desta forma, estabelecer as relações "proximidade/afastamento", captando mais facilmente o grau de real construído e em que medida este serviu os propósitos do autor.

Finalmente, e porque se trata de uma "peça de teatro", tentámos observar o seu nível de teatralização, i.e. a sua exequibilidade dentro do espaço cénico.

Não foi nossa pretensão realizar o trabalho do encenador, mas antes observar as potencialidades de representação que este texto possui e quais as barreiras que se erguem (ou ergueram), se tivermos em conta que só foi posto em cena uma vez. De salientar que nos detivemos, não na dificuldade ou facilidade da interpretação de determinados "papeis", mas na construção do ambiente e nas notações relativas ao comportamento não verbal das personagens, pelo que foi nosso ponto de referência, neste último capítulo, o texto não dito.

# A ESPECIFICIDADE DO TEXTO: "PEDRO O CRU"

O primeiro contacto que temos com uma obra escrita é de carácter físico. Como alguém referiu "uma viagem das mãos e dos olhos" que nos deixa uma primeira impressão. Se acreditarmos que um texto significa não só pelo conteúdo, mas também pela forma que o objectiva, consideraremos importante o seu aspecto icónico.

A mancha gráfica que o delimita indica-nos que "Pedro o Cru" é formalmente marcado por dois tipos de discurso: dialógico e não dialógico.

Optando por este modo de representação, o autor materializa determinada construção ficcional, em que conjuga, como veremos, aspectos históricos, míticos e simbólicos. Este universo ficcional vai funcionar como um real construído, ou seja, um fenómeno de simulação que o leitor aceita como unidade autónoma, já que estruturada e, se bem que ilusoriamente, fora das mãos do seu criador.

Como qualquer outra produção, "Pedro o Cru" tem uma especificidade própria. Não só porque texto dramático com determinadas características, mas porque se trata de um drama que possui elementos a que se atribuem valores simbólicos.

Notamos, desde logo, a ausência de narrador que conduza e explique o fio da acção. Como é então garantida a narração nesse real construído?

Existem, dentro da sua acção dramática, formas narrativas que, por exemplo, referem acontecimentos passados fora dos limites temporais e/ou espaciais do texto. É da responsabilidade das diversas personagens o relato ou alusão a esses acontecimentos, possuindo elas próprias a função de narradores.

Neste drama, essas formas narrativas fornecem, ao leitor, informações essenciais para o esclarecimento da história, sendo assim aproveitadas para expandir as dimensões da peça. Deste modo, uma vez que a narração não é garantida por um narrador único mas assegurada pelos actores de um relato, o leitor contacta com as diversas concepções da realidade, consoante o ponto de vista expresso. A função de tais relatos é também interpretativa, uma vez que não se trata de um narrador omnisciente que perspective a narrativa de uma forma globalizante, mas de personagens com determinada leitura do real.

Podemos assim afirmar que este texto dramático é, por excelência, o tipo de texto em que se alargam os níveis de ambiguidade desse mesmo real. O leitor encontra-se em situação privilegiada para compreender o campo complexo de

formação do real. A possibilidade de tomar contacto com as diversas concepções da realidade, consoante o ponto de vista da personagem, fá-lo ter uma melhor percepção dos conflitos humanos. é o real filtrado, mas com filtros diferentes, que proporcionam diversos ângulos de visão, diferentes versões, e não o real como reflexo de verdades objectivas e eternas.

Recorremos, para melhor esclarecimento desta problemática, às palavras de Paul Watzlawick, na introdução ao seu livro "La Realité de la Realité":

> [...] la realité est une illusion que nous passons une partie substantielle de notre vie à étayer, fut-ce au risque considérable de plier les faits à notre propre définition du réel, au lieu d'adopter la demarche inverse. De toutes les illusions, la plus périlleuse consiste à penser qu'il n'existe qu'une seule realité. En fait ce qui existe, ce ne sont que différentes versions de celle-ci dont certaines peuvent être contradictoires, et qui sont toutes des effets de la communication, non le reflet de vérités objectives et éternelles. (1)

---

(1) Paul Watzlawick, La Réalité de la Réalité, Paris, éditions du Seuil, coll. Points, 1978, p. 7.

Como antropólogo, Paul Watzlawick observa fenómenos quotidianos do comportamento do indivíduo, ilustrando-os, por vezes, com situações extraídas de obras literárias. Encontrámos as nossas ideias reflectidas no seu pensamento, uma vez que estamos perante uma obra literária, que vive essencialmente da comunicação entre as diversas personagens.

Pareceu-nos, por esta razão, importante referir o pensamento deste autor, que se dedicou ao estudo do que apelidou de "pragmática da comunicação". Trata-se da análise dos efeitos do comportamento, entendido agora como sinónimo, em sentido lato, de comunicação.

> [...] o comportamento não tem oposto. Por outras palavras , não existe um não-comportamento ou, ainda em termos mais simples, um indivíduo não pode não se comportar. Ora, se está aceito que todo o comportamento, numa situação interacional, tem valor de mensagem, segue-se que, por muito que o indivíduo se esforce, é-lhe impossivel não comunicar. Atividade ou inatividade, palavra ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando. (2)

---

(2) Paul Watzlawick, et. al., Pragmática da Comunicação Humana, São Paulo, Ed. Cultrix, pp. 44-45.

Partindo do principio da impossibilidade da não comunicação, todo o comportamento, em presença de outrém, tem o valor de mensagem na medida em que define e modifica as relações entre as pessoas. Não são simplesmente as palavras, as configurações e o sentido dado pela sintaxe e pela semântica, mas também as suas concomitantes não verbais: actividade ou inacção, o silêncio, a postura, o gesto, a expressão facial, a inflexão da voz, o ritmo, etc. bem como as pistas comunicacionais presentes em qualquer contexto em que a interacção ocorra.

São estas duas realizações da comunicação humana (verbal e não verbal) que Paul Watzlawick apelida de comunicação digital e comunicação analógica. Diz ele, possuir a linguagem digital uma sintaxe lógica muito complexa e cómoda, mas faltar-lhe uma semântica apropriada à relação.

Quanto à linguagem analógica, o fenómeno é inverso. Possui uma semântica, mas não possui uma sintaxe muito apropriada a uma definição não equivoca da natureza das relações.

Paul Watzlawick conclui que, na linguagem digital, predomina o aspecto do conteúdo da comunicação ("relato" que transmite informação), ao passo que o aspecto relacional, i.e. "relação entre os comunicantes", pertencerá predominantemante à linguagem analógica. De salientar que estas duas linguagens se complementam normalmente em todas as mensagens, se aceitarmos que toda a comunicação tem um conteúdo e uma relação.

Em "Pedro o Cru", deparamos com a coexistência virtual destas duas linguagens. Mas porque "real construido" e porque se trata da transmissão desse real por um meio especifico, a escrita, logo sequencial em termos de estrutura física, notamos que a linguagem digital se sobrepõe largamente às referências que remetem para a comunicação analógica.

O material da mensagem digital (falas das personagens) envolve, neste texto, uma complexidade maior do que o material que referencia a comunicação analógica (notações cénicas). Não podemos ignorar que este último resulta aqui da tentativa de transmissão do analógico pelo digital, o que, segundo P. W. , é impossivel acontecer sem grande perda de informação. O hiato que se instala devido ao processo usado é de certo modo colmatado pelo nivel de lingua utilizado nas notações cénicas, em que se joga frequentemente com o poder evocativo da palavra.

Mas, retomando as palavras daquele autor, a "[...] relação pode ser claramente entendida com base no contexto em que a comunicação ocorre [...]" (3). Embora deparemos, uma vez mais, com o problema acima referido, a verdade é que esse contexto nos é transmitido, na sua globalidade, por

(3) ibidem, p. 49.

meio das rubricas cénicas introdutórias de cada acto. É através dessas referências ao ambiente construído que mais facilmente nos reportamos ao campo virtual da representação analógica, restringindo a abordagem à linguagem digital, que referencia o discurso oral (falas das personagens), ao nível do conteúdo.

Embora destrinçando estas duas realizações da linguagem, não podemos esquecer que elas se interpenetram e que a interacção, série de mensagens trocadas entre as personagens, vive da simbiose destas duas linguagens. O efeito pragmático destas combinações constitui o produto com o qual o leitor vai contactar. Mas porque vamos proceder, nos capítulos seguintes, à análise de um texto, sentimos a necessidade, por razões de ordem prática, de efectuar o estudo destas duas realizações separadamente, tendo, no entanto, sempre presente a mútua complementarização.

Desviando-nos, um pouco, da linha de pensamento até agora seguida, debruçar-nos-emos, mais objectivamente, sobre outros aspectos específicos da obra.

Delimitamos, desde já, o seu assunto (4) -- o Amor de Pedro e Inês, bem como o motivo que presidiu à sua concepção (5) -- Amor fatalmente interrompido.

Há também que atender à construção do texto: não existe qualquer referência a "cena" -- os actos [4] representam as unidades mais marcadas da composição. Cada acto é introduzido por uma rubrica cénica que descreve e/ou sugere determinado ambiente, a partir do que se constrói toda a acção.

Se, em termos genéricos, chegamos rapidamente a estas conclusões, o mesmo não acontece quando tentamos a interpretação da obra.

Como atrás referimos, trata-se de um drama simbolista. Marcadamente simbólica é a linguagem utilizada, tanto no texto dito como no texto não dito. A palavra escrita, para além de transmitir sentimentos humanos e ideias, evoca

---

(4) Segundo Wolfgang Kayser, "O que vive na tradição própria, alheio à obra literária, e vai influenciar o conteúdo dela [...]", in Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária, São Paulo, Livraria Académica, 1948, Vol. I, p. 64.

(5) Segundo o mesmo autor, "Um assunto pode albergar muitos motivos em si. [...] Os motivos são imbuídos de uma força motriz, o que significa, no fundo a designação de "motivo" (derivado de movere)", op. cit., p. 72.

estados de espirito e emoções. Apesar de se recorrer a temas tradicionais e quase universais, estes são agora utilizados para criarem uma tessitura em que antigos conceitos tomam novas formas.

Alguns desses conceitos, como adiante verificaremos, são o amor e a morte. E para delinearmos o espirito que presidiu à escolha destes items e o valor simbólico que lhes foi atribuído dentro do universo criado pelo autor, relembremos as palavras de Maeterlinck a propósito das suas peças, no Prefácio do Tomo 1 de "Teatro" (1901):

> [...] A presença infinita, tenebrosa, hipocritamente activa da morte preenche todos os intersticios do poema. Ao problema da existência responde apenas o enigma da sua aniquilação. [...] Esse é, com efeito, por agora, e apesar de todos os esforços da nossa vontade, o fundo da verdade humana. Por muito tempo ainda, a menos que uma descoberta decisiva da ciência atinja o segredo da natureza [...] nos ensine enfim a origem da vida [...] seremos apenas gotas de luz precárias e fortuitas, abandonadas sem finalidade aparente a todos os ventos de uma noite indiferente. [...] É sua [do poeta dramático] obrigação, transportar para a vida real, para a vida de todos os dias, a ideia que ele forma do desconhecido, e mostrar-nos de que maneira, sob que aspecto, em que condições, segundo que leis e com que fins agem sobre os nossos destinos as potências superiores, as influências ininteligiveis, os principios infinitos de que o universo está repleto. [...] Mas [...] nem por isso é menos certo que o mistério, o ininteligível, o sobre-humano, o infinito -- pouco importa o nome que se lhe dê -- tornou-se tão pouco manejável desde que deixámos de admitir "a priori" a intervenção divina nos actos humanos, que ao próprio génio poucas vezes se oferecem estes felizes encontros. [...] O génio, outrora, e algumas vezes o talento simples e honesto, alcançavam oferecer-nos, no teatro, esse segundo plano misterioso e profundo, essa núvem cimeira, esse sopro de infinito, tudo, enfim, que não tendo nome nem forma, parece necessário para que a obra dramática irradie impetuosa e atinja o seu nivel

ideal. Hoje, em dia, falta sempre essa terceira personagem enigmática, invisível, mas omnipresente, a que poderíamos chamar a personagem sublime, que não é talvez senão a ideia inconsciente mas forte e convicta que o poeta faz do universo e que dá à sua obra um alcance maior, algo de imponderável e indizível que subsiste após a morte de tudo o resto e cuja beleza nunca se esgota. [...] (6)

(6) Maeterlinck, in Teatro Moderno: Caminhos e Figuras, de Luis Francisco Rebello, Lisboa, s/ ed., 1957, pp. 57-59.

# ABORDAGEM DO TEXTO - ASPECTOS METODOLÓGICOS

"Pedro o Cru" de António Patrício retoma um episódio da História de Portugal referido, por exemplo, na "Crónica de D.Pedro I" de Fernão Lopes, mas aqui enquadrado numa tessitura dramática.

Partindo dos "amores de Pedro e Inês", saltamos para um "palco" onde nos é proposta determinada ilusão da realidade. As pessoas, indivíduos reais, passam a um plano de personagens construídas e tudo se consubstancia em acontecimentos-chave, alguns deles inverosímeis sob o ponto de vista histórico, mas significativos no quadro de referências criado.

A questão da verosimilhança ou mesmo a possibilidade de perspectivação de um real-História é assunto, por ora, esquecido. Importa, sim, delimitar o objecto de estudo, a totalidade do material que iremos trabalhar, um objecto literário, isto é, o próprio texto dramático.

Tal como diz Henri Mitterand: "Le texte de l'oeuvre est un texte continu, fini, clos, enfermé entre la majuscule qui ouvre sa première ligne et le point final de sa dernière page" (1).

---

(1) Henri Miterrand, "Corrélations Lexicales et Organisation du Récit: le Vocabulaire du Visage dans Thérèse Raquin", in Revue de Linguistique et Littérature, Numero Special, 1968, p. 21.

É entre essa maiúscula e o último ponto final do texto "Pedro o Cru" de António Patrício (neste caso, seguido da palavra FIM, centrada e em maiúsculas) que nos deteremos. O objecto escolhido e assim delimitado será o fulcro do nosso estudo.

> O texto é uma mensagem codificada através de lexemas. Embora a codificação do texto (emissor e circunstâncias que rodearam a génese do texto, i.e., o pre-texto) tenham uma importância significativa, o certo é que a única coisa que interessa verdadeiramente é o texto em si. A biografia do texto terá que ser relegada para segundo plano para que a atenção do investigador se concentre na sua biologia. (2)

Porque conscientes das limitações desta perspectiva que nos parece um pouco radical, inserimos neste trabalho outros capitulos, nomeadamente "História e Ficção". Consideramos, no entanto, que a opção feita, pelo rigor na observação, é um bom ponto de partida para o tipo de análise que nos propomos efectuar.

---

(2) João de Freitas Ferreira, A Pedagogia do Léxico, Porto, Edições Claret, 1985, p. 79.

Este estudo parte do "isolamento" de certas formas consideradas pólos, à volta das quais se organizam constelações discursivas.

Uma vez que nos encontramos perante um texto que, como o próprio título indica, gira à volta da figura de D.Pedro, seleccionámos, em primeiro lugar, as formas "El-Rei" e "rei". Esta selecção abriu-nos desde logo caminho para a escolha de outros items lexicais que se afiguravam relevantes para a compreensão da obra. Tal é o caso de certas palavras que, embora integradas em contextos linguísticos diversos, se repetem obsessivamente tomando uma significação que transcende a primitiva.

"Morte", "Vida", "Saudade", "Amor", "Noite", etc., bem como outras formas pertencentes às mesmas famílias lexicais, são muitas vezes transferidas do nível de signo para o nível de símbolo, pois, embora inicialmente se rejam pelas regras de definição comum, na maioria das ocorrências já não demonstram mas sugerem, porque integradas num contexto que lhes atribui um valor conotativo -- o discurso poético.

Se bem que este tipo de discurso não possua a lógica nem a transparência de uma escrita que utiliza uma linguagem referencial e denotativa, a verdade é que o seu poder sugestivo resulta de jogos sobre a palavra escrita/dita.

Qualquer significação que queiramos inferir só poderá assim ser apreendida através de uma abordagem imanente do próprio texto.

> Quer o acto poético, quer o discurso poético realizam-se, em grande parte, ao nível do léxico. é com base no léxico que o poeta [...] tenta suspender o real e os níveis significativos e consegue criar novos sentidos. (3)

Assim e porque estamos perante um tecido verbal com forte significação conotativa e marcado por desvios, especialmente a nível semântico, procederemos ao levantamento das referidas formas lexicais, mas sempre inseridas em micro-contextos que nos proporcionem o estabelecimento de campos lexico-semânticos que possam vir a facultar a desmontagem, descodificação e compreensão do texto. De salientar, que teremos sempre em conta as relações sintagmáticas estabelecidas e as associações paradigmáticas abertas, pois, a nível do conteúdo, o tecido final cria possibilidades limitadas de significação devido às relações estabelecidas então com outras unidades contextuais.

---

(3) ibidem, p. 111.

> [...] o conteúdo comporta um aspecto lexical com a sua sintaxe (= construção) sémica própria, um aspecto frásico em que a permeabilidade dos semas das palavras co-ocorrentes permite e exige uma infiltração dos semas de unidades linguísticas noutras unidades sequencialmente ligadas na frase [...] (4)

Optou-se, desta forma, por um processo de análise que permita, desde logo, identificar e delimitar os níveis de ambiguidade, assinalando as principais linhas de força.

Mas, para uma análise metodologicamente válida, há que efectuar um levantamento sistemático de todos os enunciados que incluem determinada(s) forma(s).

Porque se trata de um trabalho moroso e minucioso, decidimo-nos pela utilização de meios informáticos para o levantamento pretendido. Assim, após a transposição de todos os diálogos para uma "base de dados", estabelecem-se determinadas condições de filtragem, consoante o objecto de estudo. Obtemos, desta forma, as "saídas" que se encontram em Anexo (5).

A partir desta base de trabalho, observamos as diversas ocorrências da(s) palavra(s)-pólo, por forma a chegarmos à

---

(4) ibidem, Prefácio por Mário Vilela, p. 15.

(5) Vide "Anexos", particularmente A1 onde se explica, mais detalhadamente, o processo utilizado.

descodificação da sua significação textual, permitindo-nos projectar o pensamento do autor, no sentido da demonstração final.

Eis pois o método no qual assenta a análise efectuada nesta segunda parte. De salientar que, para o sub-capitulo "Contextos Cénicos de Situação" e porque se trata, em termos quantitativos, de excertos com menor dimensão, o nosso estudo incidirá sobre a totalidade das rubricas cénicas introdutórias de cada acto, possibilitando assim o enquadramento do texto dito.

# CONTEXTOS CÉNICOS DE SITUAÇÃO

Como já foi abordado em "A Especificidade do Texto", o cenário, ou seja, as rubricas cénicas introdutórias de cada acto, fornecem-nos a base, a partir da qual se vai constituir e instituir o ambiente necessário ao desenrolar da intriga.

Encontramo-nos perante uma obra constituída por 4 Actos, introduzidos por uma descrição dos respectivos espaços, já que cada Acto possui espaços cénicos diferentes.

Partiremos pois das rubricas cénicas introdutórias (texto não dito) para, depois de articuladas, estabelecermos as linhas gerais, os vectores dominantes, que contribuirão para a criação de um ambiente onde o texto dito reitera e interage com o texto não dito. A descrição do espaço é aproveitada para estabelecer um sistema de símbolos, que favorece e enquadra o aspecto relacional da comunicação verbal.

É na simbiose [ambiente (texto não dito) <--> diálogos (texto dito)] que surge a harmonia de um conjunto, a peça de António Patrício.

Recorremos, para facilitar a perspectivação do evoluir da obra sob um ponto de vista sequencial, à forma esquemática, tomando como pontos de referência a localização temporal e espacial, com o movimento que ambas implicam.

ACÇÃO

| Acto 1º | Acto 2º | Acto 3º | Acto 4º |
|---|---|---|---|
| ----------Outono---------- | | | |
| Noite | Entardecer | Noite | Noite/Amanhecer |
| Paço de Coimbra | Conv. St. Clara em Coimbra | Entre Coimbra e Alcob. | Igreja Monasterial de Alcobaça |

A acção, vista sob um ponto de vista de sequência cronológica, e é deste modo que ela se nos apresenta no texto, tem o seu início em determinada noite, Acto Primeiro, correspondendo o Acto Segundo, ao entardecer do dia seguinte, o Acto Terceiro à noite que segue esse entardecer e o Acto Quarto à continuação dessa noite, terminando com o amanhecer - espaço de quase 24 horas, com um patamar durativo: 2º e 3º actos.

Estamos perante um texto predominantemente marcado pela quase ausência de sol, de luz do dia, uma vez que a "noite" ou o "cair da noite" (entardecer) envolvem toda a acção, indiciando, conjuntamente com outros elementos, a presença da morte. Apenas no fim do último acto, presenciamos o amanhecer, com o sol que "ri" e a coroa que "refulge", o que contribui para um clima de alegria e paz que só faz sentido existir no final do texto, quando, como veremos mais adiante, o Amor supera a própria noção de Morte.

O levantamento lexical dos "índices de luminosidade" mostra que a grande maioria das imagens gira em torno dos conteúdos simbólicos das palavras "sombra", "penumbra", etc. Sobressaem, no entanto, alguns focos de luz como "dois tocheiros que ardem" (Acto Primeiro). O quantitativo "dois" acentua a escassez do elemento "luz" que conjugado com o factor "noite" e contextualizado, ultrapassa os limites da frase (sentido primeiro), deixando entrever, em redor, zonas intermédias de penumbra.

Esta ausência de claridade é também uma constante no Acto Segundo, onde o clima de indefinição dos contornos nos remete para um espaço infinito, porque não abrangível pelo olhar: "Não se vê os ângulos do claustro, os corredores perdem-se na cena [...] Os últimos planos já estão numa penumbra de oiro frio". O jogo de sinestesias presente nesta

última frase, em que se associam sensações térmicas e visuais antagónicas, remete-nos para um clima de desconforto, jogando-se embora com o aspecto valorativo da palavra "oiro".

O mesmo sentido cósmico, de universo aberto, está presente no Acto Quarto, onde "não se vê a abóbada: os colunelos dos pilares sobem sempre", e se vê apenas "um trecho das naves", existindo "um vitral esguio, mal distinto", única possibilidade de contacto futuro com o elemento "sol".

Os únicos pólos de luminosidade presentes no Acto Terceiro são "molhadas de círios (1) contra os troncos". Apesar da existência destes focos de luz, eles surgem-nos concentrados e indefinidos ("molhadas") e a escuridão é um elemento implícito na descrição do espaço, uma vez que é noite, o "caminho" é "arborizado" e fica assim "povoado de formas floconosas". Esta indefinição de formas contribui para a criação de um ambiente sem calor, sombrio, lúgubre acentuado por todo o cruzamento sinestésico delineado. Mais uma vez se combinam as associações álgidas e visuais transmitindo-nos um espaço cósmico, de negrume e indefinição.

---

(1) Segundo o Dictionnaire de Symboles, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Paris, Ed. Robert Laffort S.A. e Ed. Jupiter, 1982, o círio, elemento sempre presente durante a transladação, simboliza a relação entre o espírito e a matéria.

A construção do primeiro espaço cénico (rubrica cénica introdutória do Acto Primeiro) joga com a justaposição de dois planos: realidade + indícios psico-físicos:

| Realidade | Indícios |
|---|---|
| Sala de abóbada ..... ..... | alta e fria |
| Tapeçaria das paredes ..... | comida do sol, em gamas mortas |
| Vitrais ..... | dormitam na penumbra |
| Lareira ..... | sem lume |

A realidade dominante que se inscreve em pólos que abrem blocos nucleares, sobrepõe-se um real sugerido quase por contraste que nos é dado no processo de desenvolvimento desses mesmos blocos, anulando todo o ambiente de grandeza e sumptuosidade aparentes e remetendo-nos para um clima de nobreza decadente, de riqueza esvaída e de esplendor perdido.

Este espaço, caracterizado pela (tal) "nudez de desconforto lúgrube", assinala apenas a existência de um "escano", adjectivado de "rude", e de uma viola que, na aparência, nos remeteria para um clima de alegria, mas que, porque "esquecida", indicia tristeza, alegria de outrora e estímulo de recordação.

Este ambiente de quase ausência de vida é reiterado por todos os elementos que compõem o cenário. Os "vitrais" são marcados e personificados pela forma verbal "dormitam". Ora a característica humana que lhes é atribuida corresponde a uma não-vida momentânea, a um estado latente e implica uma quase ausência de luz exterior, tanto quanto a penumbra no cenário escolhido. As "tapeçarias" surgem numa quase ausência de cor, "comidas do sol, em gamas mortas"; também se encontra ausência de calor no ambiente, porque a "lareira" está "sem lume". O clima criado prenuncia assim a presença de um dos vectores mais fortes da obra -- a Morte.

Em contraponto com a não-vida no que o Homem criou, um apontamento no cenário: "os ramos frescos de choupo e de salgueiro", únicos elementos da Natureza aqui presentes, que deixam entrever, devido à adjectivação utilizada (frescos), a existência de uma Natureza viva. No entanto, também este vector - Vida - é quase anulado, pois aqueles ramos "só podem aquecer um serão de almas", serão na noite, achas de fogueira, em clima que propiciará a génese de recordação.

Também o Acto Segundo abre com o jogo antitético dos dois vectores já presentes no Acto Primeiro -- Morte/Vida.

O local, "claustro do convento de Santa Clara em Coimbra", é-nos descrito, primeiramente, numa visão de conjunto que contempla o espaço horizontal superior - "abóbadas laçadas", lateral - "paredes de azulejo" e horizontal inferior - "lajes tumulares". Esta visão tridimensional encerra elementos indiciais que nos sugerem um clima de grandeza, imobilidade, morte.

Justapondo-se a este ambiente quase sepulcral, surge num plano centrado e em destaque, a presença da Natureza "jardinzinho interior com uma fonte". Ainda que minimizado na sua dimensão pela utilização do diminutivo, mantém o valor afectivo a este associado. A sua inclusão no cenário, em contraponto com os restantes elementos, retoma a oposição aberta no Acto Primeiro: a imobilidade e a frieza dando lugar à mobilidade e à frescura, o ambiente álgido da morte contrastando com a vida de um jardim colorido, perfumado, em que a água ressoa.

Vejamos agora como esta antinomia funciona no Acto Terceiro:

É o espaço exterior que serve de "palco" a este Acto. Os pontos de referência são-nos dados, partindo do genérico para o particular, num processo que orienta uma perspectiva visual que vai de um plano superior e mais afastado, para um outro inferior e mais próximo. Temos como pólos principais: "um alto de colina", o "vale" e, por fim, "a aldeia".

Os dois primeiros pólos, onde se inscreve a Natureza, reiteram o clima outonal "árvores de outono a desfolhar-se", já presente nos outros actos. A simbiose céu/terra, dada pela expressão "núpcias das árvores e das núvens", remete-nos para um clima de harmonia e de vida, imanente à Natureza, reiterado até quando da referência a um "grande cedro" que "vela". A animização da Natureza patente nesta expressão leva-nos a uma visão panteísta do mundo, onde a Natureza-altar é fonte de vida e de amor.

A protecção tutelar atribuída ao "grande cedro" refere-se a um outro elemento -- "um cruzeiro de pedra que estende os braços" - também presente no cenário. É-nos assim introduzido um símbolo marcado pela morte e pelo sacrifício, cuja descrição, porque personificada, lhe imprime também uma marca de humanidade. E é o "humano", tomado como colectivo "a aldeia", que indicia o clima de apreensão, expectativa suprema, patente na expressão: "a aldeia vela, escuta".

É no último acto que quase parece desaparecer o vector Vida, surgindo este apenas (como atrás dissemos) no fim do texto com o amanhecer.

De salientar que, no que diz respeito à acção, estamos no momento que antecede a (possível) coroação da rainha morta. O túmulo de Inês de Castro surge, em termos de distribuição no espaço, no primeiro plano à direita, tendo como "pano de fundo" o altar. Tudo se perde na penumbra que domina o espaço cénico e, tal como nos outros actos, preside à sua abertura um instante de silêncio: "[...] grupos de frades -- numa azáfama silenciosa, fantasmal."

O clima religioso raia o místico, abre o além, como que preparando a comunicação entre o Homem e o SER OUTRO, que o envolve e domina. Acontece então a "Manhã. O vitral inflama-se de sol, estende um tapete fluído no lajedo [...] o vitral que fulgura, intumescido de sol, violeta e sangue. [...] O sol ri nos colunelos. A coroa refulge aos pés da estátua." O elemento "sol", só agora presente em cena, é fonte de luz, calor e vida. Acompanhado pelas palavras "violeta" e "sangue", remete-nos, pela simbologia a que estão associadas, para um clima de equilíbrio entre o mundo e o além.

A presença de luz diurna nos vitrais outrora adormecidos cria e transmite uma nova Vida: "O cabelo da Morta agora esplandece, dum loiro único, solar, mais fulvo do que em vida, mais ardente".

Pela transgressão dos valores sociais e pela negação de princípios que presidem à própria existência, transgressão esta, como veremos, impulsionada pelo valor simbólico atribuido ao Amor e à Saudade, abriu-se caminho para uma outra Vida onde a Morte, enquanto "a outra face da vida", é superada.

Chegamos a um momento em que estes dois pólos, considerados como antagónicos, coexistem numa relação que retoma, se bem que perspectivados de outra forma, os conceitos tradicionais de ressurreição e imortalidade.

# O TEXTO DITO: levantamento e perspectivação de algumas palavras-pólo

## O RETRATO DE EL-REI

Após o levantamento das formas lexicais "El-Rei" e "rei", apercebemo-nos de que nos surgem inseridas em micro-contextos pertencentes a acções verbais de Outrém (personagens secundárias) na ausência de quem se fala, de Outrém tendo o Rei como interlocutor e nas falas proferidas pelo próprio Rei.

Vejamos como é caracterizado Pedro pelo "olhar do outro", e como estes juízos de valor se interligam com os emitidos pela própria personagem.

Em termos de texto dito, todos os Actos se iniciam com diálogos entre personagens secundárias.

| | | |
|---|---|---|
| Acto Primeiro | ----- | Dois Pajens |
| Acto Segundo | ----- | [Freiras] Escudeiro / Abadessa |
| Acto Terceiro | ----- | Povo |
| Acto Quarto | ----- | Prior / Frade / Mestre António |

A função dos referidos diálogos é situar/esclarecer a acção e/ou fornecer vários dados e diferentes pontos de vista segundo os quais se vai construindo determinada imagem ou se vão abrindo linhas de incerteza relativamente à personagem principal.

Das várias definições referentes a "El-Rei", é a palavra "pai" a que mais se destaca, quer colocada na boca do povo, enquanto colectivo, quer proferida individualmente por diversas personagens.

VOZES, fora

Viva El-Rei! Viva El-Rei! El-Rei é pai.

(Acto I - p. 65)

SEGUNDO PAJEM, mais baixo

El-Rei é pai. Todo o povo o diz. El-Rei é pai...
[...]

(Acto I - p.63)

VELHO, lavado em lágrimas, sorrindo

El-Rei é pai... El-Rei é pai...

(Acto I - p. 67)

As qualidades que tais palavras nos poderiam sugerir relativamente à figura de El-Rei (protecção, compreensão, amizade, amor paternal), são de certo modo alteradas, pois estas definições associam-se a outras, cujo contexto frásico limita ou altera as conotações inicialmente sugeridas.

PRIMEIRO PAJEM

El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAJEM

El-Rei é pai, mas duro no castigo. [...]

(Acto I - p. 63)

A personagem real é aqui definida por meio de adversativas -- dois qualificativos que se sucedem a nível sintagmático, mas se "opõem" a nível do significado, pois abrangem qualidades contraditórias.

É entre estes dois pólos equidistantes que se vai construindo a figura de Pedro e se vai inscrevendo o confronto de juízos de valor tão antagónicos como os que presenciamos no diálogo entre o Frade e o Prior, a propósito do juramento proferido pelo Bispo da Guarda.

O FRADE VELHO

Sei que El-Rei o forçou: jurou coacto. Ah! Deixai-me dizê-lo a vós ao menos: - El-Rei D.Pedro é o carrasco dos corpos e das almas.

O PRIOR

Sois injusto, Irmão, sois mais que injusto. Vedes só o mal, que é de nós todos. Não vedes a grandeza, o timbre da alma. El-Rei D.Pedro, meu senhor, é um grande rei. [...]

(Acto IV - pp. 157/158)

Estamos assim perante uma personagem cuja caracterização possui contornos vários e antagónicos, consoante o momento e o ponto de vista do outro. Uma vez mais nos encontramos no complexo campo de formação do real, partindo-se agora do

olhar de alguém, que não o protagonista, sobre a figura régia (hetero-designação).

Há, no entanto, dados objectivos relativos à figura real: "bailador", "monteiro" e "folgazão" são características referidas tanto, por exemplo, no diálogo inicial dos dois Pajens, como nas próprias palavras do rei, em auto-referência.

PEDRO

> [...] O teu rei... o teu rei com azorrague à cinta; que por amor da Justiça, é até carrasco; o teu rei, monteiro e bailador, que é pai do seu povo, bom e duro... [...]
>
> (Acto I - p. 74)

O poder real, absoluto, é um factor presente ao longo do texto. Dele nos damos conta por sucessivas acções, quer presenciadas pelo leitor, quer narradas, em retrospectiva, pelas personagens.

A forma como o Escudeiro trava o primeiro diálogo com uma Freira (Acto Segundo) é uma clara demonstração da relação de prepotência para com as instituições, neste caso, a Igreja. Mandatário de El-Rei, o Escudeiro utiliza palavras como: "El-Rei manda, ordena, decidiu, force, obedecei", culminando com uma frase em tom de ameaça: "Por Deus vos juro: se não abris, tendes que arrepender-vos".

Esta sobreposição do poder real ao eclesiástico é bem visível na relação que Pedro estabelece com os membros do clero. Mais curioso ainda é a consciência que Pedro tem dessa submissão compulsiva e o discurso que profere a esse respeito.

PEDRO

> [...] (fica um momento à escuta. Dá com os olhos no Bispo que o espia, e estremece: muda de expressão) Que dizes tu, Bispo? Fazem-te frio aqueles uivos?... Era melhor ouvi-los dum bom leito...

O BISPO DE GUARDA

> Eu, meu senhor?! Estou aqui cumprindo as vossas ordens. Sois o meu rei...

PEDRO, com um rir de sarcasmo doloroso

> Sois o meu rei! Cumpres as minhas ordens!... Bem lembrado. Absolves-te assim de vires connosco. Não és meu cumplice; descansa. [...] Que dizes tu, ministro do Senhor?... (O Bispo esboça um gesto servil, vai a falar. Pedro não lhe dá tempo) Não precisas de dizer: Para quê!? O que tu dizes a ti mesmo sei-o eu bem; li-o eu em Santa Clara nos teus olhos, quando fitaste as minhas mãos que tinham sangue... (Com um rir convulso) Tenho pena de ti, Bispo. Ao que tu tens de obedecer, amigo!... (Ri outra vez) [...]
>
> (Acto III - p. 138)

O sarcasmo existente nas palavras de Pedro toca o absurdo, presente na figura de um indivíduo que tem consciência do poder ilimitado que detém, o ironiza, pondo a ridículo as outras personagens que, tangidas pelo medo, não ousam opor-se-lhe sequer pela palavra.

Esta situação repete-se ao longo do texto com as mais diversas escalas sociais. A Ciência, o Direito e a Arte, aqui representadas nas personagens do Astrólogo, do Corregedor e de Mestre António, respectivamente, estão também submetidas ao poder real que se resume afinal a um indivíduo que encerra em si as maiores contradições, mas com uma vontade que ultrapassa tudo e todos para que o seu desejo/sonho se realize -- a união suprema com o ser amado.

O medo, por um lado, e a submissão, por outro, são constantes na relação entre Pedro e as outras personagens. A forma como o Escudeiro relata à Abadessa a morte de Pêro Coelho e Alvaro Gonçalves não deixa dúvidas quanto à desaprovação relativamente a um acto por todos considerado como cruel.

O ESCUDEIRO

> É tarde. Já não posso contar-vos tudo a eito. Só direi o que importa, o grande horror, o que, cem anos que eu viva, há-de viver dentro de mim em sangue e lume. (Pausa) Esperávamos todos, - corte e povo. A corte dir-se-ia que fora condenada; e vestida de gala, - El-Rei o quis - tinha um ar de espanto, um ar funéreo. [...] Todos estavam varados de terror. Tristão por fim meteu-lhe a mão no peito... Tinha a faca na outra... ainda cortou... E todos vimos, mudos como pedras, o coração jorrando sangue quente. Ofereceu-o a El-Rei ajoelhado. E El-Rei meu senhor, ante nós, por duas vezes o mordeu...
>
> [...]

A ABADESSA

Meu Deus!... E ninguém disse nada? O senhor Bispo?...

O ESCUDEIRO

Ninguém... ninguém... Quem ousaria? [...]

(Acto II - pp. 107/108)

O ódio, o desejo e o prazer de vingança bem como a crueldade de que o próprio acto se revestiu revelam sentimentos que se prendem agora à figura de Pedro, e a que associamos a palavra "carrasco", utilizada quer em auto quer em hetero-designação. (1)

Surpreendente é a última parte do discurso do Escudeiro. Evitando-se, mais uma vez, qualquer leitura maniqueísta da personagem, contrapõe-se ao clima de violência descrito, a referência à última fala de Pedro, no fim da execução, bem como as palavras que o Escudeiro emite sobre a transformação operada naquela personagem.

O ESCUDEIRO

[...] Depois voltou-se, e os que estavam perto, ouviram-no dizer: - "Aleluia!", com uma voz de quem reza, os olhos doces. [...] Fui à sala do trono onde El-Rei estava. Junto dele, vi Afonso Madeira, o senhor Bispo, mais dois ou três... Olhei-o com espanto: era já outro... Tinha um olhar que trespassava a gente... e que ia muito longe... Deus sabe onde!... E um ar de mistério, quase humilde. Ia jurar que tudo lhe esquecera. [...]

(Acto II - p. 109)

(1) Cf. fala de PEDRO (p. 138) e fala do PRIOR (p. 158).

Este final de narração remete-nos para uma frase proferida por Pedro, ao prever o desenrolar dos acontecimentos: "E daqui a horas... sim, talvez daqui a horas, justiça será feita. Então a paz de Deus virá sobre a minha alma" (Acto I - p. 79).

Só quando El-Rei está ausente é que há qualquer diálogo directo entre as outras personagens. A partir do momento em que entra em cena, torna-se o pólo do discurso, sendo quase inexistente qualquer diálogo paralelo. A acção está permanentemente centrada nas suas palavras e o comportamento das outras personagens está sempre condicionado à sua presença.

Assim, tudo parte ou converge para a personagem Pedro -- indivíduo, ser de excepção, à volta do qual todos os outros se movimentam. Mesmo se "fora de cena", é uma ausência presente quando abrangida pelo olhar das outras personagens, que nos revelam o seu comportamento: "El-Rei [vem] atrás [...] El-Rei vinha a sorrir como se a visse [...] El-Rei apeou-se [...] El-Rei traz coroa [...] (Acto III - p. 133).

A relação "dominante - dominados" é uma constante ao longo do texto. Desde a personagem mais próxima de Pedro, Afonso Madeira, passando pelos elementos do clero, do povo e a própria nobreza, todos estão inseridos num espaço cuja referência e veneração é a figura real. Esta condicionante do comportamento obriga a um jogo de máscaras que nunca se desfaz.

De salientar que Pedro mantém diálogo com quase todas as personagens. As formas de tratamento utilizadas são também sintomáticas da relação que estabelece com os vários interlocutores. Todos, à excepção de Martim e Pêro Coelho na última fala, utilizam, quando em diálogo directo com o rei, a forma de cortesia "meu senhor", revelando claramente (e por analogia à religião cristã) uma relação de subjugação a alguém quase "endeusado".

O único pólo de oposição à personagem central, o bloco formado por Pêro Coelho e Alvaro Gonçalves, é tiranamente anulado no fim do Acto Primeiro, estando assim eliminada qualquer relação de conflito entre Pedro e as restantes personagens. De salientar que a fala que Pêro Coelho profere aquando da sua revolta ao ser chicoteado por Pedro, desaparece a forma de cortesia e surge um discurso marcado pelo tratamento por "tu".

PERO COELHO, ensandecido pela dor, mais perto dele

> Continua, covarde!... é teu o Salado... Da coroa do teu pai resta um chicote. Anda!... Té que a boca te espume de luxúria... (Pára um segundo) Quem o serviu como eu, vê-te com asco. Vá!... Continua... Nem sei o que és mais: farsante ou carniceiro...
>
> (Acto I - p. 93)

A partir da execução, todos são adjuvantes (pela força ou pelo coração) de actos considerados crueis (morte dos assassinos de D.Inês) ou aterradores (transladação e coroação de D.Inês). Não deixa, no entanto, de existir alguma censura, se bem que pontual, não enquanto acção empreendida por qualquer personagem, mas enquanto expressão do pensamento traduzida ora pela figuração (expressão do rosto/mímica) ora por juizos valorativos traduzidos por palavras, mas sempre na ausência do Rei.

Um dos casos em que são tecidas duras críticas à figura real observa-se no inicio do Acto Terceiro, momento em que são proferidas as seguintes frases por alguns elementos do povo.

OUTRO HOMEM

> E para matar saudades, -- como sete anos só é muito tempo, El-Rei nosso senhor tinha mancebas. Duas ao menos: alguns dizem três. Vós bem sabeis os nomes, todos vós...

UMA MULHER, rindo

> O verdadeiro amor estava na cova, e os outros cá fora.
>
> (Acto III - p. 131)

É então que é exaltada e defendida a causa de Pedro, por meio de um discurso proferido por um outro elemento do povo. Explica-se toda a contradição do ser humano, perspectivando a sua existência em termos de religião cristã.

PRIMEIRO VELHO

> Deixai zumbir, deixai falar quem fala. A carne, às vezes, é só lodo, é vil: mas é também uma janela para a dor. A dor de El-Rei D.Pedro era a saudade. Ninguém a viu? Que importa! Viu-a Deus. [...] Primeiro deu-lhe [a Inês] Deus o seu martírio; depois beijou-lhe a alma com piedade, aqueceu-a nas mãos que criam mundos e são aconchegadas como ninhos; e o milagre deu-se [...]
>
> (Acto III - p. 131)

O Homem é visto como uma dualidade composta por carne e espírito. O primeiro, visível ao comum dos mortais, é identificado como "lodo". Quanto ao segundo elemento, ele é sinónimo de dor e apenas Deus é testemunho da interioridade humana. Deus, sujeito dos designios humanos, impôs a Inês, à semelhança do que acontecera com Cristo, martírio e redenção.

Como entes supremos, surgem-nos Deus (Pai no Céu) e Pedro (pai na terra) e o encontro destes dois elementos está na natureza: "as núvens no vale" e "o céu desceu à terra" -- que podemos identificar com a imagem bíblica do fim do mundo, o juízo final.

PRIMEIRO VELHO

> [...] O arauto disse: E na Casa de Deus será coroada. El-Rei o quis assim, - - El-Rei que é pai. Não é num Paço -- vêde! -- é numa igreja. Deus vem com ele. Ampara a que se ergueu... [...] Nunca vi tantas núvens sobre o vale. Parece até que o céu desceu à terra.
>
> (Acto III - p. 131)

Apesar de reconhecido, pela maioria das personagens, o grande amor de Pedro por Inês, outras há que vêem esta relação como imoral, abordando e perspectivando de outra forma o comportamento do rei.

O FRADE VELHO, numa exaltação crescente

> Um grande rei, dizeis!... Um rei perjuro, que quebrou por vingança, friamente, o juramento que a seu pai fizera; que se diz justiceiro e é só carrasco; um rei cristão que enforca bispos, e os força, por terror, a jurar falso; um rei cristão que insulta Roma, e mais ainda, o Deus que o julgará -- canonizando a amante nesta igreja...
>
> (Acto IV - p. 158)

E a mais dura critica é tecida pela mesma personagem que, não podemos esquecer, é um elemento do clero.

O FRADE VELHO

> Ei-lo o carrasco -- ao som das longas!... a iena que o cio ensandeceu, o rei coveiro de chicote e coroa, que em espírito roussa pela morte!... [...] Ei-lo o maldito! [...]
>
> (Acto IV - p. 158)

Curioso é o facto do próprio rei ter utilizado palavras semelhantes, ao "ler" o pensamento de um outro elemento do clero, demonstrando assim ter consciência do "olhar do outro".

PEDRO, com um rir de sarcasmo doloroso

> [...] Tenho pena de ti, Bispo. Ao que tu tens de obedecer, amigo!... (Ri outra vez) A mim -- olha-me bem -- a mim! (Caminha para ele. O Bispo recua aterrado) A um rei coveiro... um milhafre de azorrague e coroa!... carrasco e hiena... que dá a beijar as mãos ainda com sangue, e tem nas vestes terra duma cova... (Com gestos de delírio) Um rei que troca o ceptro pela enxada, e uma enxada tosca de coveiro!... que vindima de noite -- ao sol da Morte onde só abrem almas... [...]
>
> (Acto III - pp. 138/139)

Pedro é a personagem que possui o mais longo e profundo discurso, grande parte do qual é produzido em monólogo. A construção destes monólogos, e porque se trata de um texto dramático em que estão presentes em "cena" outra(s) personagem(s), assenta na criação da ilusão, no leitor, de um discurso dialógico, no qual, muitas vezes na realidade, o outro interveniente tem um papel quase passivo.

Afonso, personagem com quem o rei contracena largamente, proporciona as longas falas de Pedro, impulsionando a continuidade do seu discurso. Sendo a personagem que lhe é mais próxima, permite-se a alguma censura, se bem que apenas inicialmente e a medo, sendo aquela utilizada para que Pedro contraponha vigorosamente, justificando plenamente os seus actos.

AFONSO

Então perdoai, senhor. A quando Infante, não fizestes acordo com El-Rei, com El-Rei vosso pai, de perdoar aos matadores de D.Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpris, meu senhor... não...

[...]

AFONSO

Sofrei que vo-lo diga: sois perjuro.

PEDRO, com um fervor de iluminado

Perjuro!... Conheces tu, Afonso, a minha fé?... Como sabes então que perjurei?... Eu vivo pró Amor e prá Justiça. O meu povo... a corte... mesmo tu, só conhecem de mim o justiceiro. Mas para além da Justiça e bem mais alto, há um rei que te fala e não conheces, que é rei de Portugal e anda na Morte, porque é nela que vive o seu amor... [...]

(Acto I - p. 74)

A defesa destes dois valores remete-nos para duas realidades em que a própria personagem se projecta -- a Justiça no "mundo real" e o Amor numa outra dimensão, uma supra-realidade que engloba a vida e a morte.

é também através do diálogo entre estas personagens que nos é transmitido o carácter de "ser de excepção" relativamente à figura real. O seu grande amor por Inês é um sentimento impar, jamais experimentado pelo comum dos mortais.

PEDRO, reanimando-se, com uma voz branda de somânbulo

> Tu não sabias, Afonso. Não tens culpa. Mas agora compreendes... compreendes... Vês bem o meu destino: como eu... Tem as mãos nos ombros do teu rei... e leva-o, leva-o como o vento no mar, as minhas naus. Nenhum homem o teve igual. Não crês, Afonso?

AFONSO

> Ninguém amou um amor tão alto, meu senhor.

PEDRO

> Ninguém, ninguém. [...]

(Acto I - p. 75)

À medida que o texto avança, assistimos à alterações no comportamento de Pedro. Aliás, apercebemo-nos delas através das palavras da própria personagem.

PEDRO, uma mão no ombro de Afonso, com uma voz que parece vir de longe

> Se um dia vos virdes nuns olhos de mulher ou numa fonte -- ou num silêncio assim, como este... agora, -- sabereis que não existis, que nem sois sombras, e que o vosso rei -- pobre de mim, -- é um rei sem corte, com uma corte de árvores e névoa... um rei só... um rei só... no maior reino...

(Acto III - p. 139)

Recusando agora o estatuto social que ocupa na realidade que o rodeia, Pedro transfere a sua condição de rei para um mundo transcendental. Porque vivenciou uma situação limite (destino único) e porque o seu sentimento por Inês nunca teve paralelo ("nunca ninguém amou tão alto"), Pedro atinge um estado superior, de identificação total com o ser amado, onde todo o passado, outrora fonte de sofrimento, é agora fonte de regozijo.

Depois de todo um percurso, Pedro vê-se agora como o indivíduo que atingiu um estado de consciência plena.

PEDRO

> Sou o rei... o rei do maior reino... do reino que me deste, minha Inês... Duas vezes Rainha!... Santa! Santa!... Se estou aqui ao pé de ti -- tudo foi bom!... A minha dor, Inês, beijo-a nos olhos!... beijo-a como beijei a tua boca... como -- cerrando os olhos na saudade -- beijei, beijei, beijei a tua alma... Tudo, tudo foi bom. Tudo eu bendigo. Oiço bater o coração do meu destino. Agora sei, Inês... agora entendo. Morreste moça -- para viveres na eternidade sempre moça. Bendito seja sempre o teu martírio! [...]

(Acto IV - p. 168)

## A DICOTOMIA MORTE/VIDA

A Morte e a Vida, enquanto fenómenos inerentes à realidade física são opostos que se anulam, pois correspondem ao início e termo da existência. Esta é a realidade do homem comum que o próprio Pedro vivencia na pessoa de Inês.

PEDRO

> [...] O último beijo que me deste em vida, foi numa hora assim: caíam folhas... [...] Foi nessa hora que eu nasci para a dor: foi na hora sagrada em que morreste, que a minha alma nasceu para te adorar. [...]
>
> (Acto VI - p. 166)

Esta realidade imutável e fisicamente intransponível implica determinada valoração do conceito "vida" e "morte", traduzindo-se genericamente pelos sinais (+) e (-), ou seja, "vida" conotada positivamente e "morte" negativamente.

Se bem que esta oposição seja o ponto de partida, a causa próxima do conflito que presenciamos ao longo do texto, a dicotomia "Morte/Vida" vai-se tornando uma relação multifacetada, complexa, a que as várias personagens atribuem conotações diversas.

Num primeiro momento, a Morte funciona para Pedro como um recurso para satisfazer o seu desejo de vingança:

PEDRO

> Nem a Morte... Dizes bem, Afonso. Nem a Morte... [...] Tu sabes porque não durmo há já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza, e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas?... [...] Tu conheces-me, Afonso. Tu sabes que é bem outra a minha caça, e há muitos anos já, há muitos anos...
>
> (Acto I - p. 73)

Só a partir da concretização desse acto de vingança - execução dos matadores de D.Inês - é que tudo se perspectiva num segundo plano, devido ao rompimento com um passado que o atormentava.

PEDRO

> Não, não. é outra sede... é outra. (Com uma serenidade aparente) Ora imagina tu que justiça foi feita. E daqui a horas, justiça será feita. Então a paz de Deus virá sobre a minha alma. [...]
>
> (Acto I - p. 79)

A Morte, quando associada à figura de Inês, toma na personagem Pedro uma dimensão inteiramente nova. O desaparecimento físico do ser amado marca, na vida de Pedro, um momento crucial, fazendo despoletar um sentimento ainda mais forte.

PEDRO

> [...] Foi nessa hora que eu nasci para a dor: foi na hora sagrada em que morreste, que a minha alma nasceu para te adorar. Até à tua morte - eu só te amava. [...] O nosso amor, amor, ainda era pouco. Só abraçado à morte ele inicia: só a Saudade revela, sabe a Deus. [...]
>
> (Acto IV - p. 166)

Mas a exacerbação do amor é acompanhada por sofrimento, e a realidade que Pedro vivencia durante um ano é marcada por amargura, martírio e auto-culpabilização.

PEDRO

> Vivi um ano assim, do teu martírio. O teu sangue, amor, era o meu vinho. A tua morte, Inês, foi o meu pão. Fugia ao sol: a luz envenenava-me. Queria estar só, bem só, murado em mim: - cavava no silêncio um fojo de tortura: - viviam lá um carrasco e os assassinos. E o carrasco era eu, era o teu Pedro. [...]
>
> (Acto IV - p. 167)

Fugindo ao real que o envolve, Pedro vive no isolamento, sobrevalorizando a dor sentida pela morte do ser amado. Mas este estado de sofrimento é ultrapassado:

PEDRO

> [...] Mas um dia, "Alguém" desceu ao fojo: - "Alguém" que era da morte e era da vida; e mais - de além da morte e além da vida... E eu vi a saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu. Sou o homem que viveu a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade...
>
> (Acto IV - p. 167)

As barreiras fisicas que o separavam de Inês impediam-no de aspirar a uma identificação total, só possível pela dimensão agora atribuida ao sentimento Saudade, esvaziando-o das conotações que tradicionalmente lhe são atribuidas. A Saudade, porque partilhada na vida (Pedro) e na morte (Inês), permite a comunhão absoluta entre estes dois estados, confundindo-os. A Saudade e o Amor anulam a própria noção de Morte ( = destruição, afastamento), convertendo-a num bem perene e englobando-a, tal como a vida, num Reino de Amor, sem fronteiras. Desta forma, Pedro transfere para o reino da imaginação um ideal irrealizável no mundo que o envolve.

Deste fenómeno nos são dados, pela personagem Pedro, exemplos paradigmáticos:

PEDRO

> [...] Uma mãe dorme em sobressalto: acorda... A saudade bateu: Truz! Truz! - de leve. Vai abrir: - é ele, o filho morto!... E outra vez se sorriem e se beijam. Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo; nunca se amaram tanto, tão profundo... - "Dei os braços à Morte para embalar-te. Pedi-lhe que fosse ela a tua mãe." - "A Morte!?... Nem a vi, minha mãezinha. Cuidei que eras tu que me levavas." - [...] Outra... Perdeu o noivo - e ei-lo que volta! [...] - Vens de tão longe!... "Venho da tua alma. Ressuscitei em ti, oh meu amor." - "Como é a morte? Diz-me o seu segredo." -"Estive sempre contigo. Nem a vi." - E como estas, outras, muitas, muitas... [...]
>
> (Acto III - p. 137)

Mas esta visão só é possível, se se reformular o significado até agora atribuído ao conceito "Morte". Tal como aconteceu com o conceito "Saudade", refuta-se também a leitura tradicional e cristã de Morte - separação corpo/alma:

AFONSO

> Sou teu, tu és minha.
> Quem morre não parte;
> Nem Deus nem a Morte
> Puderam levar-te.
>
> (Acto I - p. 68)

Rompendo com a dicotomia Vida/Morte, Pedro rejeita uma vez mais o conceito cristão de vida para além da morte e fala-nos antes de vida na morte e de morte na vida. A realidade física que o rodeia é algo de que cada vez mais se afasta para se aproximar de um outro real, por ele próprio construído, um mundo inteligível, no qual se opera, numa dimensão simbólica, a conjugação dos opostos.

PEDRO

> [...] Mas para além da Justiça e bem mais alto, há um rei que te fala e não conheces, que é rei de Portugal e anda na Morte, porque é nela que vive o seu amor... [...] O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte, a sua natureza de mistério... [...]
>
> (Acto I - pp. 74/75)

O estado "morte" de Inês é referido por Pedro como um estado de latência do qual é possivel despertar -- momento transitório até à união com o ser amado.

PEDRO

> Shut! Shut!... Estais na câmara da Rainha. Dorme... A vossa Rainha dorme. Só nós velamos. Adormeceu com ela a vida toda. Dorme. Dorme reinando... com a sua coroa de oiro... o ceptro de oiro... Rainha de Portugal. _ Rainha da Morte... [...]
>
> (Acto II - p. 120)

As características atribuidas à Rainha Morta têm o seu ponto mais alto no monólogo de Pedro. A morte adquire aqui um cariz positivo, um estado de apuramento dos sentidos:

PEDRO, com uma doçura imensa

> É a nossa hora, Inês... Estamos sozinhos. Estás bem assim!? Tu ouves-me dormindo. Eu fico aqui à tua cabeceira. Não bulas, meu amor, dorme assim queda - como a tua estátua ali, sobre o teu túmulo... Esta é a Casa de Deus. Deus está connosco. Ouves os sinos repicar!?... Toca a noivado. As nossas bodas agora - são eternas. Sinto na minha alma a tua alma - como a água duma fonte noutra fonte, como a luz na luz, e Deus em Deus... Sinto-te tanto, que te perco em mim. Aqui me tens , Inês: sou o teu Pedro. O que ele tem, o que ele tem para te contar!... Eu bem sei que tu sabes... sabes tudo. Os teus ouvidos, na Morte, ouvem melhor. [...]
>
> (Acto IV - p. 165)

Negando o real que o envolve, Pedro cria agora uma segunda realidade apenas por si vivenciada, que toma uma

dimensão cósmica, englobando a vida, a morte, o amor e a saudade. Esta realidade, que só Pedro experimenta, não é sequer perceptível ao homem comum. Este apenas se apercebe dos sinais exteriores.

AFONSO

> [...] Este que está aqui, é o Rei-Saudade... Mas ninguém o conhece... ninguém sabe... Nem mesmo logo, ao vê-lo coroar a Rainha morta, alguém da corte ou do povo o saberá. Só verão os oiros das dalmáticas e o fumo dos turíbulos no ar... E hão-de ouvir cantar missas: nada mais. [...]
>
> (Acto IV - p. 171)

Embora necessárias ao desenrolar de todo o processo, as outras personagens são para Pedro, quando confrontado com essa segunda realidade, apenas sombras humanas, imagens fantásticas, que se vão desvanecendo.

PEDRO

> [...] Tu [Afonso], sim. A ti vejo-te eu bem. Tu és o mesmo. Mas o meu reino!?... o meu reino!? O meu reino perdeu-se no nevoeiro, e agora é isto a minha corte: uma corte de espectros, levando o meu amor naquelas andas, por as estradas dum planeta morto... [...]
>
> (Acto III - p. 147)

Apesar de "mortos" relativamente à realidade que Pedro agora vivencia, eles são uma presença que o Rei exige aquando da transladação de D.Inês. Serão o testemunho do último acto público -- a coroação em Alcobaça.

PEDRO, bruscamente

> Que as longas soem! E que os círios abram alas! A caminho! As donas descansaram, imagino. (A algumas que estão junto ao cruzeiro) A névoa desfez os penteados: afogou-vos. Estais amarelas como mortas... É que o sois. [...]
>
> (Acto III - pp. 145/146)

O momento inicial da transladação de Inês funciona para Pedro como que o reencontro físico com o ser amado, proporcionando a união "perfeita", participada pela própria natureza, criatura animada cujo movimento interage com o sentimento humano.

PEDRO

> Inês!... O teu Pedro veio erguer-te: a vida é outra. O Destino já não tem a mesma rota... [...] Mas a minha alma fez-se toda branca... A tua pode vir... A minha é um berço... Há-de embalar como um menino, a tua... como o céu embala o fim do dia. (Pára um instante) Oh! Como a vida está toda suspensa!... O céu e a terra escutam-se, entenderam-se... Ouves!?... São dois abismos a beijar-se...
>
> (Acto II - p. 118)

Presente ao acto de transladação por imposição de Pedro, o homem comum atribui-lhe um sentido diferente. O momento de encontro acima referido torna-se agora, na voz do povo, uma narrativa falseada de acontecimentos que o leitor presenciou.

O VELHO

[...] Como eu dizia: El-Rei tirava a terra, de joelhos... Tirou até com as mãos, largara a enxada. E ao tocar no caixão, no caixão dela, todos ouviram que chamou três vezes, que a chamou como em vida: Inês... Inês... Depois pôs-se de bruços sobre a cova, e tocou no caixão muito ao de leve... Foi então que se ouviu!... Ouviram todos: os bispos, as freiras, toda a corte...

UMA MULHER, com uma surpresa atónita

Ela falou?... A morta!? Quem a ouviu?

O VELHO

Ouviram todos a voz dela, como em vida, a dizer assim: és tu, meu Pedro? Por onde andaste a montear sete anos?...

(Acto III - p. 128)

A leitura que um dos elementos do povo faz desta narrativa prende-se ao conceito cristão de morte e ressurreição.

O VELHO

É um milagre de Deus. É Deus que o quer. Não é o primeiro morto que cá volta... (Pausa).

[...]

PRIMEIRO VELHO

Também é minha fé que ela é uma santa. Deus que lhe deu o martírio, deu-lhe a palma. E em Santa Clara, os bispos, a abadessa, e toda a corte, a ouvi-la ajoelhou... Nenhum sino dobrou desde Coimbra; e não vêm carpideiras: ninguém grita. Os sinos só dobram por os mortos; e ela nasceu segunda vez: ressuscitou.

(Acto III - p. 130)

Para esta personagem a ressurreição, por intervenção divina, é a única possibilidade de superação da morte, remetendo-nos por analogia para a morte e ressurreição de Cristo.

Por outro lado, a Morte é vista por elementos do povo como uma entidade metafísica que é necessário respeitar.

OUTRA MULHER

Abrem-se as covas... Mau agouro.

UMA VELHA

Anda a Morte no ar correndo o reino.

(Acto III - p. 129)

VOZES DE MULHERES

[...] - Passou agora um frio, um grande frio... -
Anda a Morte entre as árvores à espreita!... -
Quer levá-la outra vez, roubá-la a El-Rei...

(Acto III - p. 133)

A Morte possui para estas personagens uma carga negativa, algo com poderes sobrenaturais, de que nos devemos proteger e cujo desrespeito é uma ameaça que implica temor. O clima de terror perante a sua presença é reiterado pelos elementos da natureza: frio, névoa, árvores ossadas, folhas que caem, culminando com uma comparação, na qual se personifica e identifica em absoluto a natureza e o sentimento humano: "As núvens caem no vale como mortas."

O problema da "violação da morte", sob o ponto de vista da tradição cristã, toma a sua mais acérrima crítica na boca do Frade de Alcobaça, que duramente critica a actuação de Pedro.

O FRADE VELHO.

> [...] Queimai incenso em todos os turibulos: a podridão dessa alma e dessa morta há-de impregnar as naves, o granito, prostituir o ar, queimar as preces!...
>
> (Acto IV - p. 158)

Curiosa é a forma como a Morte é perspectivada, por um lado, e vivenciada, por outro, por um dos elementos também representantes da Igreja: a Freira. Quando refere a morte da Madre-Abadessa, perspectiva-a segundo o conceito cristão de morte e ressurreição para o juízo final (1).

No entanto, quando presenciada, a Morte toma uma dimensão diferente. Tal como Pedro, perante uma experiência pessoal de dor e saudade, o espírito recusa a aceitação desse facto, invertendo a visão da realidade. Não se trata agora de vida na morte ou morte na vida, mas da morte que anula a vida e a substitui.

---

(1) Cf. fala da PRIMEIRA FREIRA - (Acto II - p. 101).

PRIMEIRA FREIRA

> [...] Respirei-a, palpei-lhe as mãos: - frias de neve: ainda a beijei outra vez... e outra ainda. Já não estava ao pé de mim... Tinha passado. Ajoelhei aos seus pés para rezar, mas não tinha voz, não sei que tinha: esqueceram-me as palavras de repente... Quis chamar: não podia... Foi então que tive medo, um medo horrível... Fiquei assim, como uma coisa, muito tempo. Parecia-me - que doidice! - que a Morte escalara os muros do convento, e que matara tudo: as flores da cerca, toda a comunidade... e só ficara a viver a minha morta!... (Pausa) Levaram-me para a cela a arder em febre. Lembrai-vos? Fiquei assim três dias.
>
> (Acto II - p. 100)

É o testemunho de alguém que sofreu a morte de outrém, com quem mantinha uma estreita ligação. A dor e a saudade fizeram com que também se sobrepusesse à negação do real, um estado de delírio.

## A SAUDADE E O AMOR

No Acto Primeiro, num dos diálogos iniciais que Pedro trava com uma personagem secundária, um Velho, a palavra "saudade" surge num contexto em que lhe é atribuída a significação denotativa -- sentimento marcado por sofrimento, solidão e afastamento.

VELHO

> [...] Um entardecer, ao entrar, não achei ninguém. Ele viera por ela. Fiquei só. Vivi no monte aquele Inverno ralado de saudade a mai-las cabras... [...]
>
> (Acto I - p. 66)

Este sentido atribuído à palavra "Saudade" é também referenciado por Pedro quando em diálogo com Afonso.

PEDRO

> Sentes, Afonso?... Cheira a Outono. (Fica a aspirar alguns segundos) Os perfumes na sombra têm uma voz de aparição.

AFONSO

> Cuido que são das laranjeiras, meu senhor.

PEDRO

> Talvez. Mas mais magoadas... como se a saudade as pisasse, as triturasse.
>
> (Acto I - p. 78)

Também outras personagens, como Martim e alguns elementos do povo, referem este sentimento, mas sempre com o sentido anteriormente referido.

No entanto, a partir do momento em que se torna necessário justificar o desenrolar da acção, a palavra "saudade" tem, na boca de Pedro, uma nova significação. Personificando-a, dando-lhe vida como sujeito exterior que domina o sujeito-homem, Pedro atribui-lhe a dimensão de um sentimento supremo que impele e obriga, força que permite a libertação.

PEDRO, à Abadessa

> Erguei-vos, Madre. Não sou eu que vos venho perturbar. é a Saudade que me traz, é ela só. Estáveis em sossego... Mas ela veio: beteu-vos à porta, e entrou em lufada, um rei e uma corte. (Quase gritando) Madre! A minha saudade é uma iena: vem desenterrar o meu amor... Onde está ele? (dominando-se) Onde me espera a que será vossa Rainha?
>
> (Acto II - p. 112)

A identificação "saudade - hiena", que nos remete para uma outra fala em que se estabelece o paralelo "saudade - falcão", implica, por outro lado, uma marca de ferocidade aliada ao instinto primário, algo impossivel de deter.

Indiciada logo pelas palavras da balada que Afonso canta para Pedro, a função primordial atribuida à saudade --

restituição do objecto amado -- vai sendo reiterada ao longo do texto, por meio das mais diversas expressões.

AFONSO, cantarola, uma voz átona

Mondego, Mondego;
O sonhos voou;
Mas veio a saudade
E ressuscitou

(Acto I - p. 81)

PEDRO

é ou não como eu te disse, a minha noite? Abre de par em par a tua alma. é a noite em que a saudade se fez carne. [...]

(Acto IV - p. 137)

PEDRO

[...] Uma mãe dorme em sobressalto: acorda... A saudade bateu: Truz! Truz! - de leve. Vai abrir: - é ele o filho morto!... E outra vez se sorriem e se beijam. Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo. [...]

(Acto III - p. 137)

Ao cariz positivo agora associado a este sentimento, junta-se a atribuição de poderes sobrenaturais, quando comparados aos de Cristo.

PEDRO

[...] A saudade hoje passa pelo mundo, como o Cristo passou por sobre o mar. Vê como tudo se calou para a sentir!... Eu sabia que quando Inês se erguesse, seria assim a noite. [...]

(Acto III - p. 137)

Estamos perante um conceito que engloba o mundo da metafísica e, como tal, permanece para além da vida.

PEDRO

> [...] Que sei eu da Justiça!? Eu só agora me conheço, Afonso. Também me vi nos espelhos do meu Paço... A saudade sei eu que é o olhar das almas; mas a Justiça, Afonso, é o olhar de Deus. [...]
>
> (Acto III - p. 140)

PEDRO, oirado de névoa sem o ouvir

> [...] Hé! Trombeteiros! Que as longas soem! Halalis! Halalis!... Sou eu que vou montear para além da morte!... Quem viu o meu falcão, moços de monte?... Vai comigo desperto em plena noite... é a saudade, chama-se saudade! Bom companheiro... Companheiro eterno...
>
> (Acto III - p. 147)

Num movimento ascendente, a Saudade toca o divino.

PEDRO

> [...] O nosso amor, amor, ainda era pouco. Só abraçado à morte ele inicia: só a Saudade revela, sabe a Deus. Oh! Os meus dias... os maus longos dias - dias de hiena triste, a sonhar sangue... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijes: - e serão puros na saudade, como tu. [...]
>
> (Acto IV - p. 166)

Como entidade extra-temporal, a saudade estabelece a ligação entre os dois estados "Vida/Morte".

PEDRO

> [...] Mas um dia, "Alguém" desceu ao fojo: - "Alguém" que era da morte e era da vida; e mais - de além da morte e além da vida... E eu vi a saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. [...]
>
> (Acto IV - p. 167)

Presente agora na interioridade de Pedro, a saudade vai permitir o fenómeno de identificação total com Inês, rompendo-se com todas as fronteiras. No momento final da transladação, Pedro vê-se como um indivíduo a quem este sentimento permitiu a transposição da dicotomia Vida/Morte, vivenciando-as em harmonia com o ser amado, agora projectado no "além".

PEDRO

> [...] [A saudade] Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu. Sou um homem que vivi a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade...
>
> (Acto IV - p. 167)

O seu reino de Amor e de Saudade é um espaço cósmico e transcendental, o absoluto, em que Pedro se projecta.

Significativo é o facto de, no final do texto, Afonso repetir as palavras de Pedro, sintetizando, como se de um mote se tratasse, o pensamento desenvolvido na obra.

AFONSO, continuando - como em sonho

> [...] Ouve, Afonso. O meu reino é maior do que tu pensas: - Portugal é uma província apenas... O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte, a sua natureza de mistério...

(Acto IV - p. 171)

## A NOITE

Perspectivada em vários planos, a "noite" acompanha grande parte da acção, deixando que a obscuridade implícita percorra os diversos lugares do texto.

Utilizada com valor referencial (período de tempo que se caracteriza pela ausência de luz do sol), a palavra "noite" aparece integrada em contextos diversos: "Ainda é dia, e já aqui começa a fazer noite" (Acto II - p. 101); "Agasalha-te bem; a noite molha" (Acto IV - p. 148).

No entanto, a noite é, por excelência, momento de conspiração, período em que se manifestam os instintos primários de morte e de vingança. é durante a noite que os matadores de D.Inês urdem o seu assassinato, e que Pedro nutre o sentimento de vingança, aguardando a chegada de Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves.

Ainda quando utilizada a palavra "noite", embora em sentido lato mas com valor conotativo, aquela inscreve-se numa área semântica que nos remete para a ideia de morte. Referindo-se à terra da sepultura de Inês diz Pedro: "[...] a terra que fez noite nos teus olhos [...]" (Acto II - p. 117).

No entanto, importante é a outra dimensão em que se perspectiva a palavra "noite" quando precedida por determinantes que a circunscrevem, e elementos que a definem. Esta é a noite prenunciada por Pedro como o momento supremo, o da transgressão, o ponto de transição do real para o ideal, em que a imagística á tão obscura e complexa.

PEDRO

> [...] Eu sabia que quando Inês se erguesse, seria assim a noite. Não to disse?... Na noite das nossas bodas, das supremas, eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos. É esta, é esta a minha noite. A noite em que a saudade se fez carne!... [...]
>
> (Acto III - p. 137)

É também este o momento da anulação do tempo, num processo de eternização pela superação dos opostos.

PEDRO

> [...] a noite em que o passado está presente, mas presente adivinho, com futuro, abrindo os olhos sobre um fundo eterno... [...]
>
> (Acto III - p. 137)

Esta é a noite de Pedro e Inês. Chegando a um estado de forma pura, sem qualquer envolvimento exterior, aproximamo-nos de um mundo sensorial, evocado por meio de uma linguagem marcadamente sinestésica.

PEDRO

> [...] As formas despem-se -- como as noivas à beira dos seus leitos... Sente a sua nudez, nudez sagrada. É uma nudez toda aromada a mirra, macia como as sombras e mais leve... [...]
>
> (Acto III - p. 137)

Tudo se vai assim desvanecendo. Da realidade envolvente, agora definida como "planeta morto", restam apenas "flores de luz". É este o elemento da natureza que ainda tem vida e acompanha a transladação de Inês. O verbo que lhe está associado deixa transparecer uma atmosfera vagamente luminosa, fluída e sem contornos, transmitindo-nos a visão de um universo deformado.

PEDRO

> [...] O meu reino perdeu-se no nevoeiro, e agora é isto a minha corte: uma corte de espectros, levando o meu amor naquelas andas, por as estradas dum planeta morto... sempre e sempre... entre flores de luz que bruxoleiam... atrás de mim -- fantasma de mim mesmo... [...]
>
> (Acto III - p. 147)

A distanciação que cada vez mais sentimos existir entre Pedro e os outros, é um processo consciente que tem o seu expoente máximo no "monólogo" que o rei profere perante o túmulo de Inês.

PEDRO

> [...] O meu reino lá foi -- sumido em névoa. Adeus salas de pedra dos meus Paços... meu povo e minha corte... meu chicote de justiceiro... noites de folgança ao som das longas... manhãs de montaria... bons nebris... Sois uma asa no fundo da memória [...]
>
> (Acto IV - p. 168)

A permanente desfocagem a que vimos assistindo, aqui sugerida pelo esfumar de uma imagem que apenas se vislumbra, é deliberadamente criada para que o olhar do leitor se vá também desprendendo do mundo circundante e se possa fixar para além da realidade, no mundo do sonho, mundo interior da imaginação, em que Pedro procura encontrar-se e encontrar o verdadeiro sentido da sua existência.

Até ao momento em que se opera a união com Inês, tudo reitera o ambiente sombrio e indefinido inerente à atmosfera nocturna que nos acompanha desde o início. Só quando Pedro, no fim do texto, recorda os momentos de amor passados com Inês, é que começamos a ter contacto com o sol e a luz diurna evocados nas suas palavras e associados à alegria de viver outrora sentida.

PEDRO

> [...] O sol da terra é irmão do teu cabelo. Como eu o amei, como eu amei o teu cabelo!... Muitas vezes, a afogar-me nela, sentia luz em mim, era meio-dia, como se Deus mungisse o sol sobre a minha alma... Amava-o tanto como tu o sol. Tu amavas o sol perdidamente. [...]
>
> (Acto IV - p. 169)

Mas Pedro está perto do eterno. Ao desejo sempre sentido de se projectar no infinito, sobrepõe-se o medo gerado pela percepção de fenómenos que prenunciam, mais do que a evasão do espírito, o aniquilamento da sua existência. Atentemos na riqueza poética das imagens:

PEDRO

> [...] O som e a luz casaram-se, fundiram-se: são o ar que eu respiro... o nosso ar... Oh! Asas... asas... dêem-me asas!... é um abismo de estrelas -- este amor... faz-me medo. é um turbilhão de estrelas... [...] Inês!... Inês!... Eu tenho medo... Sinto o vento de luz da eternidade...
>
> (Acto IV - p. 169)

Eis que chega o momento crucial da transmutação. A noite dá lugar ao dia, não cinzento ou outonal, mas com a luz que, triunfante, sacraliza a união de Pedro e Inês, cuja "concretização" é visionada por Martim no final do texto.

MARTIM

> Oh! Oh!... Estão juntos... estão juntinhos... é manhã nas estrelas... Vão casar... [...] Lá vão eles agora... de mãos-dadas... vão a entrar... [...] Oh!... é o olhar de Deus -- aquela luz... é o coração de Deus -- aquela igreja...
>
> (Acto IV - p. 173)

## VECTORES PRINCIPAIS

o sentido da demonstração final

> "Tudo na obra tem correspondências, tudo concorre para uma mesma "imagem no tapete", e a melhor interpretação é a que permite "integrar" o mais elevado número de elementos textuais. Estamos, assim, mal preparados para a leitura do descontínuo, do que não é coerente nem integrável." (1)

A citação acima transcrita é como que um factor adjuvante para a perspectivação global deste texto. Apesar de ser uma obra dramática em que, como vimos, há enquadramento da acção em termos de tempo e espaço, quando tentamos a sua interpretação, ou seja, a determinação do sentido, deparamos com o "descontínuo", o "não coerente" mas que neste caso não significa "não integrável" nos outros elementos textuais.

Somos confrontados, ao longo do texto, com uma trama de dois reais que primeiramente coexistem acabando por se sobrepôr, acompanhados ora pelo desenrolar da História, ora pelo desenvolver do Discurso.

Se bem que em ambas as realidades estejam presentes estes dois aspectos da narração, nota-se uma maior incidência do

---

(1) Tzvetan Todorov, Simbolismo e Interpretação, Lisboa, Ed. 70, Col. Signos, p. 35.

primeiro aspecto (História) na realidade que poderiamos considerar como a do Homem Comum, e do segundo aspecto (Discurso) numa segunda realidade, ou melhor, num universo do qual só temos conhecimento por meio das palavras de Pedro.

A primeira realidade, compreende o espaço geo-físico e socio-cultural em que todos participam: o Homem comum e Pedro (ser de excepção). Serve como que de pano de fundo à conceptualização dessa segunda realidade, uma vez que esta só é perceptivel quando comparada com a primeira e na medida em que se afasta daquela.

A dialéctica que preside à concepção destas duas realidades é a dicotomia - Morte/Vida. Na primeira realidade, a do Homem Comum, estes são conceitos antagónicos, que se excluem. Só é possivel a recuperação da vida, após a morte, por interferência divina, um milagre -- a ressurreição, tal como a de Cristo.

Neste nivel de existência tudo funciona como que orientado por uma norma padrão (cultura). São-nos apresentadas situações de um real, no qual cada personagem se movimenta e desempenha as suas funções enquanto membro de uma sociedade, veiculando valores próprios de uma época.

É também inserido neste real que nos é apresentada a personagem Pedro. Apesar de ocupar, porque Rei e personagem principal, um lugar de destaque, Pedro insere-se, num

primeiro momento, na realidade do homem comum, partilhando as suas preocupações, o seu quotidiano e fazendo sentir, no leitor, uma grande ligação aos indivíduos que o circundam.

É, pelo estatuto social que possui, um homem que transporta o peso dos valores estabelecidos, o fardo da moral e da cultura. Por outro lado, porque vítima desses mesmos valores, é um homem também marcado pelo sofrimento e pela dor devido à morte do ser amado.

Mas o sistema cíclico "Morte/Vida", subjacente à realidade do homem comum, porque trágico, é obstáculo à resolução do conflito interior de Pedro (afastamento do ser amado). Quando a realidade se torna carente de sentido, o homem não consegue adaptar-se, tendo dificuldade em enfrentar essas incongruências. Cria-se assim, nesta personagem, a necessidade de ruptura com esta realidade sombria que o limita, o escraviza , o condena à sua dor, através das abertura para uma supra-realidade. É um "renascer", porque norteado por novos princípios de avaliação.

Para atingir essa segunda realidade, Pedro inicia um processo de destruição da primeira realidade, pondo em causa os valores estabelecidos. Infringe assim os códigos social, cultural e moral, desenterrando Inês, e nega princípios (dicotomia Morte/Vida) que presidem a condicionantes inerentes à própria existência. A complexidade deste

processo gera, na personagem Pedro, sentimentos de descontentamento, angústia, inquietude de viver acompanhados por um obscuro sentido de culpabilidade.

Os outros (à excepção de Afonso) são, segundo a imagem que cria dessa segunda realidade, vidas mediocres. Ele próprio é um homem condenado nessa primeira realidade, mas tendo consciência disso, cria uma nova conceptualização da vida, reclamando outros princípios.

Criar é inventar novas possibilidades de vida através da reacção do homem a uma situação que lhe é estranha. Para tal é necessário também a vontade, expressa na relação de forças -- força do destino (condicionantes históricas) que faz despoletar sentimentos negativos (rancor/vingança) vs força da saudade (paixão triste) que implica o desejo de recuperação do ser amado. É este conflito, aliado à consciência de que a realidade não é algo objectivo e inalterável, mas antes constituída pela vivência subjectiva que dela temos, que impulsiona Pedro para a criação de novos princípios pela determinação de novos valores.

Mais uma vez nos encontramos perante a problemática da formação do real, em que agora se projecta o mundo inteligível, mundo do sonho, mundo interior, ou mero estado alienatório, mas cuja significação está para além da compreensão humana objectiva.

Assim se compreende que esta realidade só Pedro possa vivenciar, sendo-nos apenas transmitida a sua conceptualização por meio dos seus quase monólogos. Difusa e complexa, porque gerada por um sentimento tão indefinível como a saudade, esta segunda realidade destrói a dicotomia Morte/Vida, não se refugia na tradição religiosa da "vida para além da morte", mas apresenta-nos uma dimensão cósmica, eterna, em que a Vida e a Morte se não opõem nem violentam, mas coexistem rodeadas pela Natureza e pelo Amor.

A vontade de "habitar" esse mundo vasto e abrangente e vivenciar a coexistência de princípios outrora antagónicos faz com que Pedro "mergulhe" no eterno, numa realidade em que não existem limites impostos à condição humana, única possibilidade de comungar o seu amor com Inês.

O acto referencial que abre caminho para essa segunda realidade é a transladação de Inês para o Mosteiro de Alcobaça, considerado por Pedro como a entrada para o Reino do Amor. Esta "quase" ressurreição, porque também por amor (como a de Cristo), é a noite da consagração desse novo real.

Pedro quer, em comunhão com Inês, entrar nesse reino do Amor. É um indivíduo que quer penetrar na eternidade, ultrapassar a própria condição humana, para alcançar, num estado superior, a comunhão absoluta com o ser amado.

Este fenómeno de transmutação opera-se no fim do texto -- uma conversão radical da essência que se produz no individuo por forma a atingir um mundo sem contradições -- o reino do homem divinizado.

Pedro encarna, pelos valores simbólicos em que se projecta, a consumação do acto poético de António Patrício, definido nas palavras de José Gonçalo Herculano de Carvalho da seguinte forma:

> A poesia é a própria consciência existêncial do Homem, sublimada até um grau desconhecido no comum dos mortais: consciência jubilosa e dividida do esforço de existir , que é a própria vida; consciência daquele combate que dilacera o Homem, do repouso, do equilíbrio em que ele encontra momentaneamente a unidade, logo quebrada, e depois readquirida e uma vez mais rompida, na alternância perpétua que só pode ter fim na união perfeita do ser limitado e imperfeito com a ilimitada perfeição do Ser Absoluto, em que, somente há unidade e paz. (2)

(2) José Gonçalo Herculano de Carvalho, Conhecer Poético e Simbolo, Lisboa, Univ. de Lisboa, Fac. de Letras, 1971, p. 7.

# HISTóRIA E FICÇAO

No livro em que António Vasconcelos apresenta a sua investigação histórica relativamente aos "amores de Inês de Castro, seu trágico fim e consequências supervenientes" (1) lê-se:

> Mas, se nos deixarmos enlevar por essa doce e sentimental poesia, de que foi revestido pelos literatos, especialmente pelo principe dos nossos poetas, que, tomando-o por assunto, escreveu o melhor dos episódios dos Lusiadas, -- a história protesta, porque a realidade, a triste e álgida realidade, é muito diversa do que a fantasia romântica idealizou. (2)

Analisemos então o grau de verdade histórica que Patrício inculcou nesta obra, que não se centra propriamente nos "amores infelizes" de Pedro e Inês, mas nas consequências de um amor fatal, interrompido por algo de humanamente intransponivel -- a Morte.

Recorremos, para tal, sobretudo à "Crónica de D.Pedro I" de Fernão Lopes, na qual (por ter sido escrita quase um século após o reinado de D.Pedro) utilizou o cronista "fontes narrativas e documentação arquivística, sem desdenhar todavia certos dados complementares hauridos na

---

(1) António G.R. de Vasconcelos, Inês de Castro, Porto, 1928, p. 17.

(2) Ibidem

tradição, tudo isso tomado com certa crítica e usado com vivo poder expositivo, por forma que esta sua obra ficou constituindo um relato seguro, mas animado, duma vida, e do Rei, e duma época" (3).

No que diz respeito aos episódios que surgem na obra como exposições para o passado (e.g. a morte de D.Inês) recorremos à Crónica de D.Afonso IV de Rui de Pina, na qual recolhemos os dados fundamentais relativos a esses episódios.

Após o estudo comparativo texto de Patricio/ relatores da época, consultámos, ainda que pontualmente, a História de Portugal de Oliveira Martins, na procura não de outros dados, mas de outros pontos de vista sobre a época e os acontecimentos. Sobre o estudo deste historiador diz-nos Ester de Lemos que ele veio "lançar uma luz de verdade histórica sobre acontecimentos que durante três séculos tinham sido considerados dum ponto de vista predominantemente literário e constituiam já uma forte tradição" (4) .

---

(3) Introdução pelo Prof. Damião Peres à Crónica de D.Pedro I de Fernão Lopes, Porto, Livraria Civilização, 1986 p. XV.

(4) Ester de Lemos, "Inês de Castro", in Dicionário de Literatura, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, p. 467.

Na origem deste drama encontramos os amores de Pedro e Inês que, ao contrário das lendas como os amores de "Adriana e Dido", assentam em registos históricos comprovados, conforme consta no capítulo XLIV da "Crónica de D.Pedro I", de Fernão Lopes:

> Por que semelhante amor, qual elRei Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em alguuma pessoa, porem disserom os antiigos que nenhuum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o gramde espaço do tempo. E se alguum disser que muitos forom ja que tanto e mais que el amarom, assi como Adriana e Dido, e outras que nom nomeamos, segumdo se lee em suas epistolas, respomdesse que nom fallamos em amores compostos, os quaaes alguuns autores abastados de eloquemcia, e floreçentes em bem ditar, hordenarom segumdo lhes prougue, dizemdo em nome de taaes pessoas, razoẽes que numca nenhuuma dellas cuidou; mas fallamos daquelles amores que se contam e leem nas estorias, que seu fumdamento teem sobre verdade. (5)

A comprovar a importância atribuida a este episódio da História de Portugal estão os inúmeros textos existentes na nossa literatura e que dele se serviram como tema. Desde Resende a Patrício, passando por Camões, António Ferreira, Bocage, Eugénio de Castro e tantos outros, inúmeros escritores contribuiram para a constituição desta tradição literária que possui variadissimos cambiantes consoante o modo como o tema é perspectivado:

---

(5) Fernão Lopes, Crónica de D.Pedro I, Porto, Livraria Civilização, 1986, p. 199.

> é um dos mais fecundos temas da literatura portuguesa. [...] As fontes históricas são as crónicas de Lopez de Ayala (D.Pedro), Fernão Lopes (D.Pedro) e Rui de Pina (D.Afonso IV). Aí se encontram os dados fundamentais do núcleo sobre o que havia de constituir-se a tradição literária: a paixão de infante pela aia de sua mulher, a ligação que se prolongou por dez anos após a morte de Constança, as intrigas espanholas, os receios dos conselheiros de Afonso IV, a visita do rei a casa do seu filho em Coimbra, as suas hesitações quanto à sorte de Inês e depois a execução desta; a cólera de D.Pedro, a guerra civil, o castigo dos conselheiros de D.Afonso IV, a transladação do corpo de Inês de Coimbra para Alcobaça. (6)

No texto dramático "Pedro o Cru", Patrício trabalha aquele tema, tomando como base três momentos históricos da vida de D.Pedro, à volta dos quais se vai desenvolvendo a acção:

| | | |
|---|---|---|
| Acto Primeiro | . Condenação dos assassinos de D.Inês | |
| | Assassinato de D.Inês | -- exposição para um passado longínquo |
| Acto Segundo | . Morte dos assassinos de D.Inês | -- exposição para um passado recente |
| Acto Terceiro e Quarto | . Transladação do corpo de D.Inês | |
| | Coroação (preparativos) | -- exposição para um futuro próximo |

(6) Ester de Lemos, "Inês de Castro", op. cit., p. 464.

A escolha, por parte de Patrício, destes três momentos como núcleos principais de toda a acção denota uma opção em termos de perspectiva histórica, colocando-nos assim perante o maior acto de um rei, de justiça ou de vingança, mas sempre em função do seu amor por Inês. Lembre-se que o rei foi apelidado por uns de "o Justiceiro" e por outros de "o Cru". Naturalmente que é nestes dois pólos/papeis que se inscreve a personalidade do rei D.Pedro nas fontes históricas, e se caracteriza a personagem Pedro em Patrício.

Vejamos então quais os aspectos ficcionais que se prendem, relacionam ou têm por base os relatos históricos de que dispomos.

Poucos, mas suficientemente elucidativos, são, no texto de Patrício, os pormenores de descrição física da personagem Pedro:

> [...] Pedro é alto e ruivo, espadaúdo -- uma esvelteza forte de monteiro. Tem uma barba "de rio", acobreada, feições afiladas, em arestas, e nos olhos castanhos, muito claros [...] Traz suspenso da cinta um azorrague. [...]
>
> (Acto I - p. 65)

Nas fontes consultadas não há qualquer referência à sua estatura, mas apenas ao facto de ter sido "sempre grande caçador e monteiro" (7) . Também Oliveira Martins refere que "nunca abandonava o açoute: enrolado à cinta em viagem, tomava dele, e por suas mãos castigava o facinora que no caminho lhe traziam" (8) .

Este carácter de juiz e de executor das suas próprias sentenças está bem patente ao longo do texto de Patricio, do qual destacamos o episódio do Velho em que Pedro diz, relativamente ao castigo a aplicar a um trovador: "Seremos ambos nós os seus carrascos" (Acto I - p. 67).

Mas se nestes momentos nos surge como alguém cujo furor justiceiro é visto quase como uma loucura "irregular, cheia de caprichos e arbitrária" (9), noutros é-nos descrito como "folgazão, dançando e cantando nas ruas no meio da sua família, como um pai" (10) .

PRIMEIRO PAJEM

Há mais de uma hora que El-Rei anda na folgança.

[...]

---

(7) Fernão Lopes, op. cit., p. 7.

(8) Oliveira Martins, História de Portugal, Lisboa, Guimarães Editores, p. 107.

(9) Ibidem, p. 105.

(10) Ibidem, p. 107.

PRIMEIRO PAJEM

> El-Rei, estas noites, tarda mais, não tem descanso. Baila, baila, e com ele o povo todo. Nunca foi dado ao sono, mas agora parece querer afugentá-lo.
>
> (Acto I - p. 61)

É com base nos dois aspectos dicotómicos de uma mesma personalidade que Patrício descreve o olhar de Pedro como "ou [...] vago, quase de aura, ou [...] dominador de juiz e rei" (Acto I - p. 65).

Da mesma forma é caracterizado pelos pajens:

PRIMEIRO PAJEM

> El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAJEM

> El-Rei é pai, mas duro no castigo.
>
> (Acto I - p. 63)

Esta necessidade de justiça dura nas mãos do Rei, e a sua defesa como valor, ocupa o Prólogo da Crónica de D.Pedro I, onde Fernão Lopes diz:

> [...] a justiça he muito neçessaria, assi no poboo como no Rei, por que sem ella nemhuma çidade nem Reino pode estar em assessego. [...] pois duvidar se o Rei a de seer justiçoso: nom he outra cousa senam duvidar se a regra ha de seer dereita; [...] (11)

---

(11) Fernão Lopes, op. cit., pp. 4/5.

Ao longo da Crónica de D.Pedro I, muitos são os exemplos de aplicação de tal justiça, tendo Patricio escolhido o episódio do Bispo, relatado por Fernão Lopes no capitulo VII, para caracterizar o tipo de actuação da personagem Pedro.

SEGUNDO PAJEM

> [...] Vê tu o bispo, por dormir com uma mulher casada. Quando El-Rei soube, mandou-o chamar, fechou-se com ele numa câmara, e ali mesmo o desvestiu e açoitou, forçando-o a confessar o malefício.
>
> (Acto I - p. 63)

Este mesmo episódio é relatado por Fernão Lopes da seguinte forma:

> [...] assi como quisera fazer a huum bispo do Porto, na maneira que vos contaremos. [...] e logo sem muita tardança, depois que chegou ao logar e ouve comido, mandou dizer ao bispo que fosse ao paaço que o avia mester por cousas de seu serviço, [...] El-Rei como foi adeparte com o bispo, desvestiosse logo e ficou em huuma saya dezcarllata, e por sua maão tirou ao bispo todas suas vestiduras, e começou de o requerer, que lhe confessasse a verdade daquel meleficio em que assi era culpado; e em lhe dizendo esto, tiinha na maão huum grande açoute pera o brandir com elle. (12)

(12) Ibidem, pp. 33/34.

Também o episódio da entrega de Alvaro Gonçalves e Pêro Coelho bem como o modo como Diogo Lopes fugiu à mão do Rei estão presentes na Crónica de D.Pedro:

> [...] e presos Pero Coelho e Alvoro Gomçallvez, quamdo foram buscar Diego Lopez, acharom que nom era no logar, e que se fora pella manhãa aa caça: çarraraom estomçe as portas da villa, que nenhuum lhe levasse recado pera o perceber, e atemdiano assi estamdo pera o tomar aa viinda. Huum pobre manco que sempre em sua casa avia esmolla quamdo Diego Lopez comia, e com quem alguumas vezes joguetava, vio estas cousas como se passarom, e cuidou de o avisar no caminho ante que chegasse ao logar, e soube escusamente contra qual parte Diego Lopez fora, e chegou aas guardas da porta que o leixassem sahir fora, e elles de tal homem nenhuuma cousa sospeitamdo, abrimdo a porta leixaromno hir. (13)

Vejamos como é apresentado este mesmo episódio no texto de Patrício:

> PRIMEIRO CAVALEIRO
>
> Diogo Lopes, meu senhor, tinha ido à caça. Partira de manhã, de manhã cedo. Logo que o souberam, houve ordem de cerrar as portas todas, para que ninguém saisse a preveni-lo. Esperava-se assim tomá-lo à vinda. (Fora, um tropel. Afonso vai à janela: espreita) Mas um pobre manco a quem Diogo Lopes dava esmola, e mesmo de comer em sua casa, avisou-o no caminho, meu senhor, e ajudou-o a fugir.
>
> (Acto I - p. 84)

(13) Ibidem, pp. 145/146.

Este relato do Cavaleiro está muito próximo do relato escrito por Fernão Lopes, utilizando-se até estruturas frásicas e formas lexicais muito semelhantes.

Um dos momentos mais importantes da peça e que mais contribui para a caracterização de Pedro é o da chegada de Alvaro Gonçalves e Pêro Coelho ao Paço e a sua condenação. De salientar que nesta peça o encontro se dá em Coimbra, enquanto Fernão Lopes o situa em Santarém:

> A Purtugal forom tragidos Alvoro Gomçallvez e Pero Coelho, e chegarom a Samtarem omde elRei Dom Pedro era; e elRei com prazer de sua viimda, porem mal magoado por que Diego Lopez fugira, os sahiu fora arreçeber, e sanha cruel sem piedade lhos fez per sua mão meter a tromento, queremdo que lhe confessassem quaaes forom na morte de Dona Enes culpados, e que era o que seu padre trautava contreelle, quamdo amdavom desaviindos por aazo da morte della; e nenhuum delles respomdeo a taaes preguntas cousa que a elRei prouvesse; [...] (14)

Eis as poucas linhas que Fernão Lopes dedicou a este episódio (encontro de D.Pedro com os assassinos de D.Inês), à volta do qual Patricio criou longos discursos dialógicos com base nos acontecimentos e em razões históricas relativas à morte de D.Inês, colocando na boca dos assassinos um outro ponto de vista, aquele que subsistiu na nossa História: "Morra ela e viva Portugal":

---

(14) Ibidem, p. 148.

PERO COELHO

Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele vos tinha.

[...]

PERO COELHO

Não, meu senhor, mas D.Inês é morta. Isso vos permitiu serdes bom rei.

[...]

PERO COELHO

Amai-la mais ainda, meu senhor. Vós tendes a saudade e o reino a vida. É convosco e com Deus. Não é comigo.

[...]

PERO COELHO

Pois seja assim. Sois vós que ordenais. Tudo se decidiu na mesma hora em que El-Rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castros conspiravam. Era junto de vós, na vossa sombra, numa segunda corte de estrangeiros que vivia a adular-vos e a trair-vos.

[...]

PERO COELHO

O amor tem luz de mais para poder ver. Vós não podieis ver. (Fixando-o) Nem mesmo agora. (Outro tom) Urgia conjurar o grande perigo, cortar o mal bem cerce, de raiz. Já em Castela, de acordo com os de cá que vos cercavam, se formara um partido, se minava. Separar-vos dela, era impossivel. Vosso

> pai desesperava, não sabia... Tudo fora tentado: tudo em vão. Uma tentativa de expulsão fora frustrada; e a clausura no convento, em Santa Clara, vós sabeis, meu senhor, o que ela foi... Tinheis ao pé de Coimbra, os vossos Paços...
>
> (Acto I - pp. 88-90)

Foi por meio deste quase "monólogo" que Patricio expos as razões históricas da morte de Inês e que António Vasconcelos sumariou da seguinte forma:

> Eis, pois, em resumo, as acusações formuladas perante D.Afonso IV:
>
> a) O principe estava comprometendo muito a moralidade e a tranquilidade da nação, com a sua vida escandalosa, e com as suas conspirações em Castela;
>
> b) Por aquele andar, ele viria fatalmente a ser um mau rei, dominado pelos ambiciosos e intrigantes Castros;
>
> [...]
>
> <u>- Tudo isto por causa de uma mulher, a amante do príncipe!</u> (15)

(15) António Vasconcelos, op. cit., p. 40.

O assassinato de Inês é-nos narrado no texto de António Patrício por Pêro Coelho, aquando da sua condenação (Acto Primeiro):

PERO COELHO

[...] Ela estava ainda no alpendre, e olhava do lado do Mondego. Voltou-se então: decerto ouvira os passos... e toda a face lhe embranqueceu de tal maneira, que para que eu não quedasse de piedade, foi mister, meu senhor, lembrar-me de que amava a minha terra... como ela vos amava... ou vós a ela...

Pedro ri lividamente, cor-de-terra.

PERO COELHO

- Vi que queria gritar, mas que não pôde. Ainda olhou num instinto de defesa para o lado por onde vos sumistes... Quando subi a escada, vi-a abalar com gestos de agonia, para a alcova de vossos filhos, creio eu, porque os ouvi, logo a seguir, gritar. Estaquei então: nem via a câmara... Os outros, vosso pai, atrás de mim, estacaram também, como vazios... Nem eu sei quanto tempo. Não me lembro... Mas ela veio, e fiquei paralítico de assombro. Nunca vi nada assim, ninguém tão branco... Branca... branca... como o espectro de uma rosa branca, como um rosto de morta na memória, como uma lua de gelo num crepúsculo... Decerto ficou menos branca quando morta. Parecia que um vento de terror a enovelava, assim, movendo os braços como asas, com três vidas pequeninas a cercá-la, meio tontas de sono, amedrontadas... E cravara em vosso pai os olhos!... Bebiam-lhe a vontade, eu bem sentia. Ele tapara os olhos com a mão, para não ver os dela nem os netos; e com uma voz tão branca como o rosto, ela disse ao Infante D.Dinis: - Olha o avô!... - E sem palavras, vosso pai recuou, desapareceu, velho de mais, cem anos, como em derrota, trôpego, perdido... (Pausa) Eu desnudei então a minha espada. Avancei para ela. Nem fugiu. Estava sem alma já. Estava convosco. (Ouvem-se as trompas de monteiros fora) Depois... não sei... Fez-se uma névoa em mim. Lembro-me que a vi cair ensanguentada, e que ouvi, gelado de estupor a vossa trompa de caça muito ao longe, num halali que me soou em dobre...

(Acto I - p. 92)

A fonte histórica que possuimos, apesar de nem por todos aceite como verdadeira, é o relato feito por Rui de Pina na Crónica de D.Afonso IV:

> [...] & consentido na morte da dita Dona Ines acompanhado de muyta gente armada, & seveo a Coimbra onde ella estava nas cazas do Mosteyro de Santa Clara, a qual sendo avizada da hida de elRey, & da iroza, & mortal tenção que contra ella levava achandosse salteada pera se não poder ja saluar per alguma maneyra, o veo receber à porta, onde com rosto trãsfigurado, & por escudo de sua vida, & pera sua innocencia achar na ira de elRey alguma mais piedade, trouxe ante si os tres innocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, & com tantas lagrimas, & com palauras assi piadozas pedio mesericordia, & perdaõ a elRey que elle vencido della se dis que se volvia, & aleyxava ja pera nõ morrer como levava de terminado, & alguns Cavaleyros que com elRey hiaõ pera a morte della que loguo entrarão, & principalmente Dioguo Lopes Pacheco filho de Lopo Fernandes senhor de Ferreyra, & Alvaro Goncalues meirinho mor, & Pero Coelho quando assi viraõ sahir elRey como quem ja revocava sua tençã agravados delle pella publica determinação com que os ally trouxera, & pello grande odio, & mortal perigo que daly em diante com ella, & com o Infante D.Pedro os leyxava, lhe fizeraõ dizer, & consentir que elles tornassem a matar Dona Ines se quizessem, a qual por isso loguo mataraõ, o que foy avido contra elRey mais abominavel crueza, que por severa nem louvada justiça, aqual Donna Ines foy loguo enterrada no ditto mosteyro de S.Clara, [...] (16)

---

(16) Rui de Pina, Crónicas, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, pp. 465/466.

Como podemos observar, há alterações de conteúdo significativas, nomeadamente quanto ao conhecimento que D.Inês tinha da vinda de D.Afonso IV e das suas intenções. Se bem que, em termos de acção, existam diferenças, a caracterização das personagens coincide. Em ambos os textos, D.Afonso é movido pelo "dever do estado", ultrapassando assim a sua vontade enquanto indivíduo, e os verdadeiros responsáveis pela morte de D.Inês são os seus conselheiros. D.Inês surge como uma personagem "em agonia", que tentou despertar um sentimento de piedade aludindo aos laços de parentesco existentes. Em ambos os casos o desfecho é fatal.

Patrício termina a cena da condenação dos assassinos (coincidente com o fim do Acto Primeiro) do seguinte modo:

> Pedro arranca o azorrague bruscamente. Chicoteia-o na cara, como doido.
>
> PERO COELHO, ensandecido pela dor, mais perto dele
>
> Continua, covarde!... é o teu Salado... Da coroa de teu pai resta um chicote. Anda!... Té que a boca te espume de luxúria... (Pára um segundo) Quem o serviu como eu, vê-te com asco. Vá!... Continua... Nem sei que és mais: farsante ou carniceiro...
>
> (Acto I - p. 93)

Fernão Lopes refere:

> [...] e elRei com queixume dizem que deu huum açoute no rostro a Pero Coelho, e elle se soltou emtom comtra elRei em desonestas e feas pallavras, chamamdolhe treedor, fe perjuro, algoz e carneçeiro dos homeens; [...] (17)

Existem mesmo pormenores de linguagem utilizados na Crónica e, provavelmente, aproveitados por Patrício. Quando a personagem Pedro sentencia a morte de Pêro Coelho diz:

> PEDRO, como um possesso,
> em gritos de delírio
>
> O uchão!... Ide chamar o uchão!... Vinagre e azeite já para este coelho! [...]
>
> (Acto I - p. 93)

Atentemos às palavras de Fernão Lopes:

> [...] e elRei dizemdo que lhe trouxessem çebolla e vinagre pera o coelho, emfadousse delles e mandouhos matar. (18)

E quanto à execução diz apenas:

> A maneira de sua morte, seemdo dita pelo meudo, seria mui estranha e crua de comtar, ca mandou tirar o coraçom pellos peitos a Pero Coelho, e a Alvoro Gomçallves pellas espadoas; e quaes palavras ouve, e aquel que lho tirava que tal officio avia pouco em costume, seeria bem doorida cousa douvir, emfim mandouhos queimar; e todo feito ante os paaços omde el pousava, de guisa que comendo oolhava quamto mandava fazer. (19)

---

(17) Fernão Lopes, op. cit., p. 148.

(18) Ibidem, pp. 148/149.

(19) Ibidem, p. 149.

Este episódio da execução surge no texto de Patrício como uma exposição para o passado, aliás já no Acto Segundo, quando um escudeiro conta à Abadessa o sucedido. Os detalhes históricos, presentes no texto de Fernão Lopes, surgem aqui inseridos numa descrição pormenorizada agora na boca de uma personagem que viveu aqueles momentos e que os descreve com uma lucidez arrepiante. A personagem Pedro toma agora uma dimensão que toca a loucura e perpassa, no discurso de um escudeiro (20), o que Fernão Lopes escreveu no fim do capitulo XXXI:

> Muito perdeo elRei de sua boa fama por tal escambo como este, o qual foi avudo em Purtugal e em Castella por mui grande mal, dizemdo todollos boons que o ouviam, que os Reis erravom mui muito himdo comtra suas verdades, pois que estes cavalleiros estavom sobre seguramça acoutados em seus reinos. (21)

Referia-se aqui o cronista à promessa que D.Pedro fizera a seu pai no sentido de perdoar "aos matadores de D.Inês". Esse juramento foi quebrado pela avença com o Rei de Castela para "extradição mútua dos hominizados que viviam em um e outro reino".

Também há referências, no texto de Patrício, ao dito juramento e ao desagrado causado pelo desrespeito para com o prometido:

---

(20) Cf. falas do escudeiro, pp. 106-109.

(21) Fernão Lopes, op. cit., p. 149.

SEGUNDO PAJEM

Por o que vejo... Parece... Ainda esta madrugada, foram esculcas por todos os caminhos. A avença com o Rei de Castela...

PRIMEIRO PAJEM, interrompendo

Acreditas então que El-Rei perjure...

SEGUNDO PAJEM

São estes os rumores. Eu por mim...

PRIMEIRO PAJEM

Eu não. Não posso crer. El-Rei jurou, ainda infente, perdoar-lhes. Ouves bem? Jurou, jurou a seu pai, ao Rei Afonso.

(Acto I - p. 62)

PEDRO

Fala confiadamente. Tu conheces-me. (Com ternura) Dize, dize, que eu adivinho bem o que tu pensas...

AFONSO

Então perdoai-me, senhor. A quando Infante, não fizestes um acordo com El-Rei, com El-Rei vosso pai, de pedoar aos matadores de D.Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpris, meu senhor... não...

(Acto I - p. 74)

O Acto Terceiro refere-se ao episódio da "transladação do corpo de D.Inês". Passa-se entre Coimbra e Alcobaça: "Um alto de colina com árvores de Outono a desfolhar-se. Noite." Para sequenciar a acção, anuncia-se no fim do Acto Segundo:

VOZ DE AFONSO

> El-Rei, meu senhor, vos faz saber: - Que do convento de Santa Clara em Coimbra, com toda a corte e cleresia, sairá ao anoitecer para Alcobaça entre alas de cirios sempre vivos, D.Inês de Castro, Rainha de Portugal, sua mulher. E na Casa de Deus será coroada, e haverá beija-mão...

O PANO DESCE

(Acto II - p. 125)

Referindo pormenores históricos comenta, no Acto Terceiro, uma mulher:

PRIMEIRA MULHER

> Mas então, se está viva e se é rainha, para que vem assim num saimento, mais de dezassete léguas entre círios?

(Acto III - p. 130)

A entrada do saimento em cena é precedida pela seguinte rubrica cénica:

> Todos correm a buscar os cirios, encostados aos troncos, sobre pedras, nos degraus do cruzeiro, em toda a parte. Nalguns instantes, o caminho que sinua pela encosta, tem uma dupla fileira a irradiar. Os mais velhos, ao fundo, (mulheres, em grande número) alumiam curvados sobre o vale, como se fossem pescadores sondando o mar. Começa agora a ver-se o saimento. Vem crescendo na névoa e no silêncio: a grisalha dá-lhe um ar de aparição, que ao mesmo tempo se diria perto e longe, como se caminhassem, esquecidos, num grande espelho embaciado, sem memória. À frente, os arautos a cavalo: tocam as longas de prata lentamente, num alali que dói e se prolonga, diz o estupor sonâmbulo das coisas... Mal se distinguem. Seguem, durante algum tempo, cavaleiros. Decerto a corte. A cada tule de névoa, são maiores. Depois, -- o féretro de Inês. O pano de veludo, que o reveste, cobre os cavalos quase inteiramente. Atrás vem Pedro. Parece maior, domina tudo, e quando ao cimo

> da encosta, -- pode ver-se que a sua face de místico sorri. Traz uma coroa de ouro, um grande manto. Todo o povo ajoelha com fervor, dizendo num murmúrio: El-Rei é pai. Durante um certo tempo (quanto tempo ?) o saimento passa, sem ruído, numa atmosfera de hipnose que o concentra, como um fresco esmaecido de fantasma. Enquanto desaparece pela esquerda, os círios apagam-se no vale.
>
> (Acto III - pp. 132/133)

O texto de Fernão Lopes, que a seguir transcrevemos, é mais sintético quanto à descrição daquele acontecimento. Mas mais uma vez há pormenores descritivos, nas rubricas cénicas de Patrício, que retomam os daquele historiador. No entanto, há uma maior preocupação, por parte do autor dramático, relativamente ao clima que envolve este "momento histórico" e daí a inclusão de outros detalhes bem como de alusões à caracterização e movimentação das personagens.

> E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Samta Clara de Coimbra, hu jazia, ho mais homrradamente que se fazer pode, ca ella viinha em huumas andas, muito bem coregidas pera tal tempo, as quaaes tragiam gramdes cavalleiros, acompanhadas de gramdes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e domzellas, e muita creelezia. Pelo caminho estavom muitos homeens com çírios nas maãos, de tal guisa hordenados, que sempre o seu corpo foi per todo o caminho per ante çirios açesos; e assi chegarom ataa o dito moesteiro, que eram dalli dezassete legoas, omde com muitas missas e gram solenidade foi posto em aquel muimento: e foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa aquel tempo em Purtugal fora vista. (22)

---

(22) Ibidem, pp. 200/201.

Fernão Lopes refere-se no mesmo capítulo (XLIV) ao túmulo mandado construir por D.Pedro, onde jazem os restos mortais de D.Inês:

> E seemdo nembrado de homrrar seus ossos, pois lhe ja mais fazer nom podia, mandou fazer huum muimento dalva pedra, todo mui sotillmente obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de çima a imagem della com coroa na cabeça, como se fora Rainha; e este muimento mandou poer no moesteiro Dalcobaça, nom aa emtrada hu jazem os Reis, mas demtro na egreja ha maão dereita, açerca da capella moor. (23)

Patrício integrou esta referência no seu texto, construindo o diálogo entre um Prior e Mestre António, aqui executor de uma obra, cuja autoria se desconhece na realidade:

> PRIOR
>
> Também eu, também eu venho contemplá-lo muitas vezes; e cada dia mais me maravilho. Abençoadas mãos que o trabalharam! As ediculas são perfeitas, uma a uma. Oh! Mas a estátua da Rainha... Olhai: vinde vê-la comigo, Mestre António. (Os dois acercam-se do túmulo) Antes de El-Rei, a coroastes vós. E é linda a coroa! Sente-se, a olhar a pedra, que ela é de oiro.
>
> MESTRE ANTÓNIO
>
> Não tem coroa: vede o baldaquino. Rainha, -- e mais ainda: santa, santa.
>
> (Acto IV - p. 152)

(23) Ibidem, p. 200.

E um pouco mais adiante:

O PRIOR

E o túmulo de El-Rei? Começais breve?

MESTRE ANTóNIO

Dentro de um mês. Preciso descansar. Fica a par do da Rainha, eu já vos disse. Mas não tem a mesma direcção. El-Rei quer que o cabeçal dum túmulo fique voltado para os pés do outro.

(Acto IV - p. 155)

A este propósito diz apenas Fernão Lopes:

Semelhavelmente mandou elRei fazer outro tal muimento e tam bem obrado pera si, e fezeo poer açerca do seu della, pera quamdo se aqueeçesse de morrer o deitarem em elle. (24)

Quanto à coroação anunciada por Afonso no fim do Acto Segundo: "E na Casa de Deus será coroada, e haverá beija-mão... ", parece não ter fundamento histórico, uma vez que, na Crónica de D.Pedro, não se encontra qualquer referência a este facto.

Contrária é, no entanto, a interpretação histórica de um estudioso que, embora mais afastado no espaço, está bem mais perto de nós no tempo. Cita-lo-ei por considerar a sua visão da "História de D.Inês" assaz curiosa e um tanto agressiva, sintoma do seu interesse pelo assunto. Diz Gondin da Fonseca no prólogo da sua obra:

---

(24) Ibidem, p. 201.

> Beija-mão ao cadáver de Inês e sua coroação post mortem? Certo. Fernão Lopes não fala nisso? Mas também não fala em outras coisas. Sua crónica é rápida. [...] Diversos cronistas garantem a autenticidade do beija-mão e da coroação. Atos de culto, de rito, que me parecem lógicos. A tradição, de resto, conservou bem viva a memória deles. (25)

Patrício está entre aqueles que perpetuaram a "lenda" sobre a coroação póstuma de D.Inês. No entanto, apesar de anunciada, não chega a estar presente em cena (não esqueçamos que estamos perante um texto com potencialidades representativas), terminando a peça precisamente antes do início da "presumível" cerimónia.

De salientar contudo que transparece no texto de Patrício uma certa incredulidade relativamente à veracidade deste episódio, a qual é posta na boca de um clérigo da seguinte forma:

O PRIOR

> Amanhã, antes da Coroação, há-de ir daqui para o trono. Até à capala-mor, vós mesmo a levareis também. Depois, é preciso tirá-la do caixão. Nem sei bem como se possa fazer isso. Vem já coroada: traz o ceptro de oiro, o grande manto...

O FRADE VELHO

> E como quereis que a Morta se sustenha? Depois de sete anos na terra... Deve estar quase esburgada. Quem sabe se as mãos que temos de beijar-lhe, -- conservam ainda os ossos todos...

(Acto IV - p. 156)

---

(25) Gondin da Fonseca, Inês de Castro, Rio de Janeiro, Livraria S.José, 1956, pp. 33/34.

Presente no texto está também o alegado casamento de Pedro e Inês. Vejamos como Patrício trata este tema:

PEDRO

Bem. Creio que é tudo. (Lembrando-se) Ah! E mandaste o meu recado e a minha carta ao prior de Alcobaça? (Ao Bispo, dominadoramente) é sobre isto que tenho de falar-vos. Vós, Bispo, vindes também no saimento. (Fixando-o) Em Alcobaça, outra vez jurareis -- repetindo o juramento de Coimbra -- que sendo eu infante e a meu pedido, secretamente me casastes em Bragança, no dia que já bem vos não recorda, com D.Inês de Castro, Rainha de Portugal. Jurareis aos Santos Evangelhos.

O BISPO, empalidecendo

Jurarei ainda uma vez, senhor!?...

PEDRO

Um juramento ou dois-- vedes diferença? Eu jurei e juro-o ainda, sem trair o coração da minha fé. E tu? A tua?

O BISPO

A minha fé!?...

PEDRO

Nem a conheces bem. Estás hesitante. E não admira: muda, muda muito. Tem a forma que lhe dão as mãos do medo. (Num tom seco e imperioso) Em Alcobaça é esta, a que eu te disse.

O BISPO, sucumbido

Sois o meu rei, senhor...

(Acto II - pp. 122/123)

Transparece neste diálogo a não veracidade do casamento de Pedro e Inês. Patricio é aqui fiel à visão histórica de Fernão Lopes que diz:

> Pois como pode cahir em entemdimento dhomem, diziam elles, que huum casamento tam notavel como este, e que tamtas razooens tiinha pera ser nembrado, ouvessem em tam pequeno espaço desqueeçer assi aaquelle que o fez, como aos que forom presemtes, nom lhe nembramdo o dia nem o mes: certamente buscada a verdade deste feito, a razom isto nom consemte. (26)

É também notório, no diálogo anteriormente transcrito, a sobreposição despótica do poder real ao poder eclesiástico. A confirmá-lo estão as palavras de Oliveira Martins:

> O rei é Juiz da familia portuguesa: a sua vontade é lei, as suas sentenças são oráculos. (27)

Existe, no texto de Patricio, uma referência que julgamos, neste âmbito, merecer a nossa atenção. Ignorá-la significaria contornar a questão sem sequer a equacionar. Trata-se da carta que El-Rei terá escrito ao Papa, pedindo a canonização de Inês.

---

(26) Fernão Lopes, op. cit., p. 137.

(27) Oliveira Martins, op. cit., p. 106.

O PRIOR

Perdoai, Mestre António, perdoai. Canonizar, -- só Roma, só o Papa.

MESTRE ANTÓNIO

El-Rei pediu-lhe numa carta que o fizesse. E nunca ouvi razões mais altas nem mais belas. Leu-ma uma tarde aqui, ao pé do túmulo. Quando acabou, a Rainha era santa na minha alma.

(Acto IV - p. 154)

Chegados a este ponto e após as várias comparações já estabelecidas, causou-nos alguma estranheza que este detalhe da intriga não tenha qualquer referente nos registos históricos. Remetemo-la-emos, por este motivo, para o mundo da ficção, abonando a nosso favor o facto destas palavras não serem proferidas pelo próprio Pedro mas por outra personagem, e o secretismo de que o acontecimento se reveste. Trata-se, no entanto, de uma questão de pormenor deixada em aberto.

Ficaram ainda por esclarecer dois aspectos, aos quais não queremos também deixar de aludir neste capítulo, uma vez que as fontes históricas os referenciam relativamente à figura real.

O primeiro tornou-se notado pela ausência, uma vez que os vários autores nos descrevem D.Pedro como sendo gago. Esta particularidade da sua expressão foi completamente "esquecida" por Patrício que provavelmente partilhou da

opinião de Gondin da Fonseca que diz a propósito da sua própria peça de teatro:

> D.Pedro gaguejava muito. Mas quem se abalançaria, no palco, a fazê-lo gaguejar todo o tempo? A tragédia viraria comédia. (28)

Um outro aspecto da personalidade de D.Pedro é aflorado por Fernão lopes, por meio das seguintes palavras:

> E como quer que o [Afonso Madeira] elRei muito amasse, mais que se deve aqui de dizer, posta adeparte toda bem querença, mandouho tomar em sua camara, e mandoulhe cortar aquelles menbros, que os homeens em moor preço tem; [...] (29)

Refere-se aqui Fernão Lopes ao relacionamento entre D.Pedro e o seu escudeiro Afonso Madeira. Também Patricio aflora a possivel homossexualidade da personagem Pedro:

> PEDRO
>
> [...] Um rei que troca o ceptro por a enxada, e uma enxada tosca de coveiro!... que vindima de noite - ao sol da Morte onde só abrem almas... [...] Ninguém. Só ela, -- como sempre.
>
> AFONSO
>
> Ninguém, meu senhor?...
>
> PEDRO
>
> Perdoa, Afonso. Tu, só tu.
>
> (Acto III - p. 139)

---

(28) Gondin da Fonseca, op. cit., p. 31.

(29) Fernão Lopes, op. cit., p. 39.

Difícil, se não impossível, seria qualquer análise comparativa dos aspectos linguísticos dos vários textos (históricos e de Patrício), pois, mesmo que ultrapassadas as evidentes barreiras, não podemos esquecer que pertencem a géneros bem diferentes. Exemplar é contudo a recuperação e utilização que Patrício faz do léxico característico da época, quer no seu aspecto referencial extralinguístico quer com fenómenos de co-referência (exemplo - pronomes, formas de tratamento).

Após o estudo comparativo entre os episódios históricos incluídos neste texto dramático de Patrício e os textos e/ou as fontes históricas já referidos (possíveis fontes documentais daquele autor), podemos afirmar que estamos perante um drama que, apesar de poético, possui referentes concretos, documentados pelos relatos históricos existentes.

Não podemos contudo esquecer que nos encontramos perante um texto dramático de autor, que é necessariamente uma síntese. Em quatro actos houve que condensar uma acção que se desenrolou provavelmente entre fins de 1360 e princípios de 1361, pelo que a cronologia factual não pôde, de forma alguma, ser respeitada.

Para além dos condicionalismos inerentes ao tratamento literário de um tema histórico, há que destrinçar dois tipos possíveis de ficção: uma, enquanto produto de uma realidade filtrada por um sujeito e convertida em discurso verbal, mas em que se opta por um compromisso entre o referente e o referido; e uma outra, igualmente construção de discurso verbal, mas que, apesar de partir de uma realidade, neste caso, registo histórico, se desprende dessa mesma realidade e vive como representação filtrada do real, funcionando apenas dentro do próprio universo construído.

Todo a carga simbólica que o texto de Patrício possui remete-o para este último tipo de ficção. Apesar de uma "certa consistência histórica", o texto vai-se libertando dessa realidade primeira/referente e só funciona, isto é, só é perceptivel, descodificável, interpretável dentro da simbologia construida. Encontramo-nos assim, por exemplo, no fim da peça, perante uma personagem que tem como referente o Rei D.Pedro I, mas que toma aqui uma dimensão de "Super-homem", símbolo de um individuo com poder supremo e que consegue que o amor supere a própria noção de morte.

Assim, cada vez mais afastados da linearidade histórica do texto, deparamos com um discurso que se serviu com acuidade de uma intriga histórica para tratar temas como a saudade, o amor e a morte, perspectivando-os num mundo ficcional, em que se interpenetram três planos: histórico, mítico e simbólico.

Lembramos, para legitimar a opção de Patrício, as palavras de Frye no seu livro "Anatomia da Crítica":

> Um dos traços mais conhecidos e importantes da literatura é a ausência do propósito de ater-se à precisão descritiva. Talvez gostássemos de perceber que o autor de um drama histórico sabia quais eram os factos históricos do seu tema, e que ele os não alteraria sem boa razão. Mas ninguém nega que tais boas razões possam existir em literatura. Parecem existir somente nela: o historiador selecciona os seus factos, mas sugerir que ele os tivesse forjado para produzir uma estrutura mais simétrica seria razão para libelo. (30)

(30) Northrop Frye, Anatomia da Critica, S.Paulo, Ed. Cultrix, p. 79.

# PARA UMA POSSÍVEL TEATRALIZAÇÃO DE "PEDRO O CRU"

Esta peça "Pedro o Cru" publicada em 1918, teve apenas duas encenações (segundo L. F. Rebello, 100 Anos de Teatro Português): uma apresentação na televisão em 1974 e outra no Teatro Nacional em 1982, contando esta última com apenas 52 representações. Como explicar este facto quando, por exemplo, A Castro de António Ferreira sobe ao palco com tanta regularidade?

Esquecido, ignorado ou simplesmente "mal amado"?

Tentemos enquadrar o fenómeno "representação cénica" (1), considerando-a independente do texto dialogado, e talvez cheguemos à questão fundamental.

É quase verdade aceite que um drama "tem por fim ser representado" ou que "uma peça não representada fica de certo modo incompleta". Perante tais afirmações e pelo acima exposto, impunha-se-nos analisar as potencialidades cénicas do texto em estudo.

---

(1) Segundo Wolfgang Kayser, "Separam-se, nas línguas germânicas, rigorosamente os dois conceitos "drama" e "texto", relacionando-se o primeiro com todos os aspectos de uma obra como sendo "literária", e o segundo, exclusivamente, com tudo o que faz parte da representação. Os termos respectivamente inglês e alemão "Theatre" e "Theater" devem, pois, ser traduzidos em português por "representação cénica". Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária, op. cit., Vol. I, p. 239.

Quando estamos a ler um texto dramático (a chamada peça de teatro ou para teatro), a representação mental que dele fazemos tem de ser uma constante na abordagem do mesmo. Mas, apesar deste fenómeno ser tão simples e imediato no leitor, o mesmo não acontece quando o encenador tenta "representar" para outrém, explorando as possibilidades de uma produção escrita.

Cabe ao encenador fazer a leitura do texto, perspectivando-o em termos de espectáculo. é ele o responsável pela sua "recriação programada", partindo do que é apenas um projecto de representação cénica. Esse projecto engloba tanto as falas das personagens, ou seja, o diálogo dramático, como as notações do autor, denominadas rubricas cénicas.

Na encenação, tais observações são transformadas e o que era real referido pela forma lexical passa ao plano de construção física desse real. O fenómeno ocorre pela substituição da palavra escrita por uma linguagem não verbal de base analógica. Entram aqui em jogo outros sistemas semióticos, donde a utilização simultânea de vários códigos decorrentes de diversos sistemas. Roland Barthes refere-se ao resultado desta transmutação da seguinte forma:

> O que é o teatro? Uma espécie de máquina cibernética. Em repouso, esta máquina está escondida atrás de uma cortina. Mas a partir do momento em que a descobrem, ela põe-se a emitir na vossa direcção um certo número de mensagens. Estas mensagens têm de particular, o serem simultâneas e contudo de ritmo diferente; em determinado ponto

> do espectáculo, você recebe ao mesmo tempo seis ou sete informações (vindas do cenário, dos trajos, da iluminação, da localização dos actores, dos seus gestos, da sua mímica, da sua fala), mas algumas destas informações mantêm-se (é o caso do cenário), enquanto outras giram (a fala, os gestos); estamos pois perante uma verdadeira polifonia informacional, e isto é a teatralidade: uma espessura de signos [...] (2)

Vimos, no primeiro capítulo deste trabalho, que todo o comportamento é comunicação, implicando obrigatoriamente ritos e contactos socio-verbais que contextualizam e situam as mensagens. A eficácia na descodificação dessa trama de mensagens depende do facto do enunciador e co-enunciador(es) dominarem o conteúdo e a expressão, quer do dito, quer do não dito (implícitos culturais, pressupostos, etc.).

Se transpusermos este princípio para o fenómeno teatral, encarando-o como um conjunto de comportamentos (não só inerentes à personagem mas também exteriores) e se tivermos em mente que se trata de um momento em que nada é deixado ao acaso mas em que tudo significa de modo pertinente, apercebemo-nos das dificuldades que surgem para que uma comunicação tão específica como a teatral se mantenha, sem que a informação se perca ou se altere.

---

(2) Roland Barthes, Ensaios Críticos, Lisboa, Ed. 70, Col. Signos, pp. 355/356.

Tal como no uso quotidiano da linguagem, qualquer distorção, mesmo que involuntária, pode gerar "confusão" (3) , resultante, por exemplo, da alteração nas significações construidas. A questão ainda se torna mais complexa, se pensarmos que estão em jogo vários códigos (linguistico, gestual, de postura e mimica, icónico, etc.) que se justapõem em diversos planos, cuja exploração resulta na "polifonia informacional" que Barthes refere.

Chegamos assim ao problema central da representação cénica deste texto. Jogando fortemente com o poder sugestivo das palavras, o tipo de escrita com que deparamos sugere os comportamentos das personagens, o ambiente, a luz, as sombras, os brilhos, as cores, dificultando o trabalho do encenador, enquanto agente mediador entre autor e espectadores, facilitando embora a relação texto-leitor.

Se bem que existam notações cénicas precisas, tendo usado o autor uma linguagem denotativa, muitos são os casos em que a riqueza vocabular, os jogos de palavras, as associações, as sinestesias, etc., deixam, nas mãos do encenador, um minucioso trabalho de construção de sistemas de referência por forma a reduzir a possibilidade de interpretações distorcidas, se não confusas ou erradas.

---

(3) "confusion", segundo Paul Watzlawick, " [...] des brouillages de la communication et des distorsions corollaires qui se produisent involontairement [...] " in La Réalité de la Réalité, p. 9.

Especifiquemos com alguns exemplos:

Comecemos pelos "cenários" que têm por base as rubricas cénicas de cada acto. Se bem que demarcados temporal e espacialmente por uma linguagem denotativa/referencial, surge também uma linguagem poética em que os referentes não são imediatos, mas sugeridos:

> [...] As tapeçarias das paredes estão comidas de sol, em gamas mortas. [...]
>
> (Acto I - p. 61)
>
> [...] Os vitrais dormitam na penumbra. [...]
>
> (Acto I - p. 61)
>
> [...] Os últimos planos estão já numa penumbra de oiro frio. [...]
>
> (Acto II - p. 95)
>
> [...] O vale é imenso, povoado de formas floconosas: São as núpcias das árvores e das núvens.
>
> (Acto III - p. 127)

Pelo carácter poético destas notações, apercebemo-nos de que o autor está mais preocupado em sugerir, ao leitor, determinado ambiente do que em fornecer, ao possível encenador, dados objectivos. Por meio de vários recursos estilísticos (personificação, sinestesia, metáfora, etc.), o escritor institui um tipo particular de relação entre as palavras, anulando a fixação significado/significante na esfera da língua denotativa e criando novas combinações, aproveitando as "energias sugestivas" que as palavras possuem.

O mesmo acontece quando se referencia o factor "luz". Este é muitas vezes objecto de um discurso elaborado, em que se mistura animado/não animado ou se atribuem caracteristicas humanas a elementos não humanos.

> [...] Reflexos de archotes acordam os vitrais. [...]
>
> (Acto I - p. 65)

> [...] Os tocheiros ardem sempre, lívidos. [...]
>
> (Acto I - p. 83)

> [...] Os tocheiros bruxuleiam fumacentos. Há uma claridade dúbia que preguiça. [...]
>
> (Acto I - p. 85)

> [...] Agora, sem a luz das tochas, as árvores deformam-se na névoa: só o cedro, umbela de veludo, conserva o ar de cisma, tutelar.
>
> (Acto III - p. 136)

E quanto ao som, o seguinte exemplo ilustra bem as razões anteriormente expostas. De salientar que as palavras escolhidas estimulam o sentido auditivo, contemplando dois aspectos: o timbre e o ritmo.

> Ouvem-se distintamente as longas, num sonido de prata e de saudade.
>
> (Acto I - p. 64)

A mímica facial e a postura corporal são-nos transmitidas, por exemplo, pelas seguintes imagens:

> Enquanto Afonso diz a trova, Pedro, debruçado, sorve os longes.
>
> (Acto I - p. 81)
>
> [...] Pedro sorri. Há na sua lividez uma expressão misteriosa de triunfo.
>
> (Acto II - p. 120)

Porque apresentámos alguns dos excertos que, numa primeira análise, denotam uma maior dificuldade de representação cénica, não se deve deduzir que acreditamos na impossibilidade de representação de "Pedro o Cru". Procurámos apenas algumas das possíveis razões por que este texto tenha sido votado a um quase esquecimento.

Se reconhecermos que a representação de uma obra deste tipo corre sempre o risco de ficar muito aquém do mundo místico que a linguagem de Patrício sugere, acreditamos que a sua "adaptação" cénica é possível.

Como todos sabemos, existem várias formas de abordar o acto de encenar, isto é, várias realizações cénicas possíveis. Não nos querendo alargar sobre o assunto, convém contudo não esquecer o grande desenvolvimento havido neste campo nos últimos anos.

Embora ainda pensado em termos de estrutura cénica tradicional, este texto joga muito com factores a que os simbolistas deram especial atenção. Opondo-se à concepção naturalista, o "cenário" liberta-se aqui do "atravancamento decorativo", optando o autor pela nudez do espaço ou pela utilização de escassos elementos que pertencem a arquétipos culturais, implicando determinada associação (cruzeiro de pedra -> morte, sofrimento, redenção).

Dá-se também ênfase a outros elementos significantes (actor, luz, som) e recorre-se apenas a alguns objectos mais sugestivos, num jogo de luz e sombras, privilegiando-se a atmosfera, um clima em que a morte e a vida se confundem.

De salientar que estas opções vêm ao encontro da grande mudança operada na técnica de iluminação no início do século XX com os simbolistas, que tomam consciência dos extraordinários recursos que a electricidade põe à disposição do encenador. A partir de então, a luz deixou de ser apenas um meio de iluminação e passou a ser trabalhada no sentido de valorizar outros meios de expressão.

Também o som/ruído ou sua ausência foi um elemento muito valorizado pelos simbolistas, pois contribui igualmente para a criação de determinada atmosfera. Houve uma preocupação especial não só pela exploração do silêncio como pelo ruído reconstituído artificialmente, logo com significação, a chamada "paisagem auditiva".

Entre as diversas linguagens destinadas aos sentidos, a que levantará talvez mais dificuldades de adaptação ao espaço cénico é a que diz respeito às sensações álgidas, também exploradas neste texto.

> [...] Entra uma aragem, como um gesto da noite adormecida.
>
> (Acto I - p. 68)
>
> [...] Uma penumbra de manhã, friorenta. [...]
>
> (Acto I - p. 83)

No entanto, os meios técnicos actualmente existentes para se obterem estes efeitos são vários, possibilitando a exploração de cada elemento artístico.

Resta-nos, de qualquer modo, apontar o problema da exequibilidade de certas cenas.

> [...] Quando o [caixão] tem bem alto, as tábuas, podres, abrem-se; - e num silêncio de estupor, vê-se o cadáver esburgado: dir-se-iam que ele e Pedro se contemplam.
>
> (Acto II - p. 118)

Sem dúvida que esta notação cénica merece a observação que S. W. Dawson fez a propósito de uma peça de Ibsen:

> Nada podia ilustrar melhor [...] a relação amor-ódio entre o grande dramaturgo e as necessidades do texto representado, do que as exigências absurdas implícitas nesta última indicação cénica. (4)

---

(4) S.W. Dawson, O Drama e o Dramático, Lisboa, Lysia Editores, Col. A linguagem Crítica, 1970, p. 26.

Mas, numa tentativa de dissolver o problema, apoiamo-nos nas palavras de Coleridge, citadas pelo autor acima referido:

> A verdadeira ilusão do palco ... consiste - não na aceitação mental de que aquilo é uma floresta, mas na atitude de absolvição perante o facto daquilo não ser uma floresta. (5)

É, sem dúvida, o clima de ilusão que preside ao fenómeno teatral. Ilusão, não no sentido que a escola naturalista atribuia à palavra, mas como que o jogo do fingimento no qual se conta com o encantamento e a cumplicidade do espectador.

Na representação teatral, este é envolvido numa relação comunicativa com caracteristicas especiais, se comparadas com as de outras artes mais recentes. O facto do envolvimento físico do emissor poder atingir directamente o espectador permite a valorização de um dos elementos da comunicação -- o contacto conativo e fático.

Assim, a consciência que o espectador tem de que está perante um "real representado" (e aqui significa remeter para um objecto ausente), permite-lhe jogar, de uma forma diferente, com a sua imaginação. Por outro lado, o facto desse contacto ser directo, permite, ao encenador, explorar

---

(5) Ibidem, p. 27.

uma polivalência sensorial, de sobremaneira trabalhada neste texto de Patrício.

Ocorrem-nos, para finalizar, as palavras que José Régio escreveu a propósito deste teatro:

> A peças de António Patrício não são quaisquer, nem qualquer a sua linguagem, porque não resultam duma vontade exterior e industrial de escrever peças. Resultam, sim, duma necessidade interior; são o que podem ser. Não bastará isto para que pudessem tentar -- pelo menos, pudessem tentar algumas cenas dessas peças -- qualquer desses nossos teatros, se ditos experimentais, só justificariam o título abalançando-se a tais experiências? (6)

---

(6) José Régio, "Sobre o Teatro de António Patrício", in Estrada Larga, Porto, Porto Editora, vol. II, p. 419.

# BIBLIOGRAFIA

**Obra principal sobre a qual versa este trabalho** (1) :

Patrício, António, "Pedro o Cru", in Teatro Completo, Lisboa, Assírio e Alvim, 1982.

**Sobre António Patrício:**

Correia, Manuel Tânger, "António Patrício (Poeta Trágico)", in Ocidente, vols. LVII, LVIII, LIX, Lisboa, 1959-60.

Régio, José, "Sobre o Teatro de António Patrício", in Estrada Larga, antologia do suplemento "Cultura e Arte" de "O Comércio do Porto", organizada por Costa Barreto, Porto, Porto Editora, vol. II, pp. 417-419.

Sena, Jorge, et al., "Camilo Pessanha e António Patrício", in Estrada Larga, antologia do suplemento "Cultura e Arte" de "O Comércio do Porto", organizada por Costa Barreto, Porto, Porto Editora, vol. I, pp. 136-139.

**Obras históricas e outras sobre a temática "Pedro e Inês":**

Coelho, Jacinto Prado (dir.), Dicionário de Literatura, Porto, Figueirinhas.

Cruz, Duarte Ivo, Introdução à História do Teatro Português, Lisboa, Guimarães Editores, 1983.

Fonseca, Gondin da, Inês de Castro, Rio de Janeiro, Livraria S. José, 1956.

(1) Utilizou-se o texto incluído nesta edição por ser a que existe actualmente no mercado; no entanto, procedeu-se também à leitura de uma outra edição que, apesar de não datada, cremos estar próxima do texto original.

Lopes, Fernão, Crónica de D.Pedro I, Porto, Livraria Civilização, 1986.

Martins, Oliveira, História de Portugal, Lisboa, Guimarães Editores.

Pina, Rui de, Crónicas, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977.

Sousa, Maria Leonor Machado de, Inês de Castro na Literatura Portuguesa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, 1984.

_____ Inês de Castro, Um Tema Português na Europa, Lisboa, Ed. 70, 1987.

Vasconcelos, António de, Inês de Castro, Porto, 1928.

**OUTRAS OBRAS:**

Barbosa, Pedro, Teoria do Teatro Moderno - Axiomas e Teoremas, Porto, Ed. Afrontamento, 1982.

Barthes, Roland, Ensaios Críticos, Lisboa, Ed. 70, Col. Signos,

Carvalho, José Gonçalo Herculano de, Conhecer Poético e Símbolo, Lisboa, Univ. de Lisboa, Fac. de Letras, 1971.

Cañizal, Eduardo Peñuela, Duas Leituras Semióticas, São Paulo, Ed. Perspectiva, Col. Elos.

Chadwick, Charles, O Simbolismo, Lisboa, Lysia.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Dictionnaire des Symboles, Paris, éditions Jupiter, 7. ed., 1987.

Dawson, S.W., O Drama e o Dramático, Lisboa, Lysia.

Deleuze, Gilles, Nietzsche, Lisboa, Ed. 70, Biblioteca Básica de Filosofia.

Ferreira, João de Freitas, A Pedagogia do Léxico, Porto, Ed. Claret, 1985.

Frye, Northrop, Anatomia da Crítica, São Paulo, Editora Cultrix.

Girard, Gilles e Guellet, Réal, O Universo do Teatro, Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

Guinsburg, J., et al., Semiologia do Teatro, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.

Hayman, Ronald, How to Read a Play, New York, Grove Press Inc., 1977.

Helbo, André (org.), Semiologia da Representação, São Paulo, Editora Cultrix.

Hodgson, Terry, The Batsford Dictionary of Drama, London, B.T. Batsford, 1988.

Kayser, Wolfgang, Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária, Saõ Paulo, Livraria Académica, Vol. I e II, 1948.

Miterrand, Henri, "Corrélations Lexicalles et Organisation du Récit: le Vocabulaire du Visage dans Thérèse Raquin", in Revue de Linguistique et Littérature, Numero Special, 1968.

Nietzsche, Frederico, Assim Falava Zaratrusta, Lisboa, Editorial Presença, Col. Sintese, 1976.

Rebello, Luís Francisco, História do Teatro Português, Lisboa, Pub. Europa-América, Col. Saber, 3ª ed., 1967.

——— O Teatro Simbolista e Modernista, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.

——— Teatro Moderno, Lisboa, s/e., 1957.

Styan, J.L., Modern Drama in Theory and Practice 2 -- Symbolism, Surrealism and the Absurd, Cambridge University Press, 1981.

Todorov, Tzvetan, Simbolismo e Interpretação, Lisboa, Ed. 70, Col. Signos.

——— Teorias do Símbolo, Lisboa, Ed. 70, Col. Signos.

Watzlawick, Paul, et al., Pragmática da Comunicação, São Paulo, Ed. Cultrix.

——— La Réalité de la Réalité, Éditions du Seuil, Coll. Points, 1978.

# ANEXOS

Os anexos seguintes são constituidos pelas saídas de computador, obtidas a partir de determinadas condições de filtragem, i.e. os requisitos a que o texto tem que obedecer para ser seleccionado.

Utilizámos, para tal, um "software" disponivel no mercado (DBase III Plus), que nos pareceu o mais adequado aos objectivos que pretendiamos.

Iniciaimente, era nossa intenção que a cada ficha correspondesse a fala de uma personagem, mas, por limitações do próprio programa, casos houve em que para uma mesma fala se utilizou mais do que uma ficha. Verificámos, no entanto, que esta condicionante em nada alterava os dados que pretendiamos seleccionar.

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências das formas "El-Rei" e "rei", não sendo admitida qualquer adjacência à esquerda ou à direita. Evita-se, assim, a possibilidade de serem também seleccionadas outras palavras em cuja formação se encontre o conjunto de letras rei.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " El-Rei " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " El-Rei " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " rei " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " rei " | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | |
|---|---|---|---|
| 61 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Há mais de uma hora que El-Rei anda na folgança . |
| 61 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | El-Rei , estas noites , tarda mais , não tem descanso . Baila , baila , e com ele o povo todo . Nunca foi dado ao sono , mas agora parece querer afugentá-lo . |
| 62 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Acreditas então que El-Rei perjure ... |
| 62 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Eu não . Não posso crer . El-Rei jurou , ainda infante , perdoar-lhes . Ouves bem ? Jurou . Jurou a seu pai , ao Rei Afonso . |
| 63 | PAJEM 2 | PAJEM 1 | El-Rei é pai . Todo o povo o diz . El-Rei é pai ... Mas já viste alguma vez que perdoasse ?... A quem , vá , dize , a quem ?... |
| 63 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | El-Rei é bom , mas justiceiro . |
| 63 | PAJEM 2 | PAJEM 1 | El-Rei é pai , mas duro no castigo . Vê tu o bispo ,por dormir com uma mulher casada . Quando El-Rei soube , mandou-o chamar , fechou-se com ele numa câmara , e ali mesmo o desvestiu e açoitou , forçando-o a confessar o malefício . |
| 64 | PAJEM 2 | PAJEM 1 | E acreditas que El-Rei , El-Rei que e assim com grandes e pequenos , vá perdoar aos matadores de Inês de Castro , daquela que ele amou como nenhuma ... |
| 64 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Sou eu que não duro se esta vida continua . El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço . Mas agora é de mais . Não pára nunca . E estas salas , não sei que têm , põem-me tristonho . Quase todas vazias , sem conchego . Nem ali na lareira há boa lenha . () Vês ?... Ramos de choupo e de salgueiro , cortados de manhã , ainda com folhas ... Que quer isto dizer ? Tu sabes ?... E a viola de Afonso ali no chão ... () Se me deixassem !.. Queria dormir , dormir dias sem conto . |
| 65 | PAJEM 2 | PAJEM 1 | Lá vêm , lá vêm . Vêm a descer a rua . El-Rei à frente . Baila de roda , baila , baila sempre ... |
| 65 | VOZES | | Viva El-Rei ! Viva El-Rei ! El-Rei é pai . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 67 | VELHO | PEDRO | El-Rei é pai ... El-Rei é pai ... | |
| 73 | PEDRO | AFONSO | Firmei pela calada , com El-Rei de Castela , meu sobrinho , a avença que tu sabes . Está cumprida . Um escambo só , e serão meus . Já mesmo o são : não tardam . Tu verás . Os que fugiram de Castela estão entregues . Os meus vêm a caminho : tu verás . Dei | sentença de traição contra eles , como réus contra mim e o meu estado . Há esculcas por todos os caminhos . Vêm avisar-me logo que os avistem . E vêm aí , Afonso ... Hein ! Boa traça ... |
| 74 | AFONSO | PEDRO | Então perdoai , senhor . A quando Infante , não fizestes acordo com El-Rei , com El-Rei vosso pai , de perdoar aos matadores de D.Inês ?... E agora , depois de juramentos e promessas , não cumpris , meu senhor ... não ... | |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Perjuro !... Conheces tu , Afonso , a minha fé ?... Como sabes então se perjurei ?... Eu vivo pró Amor e pró Justiça . O meu povo ... a corte ... mesmo tu , só conheces de mim o justiceiro . Mas para além da Justiça e bem mais alto , há um rei que te fai | a e não conheces , que é rei de Portugal e anda na Morte , porque é nela que vive o seu amor ... O meu Paço Real , o verdadeiro , é uma cova num claustro , em Santa Clara . () |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no céu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta que por amor da Justiça , é até carrasco o teu rei , ganteiro e bailador , que é o pai do seu povo , bom e duro ...quando o vês assim ... () ouve ; ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma província apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 75 | PEDRO | AFONSO | Tu não sabias , Afonso . Não tens culpa . Mas agora compreendes ... compreendes ... Vês bem o meu destino : como eu ... Tem as mãos nos ombros do teu rei ... e leva-o . Leva-o como o vento no mar , as minhas naus . Nenhum homem o teve igual . Não crês , | Afonso ? |
| 80 | AFONSO | PEDRO | Mas nenhum homem , nenhum rei , ninguém na terra ousou ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 3o | PEDRO | PERO COELHO | Tinhas preocupação , compreendo agora . Basta-me pois falar a um de vós fico logo sabendo o que o outro pensa . Para me poupar trabalho , eu adivinho . Vereis como vos estou agradecido ... Bem . Conversemos ... São negócios de Estado de que tratamos . | Porque , não é verdade ? - Não sois dois assassinos ... Ereis conselheiros de meu pai ... os amigos fieis de El-Rei meu pai ... |
| 38 | PERO COELHO | PEDRO | Mais ainda , meu senhor . Um grande rei . | |
| 39 | PERO COELHO | PEDRO | Não , meu senhor , mas D.Inês é morta . Isso vos permitiu serdes bom rei . | |
| 39 | PEDRO | PERO COELHO | Estás cansado , bem vejo . Um pouco mais , um pouco mais ainda ... Tem paciência . Prometo-te - palavra do teu rei - muito ... muito tempo ainda de descanso . Então ... Então ... Faze um esforço ... | |
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | Pois seja assim . Sois vós que o proclamais . Tudo se decidiu na mesma hora em que El-Rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castros conspiravam . Era junto de vós , na vossa sombra , uma segunda corte de estrangeiros que vivia a adular-vos e a | trair-vos . |
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | Foi quando nos olhámos sem falar , e como a pedra cai num poço em noite , a decisão suprema entrou em nós . Tudo se concertou em pouco tempo . De então para cá , revivi tanto esses instantes , que os esfiei dentro de mim em séculos ... | Era no Outono como agora . Vos lembrais-vos . Sabíamos que iríeis a montear , e partimos , noite cerrada , para perto . El-Rei vosso pai , meu senhor , fazia-o . Tinha medo das sombras e do vento , até mesmo das folhas que pisava . |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Ele que no Salado era de ferro , por duas ou três vezes quis voltar . Eu caminhava a seu lado : ouvia-lhe os soluços muitas vezes . Era o dever , o seu dever de rei , que o levava arrastos pela noite ... | |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Ele , o grande rei , pisava os corregos a tropeçar na sua escada ... Caminhámos sem palavra , muito tempo . Nunca vi tanta paz por esses campos . A noite calara-se a espiar-nos . Tinha olhos para nós a sombra . Por fim , chegámos . Os Paços, no aconchego | do pomar , dormiam como tudo à nossa volta . Ouvíamos a fonte do jardim ... De quando em quando , um ou outro fruto que caía ... Quedámos assim por muito tempo . Eu pensava nos pobres , que dormem muita vez a ouvir as fontes ... E tinha-lhes inveja ; |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 103 | ESCUDEIRO | IRMA PORTEIRA | É em nome de El-Rei ; é El-Rei que manda . (( Dizei à Madre-Abadessa . Abri , abri . )) | |
| 104 | ESCUDEIRO | ABADESSA | É em nome de El-Rei ; venho do Paço . Foi El-Rei que ordenou ao senhor Bispo . Obedecei a El-Rei : abri , abri . | |
| 104 | ESCUDEIRO | ABEDESSA | Um escudeiro de El-Rei . Abri depressa . Ou preferis que El-Rei vos force as portas ? | |
| 104 | ABADESSA | ESCUDEIRO | El-Rei forçar as portas do convento !?... | |
| 104 | ABADESSA | ESCUDEIRO | Nem sei ... nem sei que hei-de fazer . É contra a regra , é quase um sacrilégio mas são ordens de El-Rei , do senhor Bispo . (( Dai-me o vosso conselho , minha Irmã . Que devo eu fazer ? Que pensais vos ? | |
| 105 | ABADESSA | ESCUDEIRO | Deve ser muito grave o que vos traz . Sois escudeiro de El-Rei ? Que quereis de nós ? Falais da vinda dele a este convento ... | |
| 106 | ABADESSA | ESCUDEIRO | Oh ! Meu Deus ... Então é certo ... é certo ... Para a transladação de Inês de Castro . Vão levá-la daqui para Alcobaça . Vem El-Rei e a corte ... dentro em pouco ... É hoje mesmo , sim , vem às Trindades . ?? | " Assim , logo depois da execução , o decidiu El-Rei . .. Depois da execução !?... (( Mas que execução ? |
| 106 | ABADESSA | ESCUDEIRO | Mas El-Rei jurou , jurou perdoar-lhes . (( E ninguém suspeitava ? Nem a corte ?... | |
| 106 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Boquejava-se a medo , sem certeza . Só quando nos erguemos para montear , vimos os matadores com El-Rei . Tinham chegado , sob escolta , ainda antes da alva . El-Rei velara com Afonso Madeira à espera deles . Depois fechou-se na câmara com Tristão . | Sabeis ?... Tristão ... |
| 106 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Esteve a sós com ele muito tempo : a concertar a execução , decerto . Os que estavam a pé para montear , quedaram no terreiro em conjecturas as donas mesmo , como se um mau agoiro as sacudisse , ergueram-se mais cedo , adivinhavam ... | As insónias de El-Rei , que nos últimos tempos são maiores , as noites de folgança . as montarias , têm trazido à corte estremunhada . Havia um não sei quê que nos transia . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Soubemos às dez horas , que a execução seria no terreiro . A essa hora começaram os pregões pela cidade : " Justiça que manda fazer El-Rei D.Pedro ..." | |
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | El-Rei mandou pôr mesas no terreiro . Ele mesmo assistiu , veio dar ordens . Marcou no chão com o cabo do chicote , o lugar da execução e da fogueira . Em frente à mesa dele , muito perto ... E ia das cozinhas ao terreiro , falando pouco , mas atento a | tudo . Às vezes ficava a olhar , deserto de alma , mas logo vinha de novo ter connosco . Viu empilhar a lenha : mandou vir mais , não lhe pareceu bem seca . Quis saber o que havia de comer , e ordenou mais viandas , tudo a rodos . |
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Quando os bobos desceram , de aljubas escarlates , guizalhando , El-Rei fez sinal a um dos pajens e uma tuba começou chamando a corte . | |
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Esperávamos todos , - corte e povo . A corte dir-se-ia que fora condenada e vestida de gala . - El-rei o quis - tinha um ar de espanto , um ar funéreo . Quando El-Rei os olhava , os bobos guizalhavam , guizalhavam , com caras de remorso e de terror . | Uma vez El-Rei disse : - " Ouves os sinos , Pêro Coelho ? São os meus cinco bobos os sineiros . Ouves os dobres ? São por ti por a tua alma ... Depois requiem de corpos e pitança ... " |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESSA | E Pêro Coelho olhando-o em face , disse : - " Ressuscitasse ela com mil vidas , que por amor deste ar e desta terra , havia de tirar-lhas uma a uma ..." | Naquele instante , garrotado por cordas , semi-nu , tinha mais olhos de Rei do que El-Rei mesmo . |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Ao ver tanta coragem , o ódio de El-Rei meu senhor , ensandeceu-o . Açulava Tristão como um mastim . " Eh ! Eh ! Carrasco !... Arranca ... arranca , ou vou eu mesmo ... Corta ... Corta ..." | Nem eu posso contar-vos ... Treme ainda . Tristão partia-lhe as costelas uma a uma ... Só se ouvia aquilo no terreiro . Um som ... assim ... como de galhos secos que alguém quebra ... |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Ofereceu-o a El-Rei ajoelhado . E El-Rei meu senhor , ante dos todos , por duas vezes o mordeu ... | |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Depois , durante a outra execução , comeu sem olhar nunca , comeu sempre . Álvaro Gonçalves , sem acordo , foi executado como um porco . Nem tugiu . Puseram então os corpos sobre a lenha , e as mãos vermelhas de Tristão lá a acenderam . | Foi nesse instante , que El-Rei se levantou para ver de perto . O fogo pegou mal , demorou muito . El-Rei impacientava-se : os carrascos tremiam como vimes . Tristão olhava-lhe o chicote como um cão . |

| PE | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 109 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Mas nisto ouviu-se a lenha crepitar , houve mais vento . E El-Rei pôde sorrir às labaredas . Chegou-se tanto , que lhe caíam faúlhas no cabelo . Nem sei dizer quanto tempo esteve assim . Em todo o terreiro , no ar doirado , só se ouvia a lenha a | recninar . Depois voltou-se , e os que estavam perto , ouviram-no dizer : - " Aleluia !", com uma voz de quem reza , os olhos doces . Acenou a Afonso e todos compreendemos que partia . Tinha ainda a face e a barba ensanguentada . |
| 109 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Ele parecia não ver , cruzara os braços , caminhava devagar , com grande calma . Ninguém buliu . Ficámos todos quedos . Os escanções , brancos como mortos , debalde enchiam os pichéis . Ninguém tebia . Chegou então Martim , o bobo moço , que havia dias | já que ninguém viria . Quere-lhe muito , El-Rei : todos o sabem . Branco como um lençol , de aljuba preta em que tinha o guizo , pôs-se a correr à roda da fogueira , e a fazer de corvo , a crocitar . |
| 109 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Fui à sala do trono onde El-Rei estava . Junto dele , vi Afonso Madeira , o senhor Bispo , mais dois ou três ... Olhei-o com espanto : era já outro ... Tinha um olhar que trespassava a gente ... e que ia muito longe ... Deus sabe onde ... E no ar de | mistério , quase nublado . Ia jurar que tudo lhe esquecera . O senhor Bispo então deu-me essa carta , e cá vim ter convosco . Agora vou-me . Vem tempo tendes já para rezar vésperas . |
| 110 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Quando lho perguntaram , El-Rei disse : - " Tomara eu que o vento se calasse .' | |
| 110 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Estais prevenida , Madre . El-Rei não tarda . | |
| 110 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Vou esperar o Infante D.João . Vem de jornada para o saimento . Ficai com Deus . El-Rei vem perto . | |
| 111 | FREIRA | ABADESSA | Se El-Rei não tarda , era melhor acender mais cedo as lâmpadas ... | |
| 111 | FREIRA | FREIRA | Oiço um rumor . Creio que é ele . É El-Rei ... | |
| 111 | FREIRAS | | É certo , é certo . - É El-Rei que vem , e a corte ... - Que devemos fazer ? Voltar ao coro ? - Era melhor fecharmo-nos nas celas ... | |
| 111 | ABADESSA | FREIRAS | Ficam todas aqui ao pé de mim . Para receber El-Rei e o senhor Bispo ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 112 | PEDRO | ABADESSA | Erguei-vos , Madre . Não sou eu que vos venho perturbar . E a Saudade que me traz , e ela só . Estáveis em sossego ... Mas ela veio : bateu-vos à porta , e entrou em lufada , um rei e uma corte . | () Madre ! A minha saudade é uma lena : vem desenterrar o meu amor ... Onde está ele ? () Onde me espera a que será vossa Rainha !? |
| 115 | PEDRO | COVEIRO | É justo . Enterraste , sem o olhar , o meu destino . E eu sou teu rei ... O que sei eu do teu !? E tu ? Tu mesmo !?... Que importa isto O ofício é tudo . Eras bem doido , se uma morta te interessasse como um cacho . Não é comida de homens - é de | vermes . () Vens então da vindima !?... Ainda bem ... Pois foi também para vindimar que eu te chamei . Aqui , () aqui é a hora divina da colheita . Mal tu sabes !... vais dar-me o fruto de Deus e da minha alma . () Manda vir archotes . Mal se vê . |
| 118 | AFONSO | | El-Rei , seu senhor , vos faz saber : - Que do Convento de Santa Clara em Coimbra , com toda a corte e clerezia , saíra ao anoitecer para Alcobaça entre alas de cirios sempre vivos , D. Inês de Castro , Rainha de Portugal , sua mulher . E na Casa de Deus | será coroada , e navera beija-mão . |
| 127 | VELHO | | Quando a cova se abriu - todos tremiam - El-Rei - ouvi-me bem : El-Rei D.Pedro ! - pegou na enxada , que era a do coveiro , e ele mesmo , nas lajes , de joelhos , se pôs a tirar terra , sem tugir ... | |
| 128 | VELHO | | Deixai-me ir escutar . Eu volto já () Nada . Parece que não há ninguém no vale . () Como eu dizia : El-Rei tirava a terra , de joelhos ... Tirou até com as mãos , largara a enxada . E ao tocar no caixão , no caixão dela , todos ouviram que chamou três | vezes , que a chamou como em vida : Inês ... Inês ... Depois pôs-se de bruços sobre a cova , e tocou no caixão muito ao de leve ... Foi então que se ouviu !... Ouviram todos : os bispos , as freiras , toda a corte . |
| 129 | VELHO | | Por o almocreve , esta manhã : muitos o ouviram . Estava à porta do convento , em Santa Clara , quando El-Rei a foi desenterrar . Ouviu o primeiro arauto , soube tudo . Mas perguntai , se quereis , falai com outros . | |
| 130 | VELHO | | E quem te disse que era um saimento ? As palavras do arauto são de El-Rei . Ouviste que falasse em saimento ? Eu estava lá e não perdi nenhuma . | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 131 | HOMEM | | El-Rei queria-lhe tanto sem a ver ... Há já mais de 7 anos que a enterraram . | |
| 131 | HOMEM | | E para matar saudades , - como 7 anos só , é muito tempo . El-Rei nosso sennor tinha mancebas . Duas ao menos : alguns dizem três , vos sabeis os nomes , todos vós ... | |
| 131 | VEL-O | | Deixai dormir , deixai falar quem fala . É carne , às vezes , e só lodo , e vil ; mas é tambem uma janela para a dor . A dor de El-Rei D.Pedro era a saudade . Ninguem a viu ? Que importa ? Viu-a Deus . | () Saudades , - vem sabeis o que elas são ; - são as promessas que nos faz a Morte . A que a Morte lhe fez , a El-Rei D.Pedro , lhes vê-la sorrir , coroada e linda ides beijar-lhe a mão , talvez falar-lhe : |
| 132 | VELHO | | O arauto disse : E na Casa de Deus será coroada . El-Rei o quis assim , - El-Rei que é pai . Não é numa Faco - vêde ! - e numa igreja . Deus vem com ele . Amparai a que se erguel ... (.) Nunca vi tantas nuvens sobre o vale . Parece até que o céu desceu à | terra . |
| 133 | VOZES | | Quantos bispos virão ? Eu contei cinco . - Que pena faz ! Vem morta , eu bem dizia . - Vem deitadinha no caixão ... El-Rei atrás , - Vem a dormir , decerto não vem morta . - El-Rei vinha a sorrir como se a visse . - Pararam, vão parar ... Ali . | no souto . - El-Rei ajoelhou-se - vê ! - todos se ajoelam . - é que a morta acordou ; vai levantar-se ... - Então ressuscitou ! Milagres ... é certo . |
| 133 | VOZES | | Decerto há beija-mão . El-Rei traz coroa . - Perdeste o siso . Beija-mão num souto ao nevoeiro !... - Passou agora um frio , um grande frio ... - Anda a Morte entre as árvores , à espreita !... - Quer leva-la outra vez , roubá-la a El-Rei ... | |
| 135 | VELHO | | Alumiai ! Vem perto , vem já aqui . (.) Mais , um pouco mais ainda . Pareciam longe e vêm já aqui . É do nevoeiro ... engana muito . (.) Oh ! Oh !... é El-Rei o primeiro . Olhai . olhai ... | |
| 138 | BISPO | PEDRO | Eu , meu sennor ?! Estou aqui cumprindo as vossas ordens . Sois o meu rei ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 138 | PEDRO | BISPO | Sois o meu rei ! Cumpres as minhas ordens ;... Bem lembrado . Absolves-te assim de vires connosco . Não és meu cumplice : descansa . Ficas puro . Eu mandei<br>tu - que remorso ? - vens . Hé ! Hé ... Não vá eu fazer-te como ao outro que ainda se vê em | sonho a desvesti-lo , o azorrague na mão , sós numa câmara ... Ou como aquele que para poder mais de perto ver o céu , bailou uma manhã na minha forca ... Má hora essa , Bispo . Nem vale roussar assim ... Não se tem paz . () |
| 138 | PEDRO | BISPO | Que dizes tu , ministro do Senhor ?... ?! Não precisas dizer : Para quê ?? O que tu dizes a ti mesmo sei-o eu bem<br>Li-o eu em Santa Clara nos teus olhos , quando fitaste as minhas mãos que tinham sangue ... () Tenho pena de ti , Bispo . Ao que tens de | obedecer , amigo !... () A mim - olha-me bem - a mim !... () A um rei coveiro ... um milhafre de azorrague e coroa !... carrasco e hiena ... que dá a beijar as mãos ainda com sangue , e tem nas vestes terra duma cova ... () |
| 139 | PEDRO | BISPO | Um rei que troca o cetro pela enxada , e uma enxada tosca de coveiro !... que tindima de noite - ao sol da Morte onde só abrem almas ... () Ninguém , Só com ela , - como sempre . | |
| 139 | PEDRO | AFONSO | Se um dia vos virdes nuns olhos de uma mulher ou numa fonte - ou num silêncio assim , como este ... agora , - sabereis que não existis , que nem sois sombras , e que o vosso rei - pobre de mim , - é um rei sem corte , sem uma corte de árvores e névoa ... | Um rei só ... um rei só ... no maior reino ... |
| 150 | PRIOR | FRADE | O povo quer a El-Rei do coração . E é justo , é justo . Não foi ele que disse : " No dia em que estas mãos não derem , ninguém deve olhar-me como rei ." | |
| 150 | FRADE | PRIOR | El-Rei é o pai do povo , mas da Igreja ... | |
| 150 | PRIOR | FRADE | Perfeito ninguém é . Perfeito é Deus . () El-Rei saiu as trindades , de Coimbra . Decerto , vêm só os cavaleiros no saimento<br>ora de Coimbra a Alcobaça são 17 léguas de jornada , e com noites assim , com esta névoa ... | |
| 151 | PRIOR | FRADE | Disso estou certo . El-Rei o decidiu , terá de ser . E a coroação - à hora que vos disse . Esta noite não dormis : tende paciência . A corte ficará nas vossas celas . E os dois escudeiros ? Que disseram ? | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 151 | PRIOR | PRIOR | Eu mesmo a ver , hei-de cuidar que sonho . Um cadáver exumado num convento em que há 7 anos já a terra o esburga e trazido de noite , pela névoa , com uma corte e um rei , e clero e povo , para uma igreja dum mosteiro longe e lá sentado sobre um | trono , coroado entre o fumo dos turíbulos ... |
| 152 | PRIOR | MESTRE | Não esperais ? El-Rei decerto muito gostaria de vos ver . | |
| 152 | PRIOR | MESTRE | Também eu , também eu venho contemplá-lo muitas vezes e cada dia mais me maravilho . Abençoadas mãos que o trabalharam ! As escrículas são perfeitas , uma a uma . Oh ! Mas a estátua da Rainha ... Olhai ; vinde vê-la comigo , Mestre António . (| Antes de | El-Rei a coroastes vós . E é linda a coroa ! Sente-se , a olhar a pedra , que ela é de oiro . |
| 152 | MESTRE | PRIOR | El-Rei pediu-ihe numa carta que o fizesse . E nunca ouvi razões mais altas nem mais belas . Leu-ma uma tarde aqui , ao pé do túmulo . Quando acabou , a Rainha era uma santa na minha alma . | |
| 153 | PRIOR | MESTRE | Estais bem certo ?... El-Rei , El-Rei D.Pedro ... | |
| 154 | MESTRE | PRIOR | O Papa recusou ; respondeu que não achara fundamento . El-Rei sorria com mistério , ao dizer isto ... " Deus sabe . Deus bem sabe que ela é santa . Sabe-o Deus e nós ; é tudo , António . " Comecei com o baldaquino nesse instante . Ele ficou a ver por | muito tempo . |
| 154 | MESTRE | PRIOR | Eram lindas as dela ... lindas , lindas ... como ele mas mostrou , como ele as vê ... " As mãos de Inês - disse-me El-Rei D.Pedro - até mesmo dormindo , acarinhavam . Adivinhava em sonho os nossos filhos ." E eu a ouvi-lo , tinha vontade de chorar . | pensava : - como hei-de dar em pedra essas mãos de anjo ?... |
| 154 | MESTRE | PRIOR | Bendito seja Deus ! Não foi em vão . Dá-lhe o luar nas pálpebras cerradas . Parecem transparentes ... São de seda . Dir-se-ia que coam o olhar dela . (| " Quando estou triste - disse-me ainda El-Rei , olhando a estátua - lembrar o olhar de Inês faz-me | tão bem - como a água , nos campos , ao silêncio ." |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 155 | PRIOR | MESTRE | E o tumulo de El-Rei ? Começais breve ? | |
| 155 | MESTRE | PRIOR | Dentro dum mês . Preciso descansar . Fica a par do da Rainha , eu já vos disse . Mas não tem a mesma direcção . El-Rei quer que o cabeçal dum túmulo fique voltado para os pés do outro . | |
| 155 | MESTRE | PRIOR | Para no Juizo Final , ao despertar , ver raiar nos olhos dela a Eternidade . () Assim ao disse El-Rei . () Deve ser tarde . () E vai talvez chover . Foi-se o luar . | |
| 156 | FRADE | PRIOR | Não sei . Só o Prior sabe . El-Rei na carta dispôs tudo , previu tudo . Depois o sabereis . () Ele o dirá . | |
| 156 | PRIOR | FRADE | Também já me lembrou . é preciso segurá-la como almadraques . Outra coisa ainda ... Quantos sois ? () Um , dois ... sete . é pouco . Doze pelo menos vão ao adro dizer , de grupo em grupo , que a coroação e o beija-mão são amanhã . Amanhã de manhã : | depois das onze . Todos os sinos de Alcobaça os chamarão . O povo ainda não sabe . Os arautos nada disseram sobre a hora . Quando o saimento entrar na igreja , devem pois recolher-se . Dizei que El-Rei assim o ordena . |
| 157 | FRADE | PRIOR | E é certo que aqui , na nossa igreja , o senhor Bispo da Guarda vai jurar ter casado a El-Rei com D.Inês ?... | |
| 157 | FRADE | PRIOR | Sei que El-Rei o forçou : jurou coacto . Ah ! Deixai-me dizê-lo a vós ao menos : - El-Rei D.Pedro é o carrasco dos corpos e das almas . | |
| 157 | PRIOR | FRADE | Sois injusto Irmão , sois mais do que injusto . Vedes só o mal , que é de nós todos . Não vedes a grandeza , o timbre de alma . El-Rei D.Pedro , meu senhor , é um grande rei . Não é este o instante de o mostrar . Sai ali ao adro : - interrogai . Qualquer | desses , ainda o mais humilde , pode dizer-vos porquê , pode prova-lo . |
| 158 | FRADE | PRIOR | Um grande rei . dizeis !... Um rei perjuro , que quebrou por vingança , friamente , o juramento que a seu pai fizera<br>que se diz justiceiro e é só carrasco um rei cristão que enforca bispos , e os força , por terror , a jurar falso um rei cristão | que insulta Roma , e mais ainda , o Deus que o julgara - canonizando a amante nesta igreja ... |

| PS | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 158 | FRADE | PRIOR | Ei-lo o carrasco - ao som das longas !... a lena que o cio ensandeceu , o rei coveiro de chicote e coroa , que em espirito roussa pela morte !... () Ei-lo o maldito ! () Queimai incenso em todos os turibulos : a podridão dessa alma e dessa morta há-de | impregnar as naves , o granito , prostituir o ar , queimar as preces !... |
| 162 | BISPO DE COIMB | PRIOR | Agora era melhor rezar ua requiem . Não há tempo para mais , é já tão tarde ! Dizei-o vos a El-Rei . | |
| 165 | PRIOR | AFONSO | O que eu não sei , é onde alogar as donas . Não supus que viessem . El-Rei na carta , não me falou delas . Podem ficar na sala do Capitulo . Já poucas horas faltam para ser dia . Os homens vão descansar nas nossas celas . Deus me perdoe ! Parece-me um | sonho tudo isto . Alguns deitaram-se no chão , vece : já dormem . |
| 168 | PEDRO | INES | Sou o rei ... o rei do maior reino ... ao reino que se deste , minha Inês ... Duas vezes Rainha !... Santa ! Santa !... Se estou aqui ao pé de ti - tudo foi bom !... A minha dor , Inês , beijo-a nos olhos !... beijo-a como beijei a tua boca ... como - | cerrando os olhos na saudade - beijei , beijei , beijei a tua alma ... Tudo , tudo foi bom . Tudo eu bendigo . Giço dater o coração do meu destino . Agora sei , Inês ... agora entendo . Morreste moça - para viveres na eternidade sempre moça . |
| 170 | PRIOR | AFONSO | Que foi , meu Deus !?... El-Rei sem dar acordo ... | |
| 171 | PRIOR | AFONSO | Já o tendes visto assim ... Ninguém melhor do que vós pode sabê-lo . Conheceis El-Rei na intimidade . Mas eu , bem compreendeis , não estou em mim ... é preciso dar ordens ... prevenir . Já não pode ser hoje a coroação . | |
| 171 | PRIOR | MARTIM | Perdoai . É quase hora de rezar matinas . Quando pensais que El-Rei ... | |
| 172 | PRIOR | AFONSO | Por Deus ! Ouvi-me . Dizeis então que é só um acidente ? Que tendes visto El-Rei assim - não é verdade ? | |
| 172 | AFONSO | PRIOR | É certo . El-Rei estará connosco em pouco tempo . Não digais nada a ninguém . Ide tranquilo . Os que aqui dormem , dormem como mortos . Estão mortos de fadiga : nada ouviram . Não vos inquieteis . Não houve nada . Tudo se passará - eu vo-lo juro - | conforme as ordens que de El-Rei vos recebestes . El-Rei não tarda . () Está longe ... muito longe ... mas não tarda . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | |
|---|---|---|---|
| 172 | PRIOR | AFONSO | " El-Rei não tarda ... El-Rei está longe " - dizeis vós !?... |
| 172 | AFONSO | PRIOR | El-Rei desperta dentro em breve é o que eu dizia . Logo que ele desperte , o sabereis . Mando por vós , descansai , mando por vos . |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências de formas a partir da base "Just-/just-", admitindo-se apenas adjacência à direita.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Just" | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Just" | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " just" | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " just" | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 63 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | El-Rei é bom , mas justiceiro . | |
| 63 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Foi justo , acho eu , foi de justiça . | |
| 65 | PEDRO | VELHO | é tarde . Vá ! Quem quer justiça ? | |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Perjuro !... Conheces tu , Afonso , a minha fé ?... Como sabes então se perjurei ?... Eu vivo pró Amor e prá Justiça . O meu povo ... a corte ... mesmo tu , só conheceu de mim o justiceiro . Mas para além da Justiça e bem mais alto , há um rei que te fal | a e não conheces , que é rei de Portugal e anda na Morte , porque é nela que vive o seu amor ... O meu Paço Real , o verdadeiro , é uma cova num claustro , em Santa Clara . () |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no céu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta que por amor da Justiça , é até carrasco o teu rei , monteiro e bailador , que é o pai do seu povo , bom e duro ...quando o vês assim ... () ouve : ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma província apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 79 | PEDRO | AFONSO | Não , não , é outra sede ... é outra . () Ora imagina tu que justiça foi feita . E daqui a horas ... sim , talvez daqui a horas , justiça será feita . Então , a paz de Deus virá sobre a minha alma . Três dias viverei com o meu amor ... () Logo ... logo d | epois de os justiçar , vou erguê-la da cova ... à minha Inês . |
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Soubemos às dez horas , que a execução seria no terreiro . A essa hora começaram os pregões pela cidade : " Justiça que manda fazer El-Rei D.Pedro ..." | |
| 115 | PEDRO | COVEIRO | é justo . Enterraste , sem o olhar , o meu destino . E eu sou teu rei ... O que sei eu do teu !? E tu ? Tu mesmo !?... Que importa isto ! O ofício é tudo . Eras bem doido , se uma morta te interessasse como um cacho . Não é comida de homens - é de | vermes . () Vens então da vindima !?... Ainda bem ... Pois foi também para vindimar que eu te chamei . Aqui , () aqui é a hora divina da colheita . Mal tu sabes !... Vais dar-me o fruto de Deus e da minha alma . () Manda vir archotes . Mal se vê , |
| 140 | PEDRO | AFONSO | Está bem , Afonso . Não precisas lembrar-mo. Vá : - dize tu ao Bispo que sossegue ... () Quis só vê-los nos espelhos do meu Paço , que é o Paço da Morte e do amor ... () Depois , bem vês , vim sem chicote . E se o tivesse , caía-me das mãos ... | Que sei eu da justiça !? Eu só agora me conheço , Afonso . Também me vi nos espelhos do meu Paço ... A saudade sei eu que é o olhar das almas mas a Justiça , Afonso , é o olhar de Deus . é o que Deus sonha , o que o faz triste . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 140 | PEDRO | CORREGEDOR | Que crês ? () Sabes que é o teu ofício , - e o que sabes . Como eu . E mais a mim chamam-me sempre o Justiceiro . () Olham-me com espanto . Sou já outro ... Só porque amei , estou entre vós mais só do que o pobre mais pobre do meu reino . Fugi de mim . | Sou um gato do amor , lepra divina . () Podeis ficar . Não correis risco . |
| 150 | PRIOR | FRADE | O povo quer a El-Rei do coração . E é justo , é justo . Não foi ele que disse : " No dia em que estas mãos não derem , ninguém deve olhar-me como rei ." | |
| 158 | FRADE | PRIOR | Um grande rei , dizeis !... Um rei perjuro , que quebrou por vingança , friamente , o juramento que a seu pai fizera<br>que se diz justiceiro e é só carrasco<br>um rei cristão que enforca bispos , e os força , por terror , a jurar falso<br>um rei cristão | que insulta Roma , e mais ainda , o Deus que o julgará - canonizando a amante nesta igreja ... |
| 168 | PEDRO | INES | Como eu a vejo agora - a nossa Coimbra !... É uma Coimbra decantada da saudade ... Uma Coimbra de além ... E o rio e os choupos , e olivais e Paços , vozes de sinos , voz de rouxinóis : é tudo , tudo feito de reflexos ... Só ela vive do meu reino agora . | O meu reino lá foi - sumido em névoa . Adeus salas de pedra dos meus Paços ... meu povo e minha corte ... meu chicote de justiceiro ... noites de folgança ao som das longas ... manhãs de montaria ... bons nebris ... Sois uma asa ao fundo da memória . |
| 171 | AFONSO | PRIOR | ... bailador e monteiro e justiceiro ... () " Ouve Afonso . O meu reino é maior do que tu pensas : - Portugal é uma província apenas ... O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ...' | |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Reino/reino", não se admitindo qualquer adjacência à direita ou à esquerda.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Reino " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Reino " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " reino " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " reino " | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no céu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta que por amor da Justiça , é até carrasco o teu rei , monteiro e bailador , que é o pai do seu povo , bom e duro ...quando o vês assim ... () ouve : ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma província apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 79 | PEDRO | AFONSO | Vou bater à cova dela e chamo : - Inês ... É em Santa Clara , aqui pertinho . () E por lá que se vai para o outro reino ... | |
| 87 | PEDRO | PERO COELHO | Sim ... Que tinheis vós que perdoar ?... Não vos caluniéis . Não , não consinto . Só isso me agastaria : nada mais . Sois dois grandes ... dois nobres portugueses . Contai-me , ou antes tu , Pêro Coelho , vais contar-me como viestes , por amor ao reino , | com meu pai .... () Porque foi , não é verdade ? - para salvar o reino , de Castela ... |
| 88 | PERO COELHO | PEDRO | Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele vos tinha . | |
| 89 | PEDRO | PERO COELHO | O amor que ele me tinha !... Continua . E era bem cogitado , bem pensado . () Foi o que sucedeu ... Perdi o reino ... | |
| 89 | PERO COELHO | PEDRO | Amai-la mais ainda , meu senhor . Vós tendes a saudade e o reino a vida . É convosco e com Deus . Não é comigo . | |
| 93 | PEDRO | PERO COELHO | Ah ! Ah ! A montaria :... Não saímos a montear . Não foi preciso . Depois o sabereis . Houve um milagre ... () Acaba . Estou a ouvir-te . () Tinhas salvado o reino ... Ela caíra ... | |
| 117 | PEDRO | INES | Parece-me ... parece , minha Inês , que despertei ... Estava a teu lado ... Tu - sempre dormindo . Ergui a pedra do outro Paço ... do meu lar ... E ainda com terra da cova , ainda contigo ... voltei a Portugal ... do outro reino ... | ()A terra ... a terra , a terra que te veste ... a terra que fez noite nos teus olhos ... e eu que vivia lá fiquei sem ver ... a terra ... a terra que fechou na tua boca - o segredo do amor para além da Morte ...É terra santa . É terra pura . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 129 | VELHA | | Anda a Morte no ar correndo o reino . | |
| 137 | PEDRO | AFONSO | É ou não como eu te disse a minha noite ? Abre de par em par a tua alma . É a noite em que a saudade se fez carne . Vê : Tem asas de névoa que mal bolem , grandes asas de lágrimas , caladas ... Toca o cabelo , toca as mãos : Escorrem . | O céu , todo o céu desfez-se em choro . É a saudade que voa sobre o mundo . O meu reino é o reino da saudade . A estas horas , Afonso , não é só com destino a Alcobaça : |
| 137 | PEDRO | AFONSO | por todas as estradas , por todos os caminhos do meu reino , vai abrindo os olhos pela névoa , como flores com raízes no silêncio , todo o povo encantado da saudade . Ouves !? Eu oiço-o caminhar . Sigo-lhe os passos . Há nos meus olhos céus para o cobrir | . () Se te digo que é esta a minha noite ! Abre-lhe o coração . Escuta , escuta ... () Uma mãe dorme em sobressalto : acorda ... A saudade bateu : Truz ! Truz ! - de leve . Vai abrir : - é ele o filho morto !... E outra vez se sorriem e se beijam . |
| 139 | PEDRO | AFONSO | Se um dia vos virdes nuns olhos de uma mulher ou numa fonte - ou num silêncio assim , como este ... agora , - sabereis que não existis , que nem sois sombras , e que o vosso rei - pobre de mim , - é um rei sem corte , com uma corte de árvores e névoa ... | um rei só ... um rei só ... no maior reino ... |
| 140 | PEDRO | CORREGEDOR | Que crês ? () Sabes que é o teu ofício , - é o que sabes . Como eu . E mais a mim chamam-me sempre o Justiceiro . () Olham-me com espanto . Sou já outro ... Só porque amei , estou entre vós mais só do que o pobre mais pobre no meu reino . Fugi de mim . | Sou um gato do amor , lebre divina . [illegible] Podeis ficar . Não correis risco . |
| 145 | PEDRO | MARTIM | Como eu () Martim !... A ti ... que posso eu dar ?... De que te serviria todo um reino !? | |
| 147 | PEDRO | AFONSO | Todos os corvos do meu reino ... vinham todos ... E voavam entre eles , andorinhas . Escolheram este dia para emigrar . Uma pastora que descia o monte , quedou à frente do rebanho , de mãos postas ... O ar , todo o ar , cheirava a urze . Havia ... Parece | que tudo isto é já passado , e ainda aqui vamos ... Nem sei se Alcobaça ainda existe ... () |
| 147 | PEDRO | AFONSO | Tu , sim . A ti vejo-te eu bem . Tu és o mesmo . Mas o meu reino !?... o meu reino !? O meu reino perdeu-se no nevoeiro , e agora é isto a minha corte : uma corte de espectros , levando o meu amor naquelas andas , por as estradas dum planeta morto ... | sempre e sempre ... entre flores de luz que oruxoleiam ... atrás de mim - fantasma de mim mesmo ... |

| P6 | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 168 | PEDRO | INES | Sou o rei ... o rei do maior reino ... do reino que me deste , minha Inês ... Duas vezes Rainha !... Santa ! Santa !... Se estou aqui ao pé de ti - tudo foi bom !... A minha dor , Inês , beijo-a nos olhos !... beijo-a como beijei a tua boca ... como - | cerrando os olhos na saudade - beijei , beijei , beijei a tua alma ... Tudo , tudo foi bom . Tudo eu bendigo . Diço bater o coração do meu destino . Agora sei , Inês ... agora entendo . Morreste moça - para viveres na eternidade sempre moça . |
| 168 | PEDRO | INES | Bendito seja sempre o teu martírio ! Bendito o lobo em mim ... bendita a hiena ... () Bendita tu , Inês , sempre bendita ! () Estás outra vez no reino pequenino . Ele foi-te fiel como o teu Pedro . Cada árvore sabe a tua graça . A tarde cai lembrando o | teu sorriso . A terra que tu pisaste , alimentou-me : era pão para mim , mais do que pão . Oh ! Mas Coimbra foi como uma mãe . Como se o húmus recebesse a tua carne , floriu todo em saudades - campo e montes ... Terra de comunhão , carne de Inês . |
| 168 | PEDRO | INES | Como eu a vejo agora - a nossa Coimbra !... É uma Coimbra decantada da saudade ... Uma Coimbra de além ... E o rio e os choupos , e olivais e Paços , vozes de sinos , voz de rouxinóis : é tudo , tudo feito de reflexos ... Só ela vive do meu reino agora . | O meu reino lá foi - sumido em nevoa . Adeus salas de pedra dos meus Paços ... meu povo e minha corte ... meu chicote de justiceiro ... noites de folgança ao som das longas ... manhãs de montaria ... bons nebris ... Sois uma asa ao fundo da memória . |
| 168 | PEDRO | INES | Para me acordares - era já quase noite - beijaste-me nos olhos , minha Inês . E eu quedei como um monte , em seu burel de mato rude , quando uma núvem da manhã o beija ... Não sabia onde estava . Tu sorrias . Entrevi nesse instante o nosso reino ... Ouve | o teu Pedro , Inês , peço-te muito : - havemos de nos lembrar do sol da terra ! E do Mondego , Inês , das suas águas . O sol da terra é irmão do teu cabelo . Como eu o amei , como eu amei o teu cabelo !... |
| 171 | AFONSO | PRIOR | ... bailador e monteiro e justiceiro ... () " Ouve Afonso . O meu reino é maior do que tu pensas : - Portugal é uma provincia apenas ... O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ..." | |
| 173 | AFONSO | MARTIM | Não fales mais , Martim . Deita-te : dorme . Esperemos que ele volte do outro reino . | |

*** Total ***
***

## CONDIÇØES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências a partir das bases "Mort-", "mort-" e "morr-", admitindo-se adjacência apenas à direita.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Mort" | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Mort" | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " mort" | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " mort" | .OR. |
| 5 | TEXTO1 | Contains | " morr" | .OR. |
| 6 | TEXTO2 | Contains | " morr" | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 66 | VELHO | PEDRO | Via também na folgança , meu senhor , e ia sempre a bailar com a morte na alma . Mas como vós me ouvis , estou já contente . | |
| 67 | VELHO | PEDRO | e na Mortágua . () Por Deus , meu senhor , ouvi ainda ... Um gafo que fugiu da gafaria rossou-a e apegou-lhe o mal ... A minha filha agora é uma chaga ... E era a benção de Deus feita mulher !... Faz-me medo - a mim que a trouxe ao colo ... Não tem dedos | dos pés ... Caminha em coutos . Voltou assim à aldeia e apedrejaram-na . E quando eu a conheci - foi por a voz - entre os mavaldos , a atirar-lhe pedras , lá estava ele , o Cantador maldito . () a apontar-me com chascos e a rir-se dela . |
| 68 | AFONSO | PEDRO | Sou teu , tu és minha . Quem morre não parte<br>Nem Deus nem a morte puderam levar-te . | |
| 73 | PEDRO | AFONSO | Nem a Morte ... Dizes bem , Afonso. Nem a Morte ... () Vou dizer-te um segredo para te mostrar uma vez mais , como te quero . Ninguém o sabe . Só ela e Deus , Afonso . Ninguém mais . () Tu sabes porque não durmo há já seis noites , saio a bailar mais tri | ste que a tristeza , e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas ? () Tu conheces-me , Afonso . Tu sabes que é bem outra a minha caça , e há já muitos anos , me muitos anos ... |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Perjuro !... Conheces tu , Afonso , a minha fé ?... Como sabes então se perjurei ?... Eu vivo pró Amor e pró Justiça . O meu povo ... a corte ... mesmo tu , só conhecem de mim o justiceiro . Mas para além da Justiça e bem mais alto , há um rei que te fal | a e não conheces , que é rei de Portugal e anda na Morte , porque é nela que vive o seu amor ... O meu Paço Real , o verdadeiro , é uma cova num claustro , em Santa Clara . () |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no teu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta<br>que por amor da Justiça , é até carrasco<br>o teu rei , monteiro e bailador , que é o pai do seu povo , bom e duro ...quando o vês assim ... () ouve : ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma província apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 76 | PEDRO | AFONSO | É verdade , Afonso . A lua dela !... Começa a sua ronda . Nunca a esquece . E tem um olhar de sede ... Eu sei ... eu sei . Não há fontes no céu para aquela sede . () Vem morta de fadiga ... Está cansada . Está como eu . Não pode esperar mais . | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 77 | PEDRO | AFONSO | As árvores ... os choupos ... são os choupos ... Sabes também , Afonso . Saberão ?... As folhas , ao luar , caem mais lento . Vou dizer-lhes ... aos choupos , um a um , às árvores que a lembram e a amaram ... às folhas secas , que na noite morta , rastej | ao tanta vez com os seus suspiros ... E ao Mondego , além , a escorrer lua ... Vou dizer-lhes que esperem mais um pouco , que eles vêm , vêm aí , que estão já perto ... () Não ouves um torpel ?... Ao ? Ao ?... Afonso ... |
| 80 | AFONSO | PEDRO | O quê , senhor ?... Ides violar a morte ... | |
| 89 | PERO COELHO | PEDRO | Não , meu senhor , mas D.Inês é morta . Isso vos permitiu serdes bom rei . | |
| 92 | PERO COELHO | PEDRO | Mas ela veio , e fiquei paralítico de assombro . Nunca vi nada assim , ninguém tão branco ... Branca ... branca ... como o espectro de uma rosa branca , como um rosto de morta na memória , como uma lua de gelo num crepúsculo ... | Decerto ficou menos branca quando morta . Parecia que um vento de terror a encovelava , assim , movendo os braços como asas , com três vidas pequeninas a cercá-la , meio tontas de sono . amedrontadas ... |
| 97 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Estou sempre à espera dela . Ainda não posso acreditar que ela morreu ... | |
| 98 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Era da cor dos lírios quando morrem . Era um corpo de luz dentro do hábito ... Pobre Irmazinha ! O seu mal ninguém o soube . Era um esperecer , um ir-se embora ... Sabeis , a noite em que passou , velei-a eu . | |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | O que ela amava o sol ! Era quase um pecado . () Quereis ouvir ? Na última semana , já não podia andar , ia a arrastar-se . E tentou por duas vezes ir à torre . Da última , fui dar com ela de bruços a chorar . Parecia uma corcinha moribunda . | Disse-me assim , com um grande esforço : Vai tu , vai tu . Fita-o bem firme , fecha-o nas pálpebras e corre , corre muito , para eu o ver ainda nos teus olhos . Foi ai por dois dias que morreu . Como eu me lembro ! Parece que foi hoje . () |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Mas ela disse : Sinto-me hoje melhor , muito melhor e pediu que se fossem , que só eu a velasse e a Abadessa que lhe queria muito , beijou-lhe por piedade as mãos de cirio , e foi-se com as outras a chorar . | Quando todas saíram , vi-a sorrir como uma rosa branca : Estou tão contente Ainda bem que morro ao pé de ti . Eu bem queria iludi-la , mas não pude : pus-me a beijar-lhe as mãos e a chorar .() Vi fugir entre os seus dedos , toda a noite . |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Depois , seguindo o seu olhar que era uma névoa , olhei pela janela para a cerca . Era já manhãzinha . Via-se o cedro grande mesmo em frente . Dei-lhe um beijo nos olhos - um adeus ... Como se fosse já fugindo , ouvi-a suspirar ao meu ouvido : | " Não posso mais ... Preciso morrer , bem vês ... E se o sol vem , não posso ... é-me impossível ... Fui em bicos de pés até às grades , fechei devagarinho as gelosias , e voltei logo no escuro para ao pé dela . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Parecia-me - que doidice ! - que a Morte escalara os muros do convento , e que matara tudo : as flores da cerca , toda a comunidade ... e só ficara a viver a minha morta !... () Levaram-me para a cela a arder em febre . Lembrai-vos ? Fiquei assim três dias . | |
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Ela era como vós : gostava muito também de vir para aqui . E contava-me a história destes túmulos : sabia a vida das mortas que aqui dormem . A ultima que me contou , foi da Madre-Abadessa Violante, que ainda não há trinta anos que morreu . | A irmã porteira professou com ela . Vós decerto a sabeis . |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Depois , durante a outra execução , comeu sem olhar nunca , comeu sempre . Alvaro Gonçalves , sem acordo , foi executado como um morto . Nem tugiu . Puseram então os corpos sobre a lenha , e as mãos vermelhas de Tristão lá a acenderam . | Foi nesse instante , que El-Rei se levantou para ver de perto . O fogo pegou mal , demorou muito . El-Rei impacientava-se : os carrascos tremiam como vimes . Tristão olhava-lhe o chicote como um cão . |
| 109 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Ele parecia não ver , cruzara os braços . Caminhava devagar , com grande calma . Ninguém bulia . Ficámos todos quedos . Os escanções , brancos como mortos , debalde enchiam os pichéis . Ninguém bebia . Chegou então Martim , o bobo moço , que havia dias | já que ninguém vira . Quere-lhe muito , El-Rei : todos o sabem . Branco como um lençol , de aljuba preta em que tinia o guizo , pôs-se a correr à roda da fogueira , e a fazer de corvo , a crocitar . |
| 110 | ABADESSA | FREIRAS | Nem sossegou na vida nem na morte . | |
| 113 | PEDRO | COVEIRO | Da lavoira da Morte ... Este claustro aqui , é a leira d'Ela ... é a Abadessa do convento cá de baixo . Se eu viesse muitas vezes a esta leira , decerto corcovava como tu : mas de olhar para o meu céu ... | () Está aqui fechado . () Hoje sou eu quem faço o teu ofício . Serei eu o coveiro . |
| 115 | PEDRO | COVEIRO | é justo . Enterraste , sem o olhar , o meu destino . E eu sou teu rei ... O que sei eu do teu ? E tu ? Tu mesmo ?... Que importa isto ! O ofício é tudo . Eras bem doido , se uma morta te interessasse como um cacho . Não é comida de homens - é de | vermes . () Vens então da vindima ?... Ainda bem ... Pois foi também para vindimar que eu te chamei . Aqui , () aqui é a hora divina da colheita . Mal tu sabes !... Vais dar-me o fruto de Deus e da minha alma . () Manda vir archotes . Mal se vê . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 117 | PEDRO | INES | Parece-me ... parece , minha Inês , que cesperteí ... Estava a teu lado ... Tu - sempre dormindo . Ergui a pedra do outro Paço ... do meu lar ... E ainda com terra da cova , ainda contigo ... voltei a Portugal ... do outro reino ... | (!A terra ... a terra , a terra que te veste ... a terra que fez noite nos teus olhos ... e eu que vivia lá fiquei sem ver ... a terra ... a terra que fechou na tua boca - o segredo do amor para além da Morte ...É terra santa . É terra pura . |
| 119 | PEDRO | INES | Quisera ter mãos de sombra !... Devagarinho ... devagarinho ... Não vá eu magoar o teu cabelo ... Estou certo que os vermes mesmo se arrastam no teu corpo com doçura ... pobrezinha ! Quando a Morte te viu , chorou decerto ... e os olhos de Deus ficaram | rasos ... Meu amor ... Minha Inês ... O meu amor !... () É impossível . Não posso . Tenho medo ... |
| 120 | PEDRO | ABADESSA | Oh ! Como os seus cabelos têm mais oiro , são cor dos giestais ao vir de Maio , têm mais oiro que a coroa ... Vêde : vêde ... Nem lhes bulliu a Morte . Guardou-a de amuleto , sempre vivos , guardou-os como joias ... como joias da Morte os teus cabelos ... | |
| 126 | PEDRO | | Shut ! Shut !... Estais na câmara da Rainha . Dorme ... A vossa Rainha dorme . Só nós velamos . Adormeceu com ela a vida toda . Dorme . Dorme reinando ... com a sua coroa de oiro ... o cetro de oiro ... Rainha de Portugal . - Rainha da Morte ... | () Há uma rainha agora em Portugal . |
| 128 | RAPAZ | | Ouvi , ouvi o que vos contam . E vós mesmas , que eu vi no adro quando veio o arauto , já o deveis saber se ouvisseis ber . Não disse ele bem claro , que há uma rainha agora em Portugal ? Pelo visto , cuidáveis que uma morta ia reinar ... | |
| 128 | MULHER | | Ela falou ?... A morta !? Quem a ouviu ? | |
| 129 | VELHA | | Anda a Morte no ar correndo o reino . | |
| 129 | VELHO | | É um milagre de Deus : é Deus que o quer . Não é o primeiro morto que cá volta ... | |

| PG | QUEM FALA | | A QUEM |
|---|---|---|---|
| 130 | VELHO | Também é minha fé que ela é uma santa . Deus que lhe deu o martírio , deu-lhe a palma . E em Santa Clara , os bispos , a abadessa , e toda a corte , a ouvi-la , ajoelhou ... Nenhum sino dobrou em Coimbra<br>a não vêm carpideiras : ninguém grita . Os sinos | só dobram por os mortos<br>e ela nasceu segunda vez : ressuscitou . |
| 131 | VELHO | Deixai cumprir , deixai falar quem fala . A carne , às vezes , é só lodo , é vil : mas é também uma janela para a dor . A dor de El-Rei D.Pedro era a saudade . Ninguém a viu ? Que importa ! Viu-a Deus<br>. | (!) Saudades , - bem sabeis o que elas são : - são as promessas que nos faz a Morte . A que a Morte lhe fez , a El-Rei D.Pedro , ides vê-la sorrir , coroada e linda<br>ides beijar-lhe a mão , talvez falar-lhe : |
| 131 | VELHO | é uma morta que volta e que sorri ... Vem aí dentro em pouco : estais a esperá-la ... Primeiro deu-lhe Deus o seu martírio<br>depois beijou-lhe a alma com piedade , aquecêu-a nas mãos que criam mundos e são acanhegadas como ninhos<br>e o milagre deu-se , | - o que ides ver : os seus olhos de novo reflorirão , abriram outra vez na terra escura , que se fazia leve , que fugia , como a sombra recua ao vir o luar ... |
| 132 | VELHO | Podeis seguir-los a Alcobaça como eu . Eu vou a pé : carrego os meus janeiros . Tenho dois círios para o caminho : é tudo . Quero ir-lhe beijar a mão , vê-la rainha , - ver esse olhar que conheceu a Morte como estas mãos a terra que apanharam ... | |
| 133 | VOZES | Quantos bispos virão ? Eu contei cinco . - Que pena faz ! Vem morta , eu bem dizia . - Vem deitadinha no caixão ... El-Rei atrás . - Vem a dormir , decerto não vem morta . - El-Rei vinha a sorrir como se a visse . - Pararam, vão parar ... Ali . | no souto . - El-Rei apeou-se - vê ! - todos se apeiam . - É que a morta acordou ; vai levantar-se ... - Então ressuscitou ! Milagres ... É certo . |
| 133 | VOZES | Decerto há beija-mão . El-Rei traz coroa . - Perdeste o siso . Beija-mão num souto ao nevoeiro !... - Passou agora um frio , um grande frio ... - Anda a Morte entre as árvores , à espreita !... - Quer levá-la outra vez , roubá-la a El-Rei ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 133 | VELHA | | A Morte vai segui-los ... Deus nos valha ' | |
| 134 | VELHO | | As árvores ficam como ossadas ... Todas as folhas caem sobre a morta . | |
| 134 | VELHA | | é o bafo da Morte . Não chegam a Alcobaça : é mais que certo . Vai-os gelar pelo caminho a todos ... | |
| 134 | VELHA | | Tudo sabe que a Morte anda no souto . Só eles não ... | |
| 134 | MULHER | | As nuvens caem no vale como mortas . | |
| 136 | PEDRO | AFONSO | um deus de pedra e uma morta que se entendem , como se morressem de piedade um por o outro ... | |
| 137 | PEDRO | AFONSO | por todas as estradas , por todos os caminhos do meu reino , vai abrindo os olhos pela névoa , como flores com raízes no silêncio , todo o povo encantado da saudade . Ouves ? Eu vejo-o caminhar , sigo-lhe os passos . Há nos meus olhos céus para o cobrir | . () Se te digo que é esta a minha noite ! Abre-lhe o coração . Escuta , escuta ... () Uma mãe dorme em sobressalto : acorda ... A saudade bate : Truz ! Truz ! - de leve . Vai abrir : - é ele o filho morto ... E outra vez se sorriem e se beijam . |
| 137 | PEDRO | AFONSO | Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo nunca se amaram tanto , tão profundo ... - " Dei os braços à Morte para embalar-te . Pedi-lhe que fosse ela a tua mãe ." - " A Morte ?... Nem a vi , minha mãezinha . Cuidei que eras tu que me levavas ." | Cola o ouvido à névoa : escuta sempre . Outra ... Perdeu o noivo - e ei-lo que volta ! () - Vens de tão longe ... " Venho da tua alma . Ressuscitei em ti , ó meu amor ." - " Como e a morte ? Diz-me o seu segredo ." - " Estive sempre contigo . Nem a vi. |
| 137 | PEDRO | AFONSO | E como estas , outras , muitas , muitas ... Tudo vozes assim florindo a névoa . A saudade hoje passa sobre o mundo , como o Cristo passou por sobre o mar . Vê como tudo se calou para a sentir ... Eu sabia que quando Inês se erguesse , seria assim a | noite . Não to disse ?... Na noite das nossas bodas , das supremas , eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos . E esta , a esta a minha noite . A noite em que a saudade se fez carne !... |
| 138 | PEDRO | AFONSO | Tens um olhar que nunca viste nos teus olhos ... uma dor que não sabias que era a tua ... outro sorriso ... é uma janela que dá para além do tempo . Olhas , e só vês o que é eterno . () Oh ! Oh !... Gosto de o ouvir . Diva ! Diva !... () Hein ! Afonso . | .. Como o instinto fala à morte !... Fere a névoa - Vê- trespassa a noite . Não há música assim . Melhor , muito melhor que as tuas trovas ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 139 | PEDRO | BISPO | Um rei que troca o ceptro pela enxada , e uma enxada tosca de coveiro ... que vindima de noite - ao sol da Morte onde só abrem almas ... () Ninguém . Só com ela , - como sempre . | |
| 140 | PEDRO | AFONSO | Está bem , Afonso . Não precisas lembrar-mo. Vá ; - diz tu ao Bispo que sossegue ... () Quis só vê-los nos espelhos do meu Paço , que é o Paço da Morte e do amor ... () Depois , bem vês , vim sem chicote . E se o tivesse , caía-me das mãos ... | Que sei eu da justiça !? Eu só agora me conheço , Afonso . Também me vi nos espelhos do meu Paço ... A saudade sei eu que é o olhar das almas mas a Justiça , Afonso , é o olhar de Deus . É o que Deus sonha , o que o faz triste . |
| 140 | PEDRO | ASTROLOGO | E tu ? Quero também ouvir-te . Que sabes tu do amor , do amor na morte ? | |
| 140 | PEDRO | ASTROLOGO | O fim ? A vida está sempre a começar , amigo . Eu por mim sinto que vou nascer . () Para ti - escusas de negar - sou um pastor doido , que só por ter cajado tem rebanho . Vou tanger pela noite a Ovelha morta . A névoa cai , os círios tremem e eu vou | levá-la assim para outro redil . E estremunhei um povo para ver isto . |
| 145 | MARTIM | PEDRO | Como noje es bom para mim ... () Pássaro morto ... logo lhe mandas dar um ninho ... () Como Aquela ... | |
| 145 | PEDRO | | Que as longas soem ! E que os círios abram alas ! A caminho ! As donas descansaram , imagino . () A névoa desfez os penteados , imagino ; afogou-vos . Estais amarelas como mortas ... é que o sois . Esta noite é um bom espelho ; podeis crer () A Alcobaça ! | |
| 147 | PEDRO | AFONSO | Tu , sim . A ti vejo-te eu bem . Tu és o mesmo . Mas o meu reino !?... o meu reino !? O meu reino perdeu-se no nevoeiro , e agora é isto a minha corte : uma corte de espectros , levando o meu amor naquelas andas , por as estradas dum planeta morto ... | sempre e sempre ... entre flores de luz que bruxoleiam ... atrás de mim - fantasma de mim mesmo ... |
| 147 | PEDRO | AFONSO | A caminho ! () He ! Trombeteiros ! Que as longas soem ! Halalis ! Halalis !... Sou eu quem vou montear para além da morte !... Quem viu o meu falcão , moços de monte ?... Vai comigo desperto em plena noite ... é a saudade , chama-se saudade ! Bom | companheiro ... companheiro eterno ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 148 | PEDRO | INFANTE | O mais longe e o melhor : onde pudermos . Agasalha-te bem : a noite molha . Um vagalhão de névoa afogou tudo . Céu e terra são dois pobres naufragos . () O sorriso do mar e das estrelas está ali dentro com Ela<br>está encantado . Tudo o que sorria está | ali dentro<br>dorme ali dentro com o seu cabelo ... Vais vê-lo em Alcobaça , meu João : é o mesmo , o mesmo<br>uma erva de oiro tão macia e fina - que a foice caiu das mãos da morte ... Nem um fio ceifou : é o mesmo sempre , que em pequenino te cobria todo |
| 151 | PRIOR | FRADE | Vede que nada falte . Na capela-mor já eu fui ver . Está tudo bem : o trono para a Morta , os sitiais ... É lá a coroação e o beija-mão . E amanhã , durante a cerimónia , queima-se incenso em todos os turibulos . | |
| 155 | FRADE | FRADE | É aqui . Logo que chege ao adro o saimento , sois vós que ides buscar a Rainha morta e trazê-la para aqui . Fica neste catafalco até amanhã . | |
| 156 | FRADE | PRIOR | E como quereis que a Morta se sustenha ? Depois de 7 anos de terra ... Deve estar quase esburgada . Quem sabe se as mãos que temos de beijar-lhe , - conservam ainda os ossos todos ... | |
| 158 | FRADE | PRIOR | Não a vedes ali , no impudor daquela pedra - quase viva ?... Tem a coroa de rainha e o baldaquino !... O carrasco sagrou a amante morta . A coroa de rainha é já desvario<br>mas o baldaquino de santa - o baldaquino ! | |
| 159 | FRADE | PRIOR | Ei-lo o carrasco - ao som das longas !... a lena que o cio ensandeceu , o rei coveiro de chicote e coroa , que em espirito roussa pela morte !... () Ei-lo o maldito ! () Queimai incenso em todos os turibulos : a podridão dessa alma e dessa morta há-de | impregnar as naves , o granito , prostituir o ar , queimar as preces !... |
| 160 | PEDRO | | Que é isto !?... Dobres !... Quem morreu aqui , nas minhas bodas !?... Os sineiros de Alcobaça endoidaceram . Que os sinos toquem todos a noivado !... E que toquem sempre !... sempre !... sempre !... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 162 | PEDRO | AFONSO | Os peões , os cavalos chapinhavam , com um som mole , amortecido em névoa ... Ouviu-se o coro dos frades nesse instante . Cuidei ao princípio que era o mar . Depois ouvi-o de perto , ainda mais perto distinguí as vozes , as palavras ... | As ramas , na água , eram de plumas e dos círios - centenares de círios - caíam estrelas de sangue na água morta ... Cada coisa olhava a sua imagem : já não havia terra : |
| 163 | PEDRO | AFONSO | - Só os espelhos ... Mesmo o ar era um espelho de âmbar , em que o luar se mirava , se sumia ... E cheirava a resina , a morte , a névoa ... | |
| 165 | PEDRO | INES | sou o teu Pedro . O que ele tem , o que ele tem para te contar !... Eu bem sei que tu sabes ... sabes tudo . Os teus ouvidos , na Morte , ouvem melhor . Ouviram o desespero do teu Pedro - uma noite de pedra sobre esta alma - ouviram as suas lágrimas | caladas : ouviram toda , toda a sua dor . Eu sei ... eu sei ... As palavras , por si , dizem bem pouco mas acordam a alma , meu amor . Se não fosse assim , para quê !?... falar ... Fala-se para cair no teu silêncio - no silêncio em que a alma sorri ... |
| 166 | PEDRO | INES | O último beijo que me deste em vida , foi numa hora assim : caíam folhas ... Os pomares ofereciam-se - doirados ... Quando fecho os meus olhos , vejo-a sempre : dir-se-ia que forra as minhas pálpebras . Foi nessa hora que eu nasci para a dor : foi na | hora sagrada em que morreste , que a minha alma nasceu para te adorar . Até a tua morte - eu só te amava . Disse-me Deus , Inês , que me perdoaste . E eu sinto o teu perdão dentro do peito - como se o abrisse para o luar entrar ... |
| 166 | PEDRO | INES | Quero dizer-te desde essa hora , a minha vida : - ressuscitaste tu quando eu nasci . O nosso amor , amor , ainda era pouco . Só abraçado à morte ele inicia : só a Saudade revela , sabe a Deus . Oh ! Os meus dias ... os meus longos dias - dias de hiena | triste , a sonhar sangue ... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijes : - e serão puros na Saudade , como tu . O Mil vezes , minha Inês , mil vezes sofri na minha carne a tua morte . Via-a sempre - o espaço era para ele - o teu corpo de amor , |
| 167 | PEDRO | INES | Vivi um ano assim , do teu martírio . O teu sangue , amor , era o meu vinho . A tua morte , Inês , foi o meu pão . Fugia ao sol : a luz envenenava-me . Queria estar só , bem só , murado em mim : - cavava no silêncio um fojo escuro para me poder cevar na | minha dor . O meu crânio era uma câmara de tortura : - viviam lá um carrasco e os assassinos . E o carrasco era eu , era o teu Pedro . Dirava de pensar ... de sentir sangue ... Para ver se sossegava ia montear . Corria os montes da Beira doidamente . |
| 167 | PEDRO | INES | crescia contra mim , que as amei sempre ... Num silêncio escaminho , caminhavam ... Uma noite , ao recolher - pobre de mim ! - quis enterrar num cedro a minha espada . A lâmina partiu com um tenir fino . () E às vezes , nas palmas destas mãos , quase | sentia a polpa dos teus seios .... Era um lobo o teu Pedro : era uma hiena . Mas um dia , "Alguém" desceu ao fojo : - "Alguém" que era da morte e era da vida e mais - de além da morte e além da vida ... E eu vi a Saudade ao pé de mim . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 167 | PEDRO | INES | Nunca mais me deixou : vivo com ela . Fez-se em mim carne e sangue . Fez-se Inês . Por isso sabes toda a minha vida . Por isso eu sei a morte como tu . Sou um homem que vivi a vida e a morte : sou o homem-Saudade , o rei-Saudade ... | |
| 168 | PEDRO | INES | Só guardo nos meus olhos o Mondego , tal como o vi depois de tu morreres . Eu não tinha um irmão ... Ninguém comigo . Fui ter com ele - o meu amigo de água . Ia como uma lágrima doirada , com as folhas secas a boiar , o céu ao fundo , e os choupos nas | margens a rezar ... Assim ficou nesta alma para sempre . Lembras-te ? - uma vez , no ardor da sesta , adormeci no teu regaço . Era Agosto . Ele corria aos nossos pés , num murmurinho : as suas águas tinham sede como a areia . |
| 171 | AFONSO | PRIOR | Não façais tal , Decerto pode . Com certeza . Este que está aqui , é o Rei-Saudade ... Mas ninguém o conhece ... ninguém sabe ... Nem mesmo logo , ao vê-lo coroar a Rainha morta , alguém da corte ou do povo o saberá . Só verão os olhos das galgaticas e o | fumo dos turibulos no ar ... E hão-de ouvir cantar missas : nada mais . ;) Para eles é só Pedro primeiro ... |
| 171 | AFONSO | PRIOR | ... bailador e monteiro e justiceiro ... ;) " Ouve Afonso , O meu reino é maior do que tu pensas : - Portugal é uma provincia apenas ... O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ..." | |
| 172 | AFONSO | PRIOR | É certo . El-Rei estará connosco em pouco tempo . Não digais nada a ninguém . Ide tranquilo . Os que aqui dormem , dormem como mortos . Estão mortos de fadiga : nada ouviram . Não vos inquieteis . Não houve nada . Tudo se passará - eu vo-lo juro - | conforme as ordens que de El-Rei vos recebestes . El-Rei não tarda . ;) Está longe ... muito longe ... mas não tarda . |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Vida/vida", não se admitindo qualquer adjacência à direita ou à esquerda, e todas as ocorrências de formas a partir da base "viv-", admitindo-se apenas adjacência à direita.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Vida " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Vida " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " vida " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " vida " | .OR. |
| 5 | TEXTO1 | Contains | " viv" | .OR. |
| 6 | TEXTO2 | Contains | " viv" | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 64 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | Sou eu que não duro se esta vida continua . El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço . Mas agora é de mais . Não pára nunca . E estas salas , não sei que têm , põem-me tristonho . Quase todas vazias , sem conchego . Nem ali na lareira há boa lenha . | () Vês ?... Ramos de choupo e de salgueiro , cortados de manhã , ainda com folhas ... Que quer isto dizer ? Tu sabes ?... E a viola de Afonso ali no chão ... () Se me deixassem !.. Queria dormir , dormir dias sem conto . |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Perjuro !... Conheces tu , Afonso , a minha fé ?... Como sabes então se perjurei ?... Eu vivo pró Amor e prá Justiça . O meu povo ... a corte ... mesmo tu , só conhecem de mim o justiceiro . Mas para além da Justiça e tem mais alto , há um rei que te fal | a e não conheces , que é rei de Portugal e anda na Morte , porque é nela que vive o seu amor ... O meu Paço Real , o verdadeiro , é uma cova num claustro , em Santa Clara . () |
| 79 | PEDRO | AFONSO | Não , não . é outra sede ... é outra . () Ora imagina tu que justiça foi feita . E daqui a horas ... sim , talvez daqui a horas , justiça será feita . Então , a paz de Deus virá sobre a minha alma . Três dias viverei com o meu amor ... () Logo ... logo ! | epois de os justiçar , vou erguê-la da cova ... à minha Inês . |
| 85 | PEDRO | CAVALEIRO/AFONS | Basta . Depois me dirás o resto . Deus me dará , para tratar desse , vida e tempo . Ide , ide descansar : precisais bem . () E tu Afonso , vai dizer-lhes que os espero , que velei toda a noite em honra deles ... | |
| 89 | PERO COELHO | PEDRO | Amai-la mais ainda , meu senhor . Vós tendes a saudade e o reino a vida . é convosco e com Deus . Não é comigo . | |
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | Pois seja assim . Sois vós que o ordenais . Tudo se decidiu na mesma hora em que El-Rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castros conspiravam . Era junto de vós , na vossa sombra , numa segunda corte de estrangeiros que vivia a adular-vos e a | trair-vos . |
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Parecia-me - que doidice ! - que a Morte escalara os muros do convento , e que matara tudo : as flores da cerca , toda a comunidade ... e só ficara a viver a minha morta !... () Levaram-me para a cela a arder em febre . Lembrai-vos ? Fiquei assim três | dias . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Ela era como vós : gostava muito também de vir para aqui . E contava-me a história destes túmulos : sabia a vida das mortas que aqui dormem . A última que me contou , foi da Madre-Abadessa Violante, que ainda não há trinta anos que morreu . | A irmã porteira professou com ela . Vós decerto a sabeis . |
| 107 | ESCUDEIRO | ABADESSA | é tarde . Já não posso contar-vos tudo a eito . Só direi o que importa , o grande horror , o que , cem anos que eu viva , há-de viver dentro de mim em sangue e lume . | |
| 110 | ABADESSA | FREIRAS | Nem sossegou na vida nem na morte . | |
| 117 | PEDRO | INES | Parece-me ... parece , minha Inês , que despertei ... Estava a teu lado ... Tu - sempre dormindo . Ergui a pedra do outro Paço ... do meu lar ... E ainda com terra da cova , ainda contigo ... voltei a Portugal ... do outro reino ... | ()A terra ... a terra , a terra que te veste ... a terra que fez noite nos teus olhos ... e eu que vivia lá fiquei sem ver ... a terra ... a terra que fechou na tua boca - o segredo do amor para além da Morte ...é terra santa . é terra pura . |
| 118 | PEDRO | INES | Inês !... O teu Pedro veio erguer-te : a vida é outra . O Destino já não tem a mesma rota ... Como hei-de eu viver agora , oh minha Inês !?... A vida toda desfolhou-se aos teus pés como uma flor .. | () Cheiras a poeira ... Saboreio o teu cheiro como um corvo ... Melhor do que o das rosas que me deste ... Mais o sumo dos pomares de Coimbra ... mas o fero deifaco , é meu amor ... |
| 119 | PEDRO | INES | Oh ! Como a vida está toda suspensa !... O céu e a terra escutam-se , entenderam-se ... Ouves ?... São dois noivos a beijar-se ... | |
| 120 | PEDRO | ABADESSA | Oh ! Como os seus cabelos têm mais oiro , são cor dos giestais ao vir de Maio , têm mais oiro que a coroa ... Vêde ; vêde ... Nem Inês buliu à Morte . Guardou-a de amuleto , sempre vivos . Guardou-os como jóias ... como jóias da Morte os teus cabelos ... | |
| 120 | PEDRO | | Shut ! Shut !... Estais na câmara da Rainha . Dorme ... A vossa Rainha dorme . Só nós velamos . Adormeceu com ela a vida toda . Dorme . Dorme reinando ... com a sua coroa de oiro ... o ceptro de oiro ... Rainha de Portugal . - Rainha da Morte ... | () Há uma rainha agora em Portugal . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 125 | AFONSO | | El-Rei , meu senhor , vos faz saber : - Que do Convento de Santa Clara em Coimbra , com toda a corte e clerezia , sairá ao anoitecer para Alcobaça entre alas de cirios sempre vivos , D. Inês de Castro , Rainha de Portugal , sua mulher . E na Casa de Deus | será coroada , e haverá beija-mão . |
| 127 | MULHER | | Bendito seja Deus ! Mais do que em vida ... | |
| 127 | RAPAZ | | Pois em vida está ela . Bem em vida . | |
| 128 | MULHER | | Em vida D.Inês !?... Que dizeis vós ? | |
| 128 | VELHO | | Deixai-me ir escutar . Eu volto já () Nada . Parece que não há ninguém no vale . () Como eu dizia : El-Rei tirava a terra , de joelhos ... Tirou até com as mãos , largara a enxada . E ao tocar no caixão , no caixão dela , todos ouviram que chamou três | vezes , que a chamou como em vida : Inês ... Inês ... Depois pôs-se de bruços sobre a cova , e tocou no caixão muito ao de leve ... Foi então que se ouviu !... Ouviram todos : os bispos , as freiras , toda a corte . |
| 128 | VELHO | | Ouviras todos a voz dela , como em vida , a dizer assim : és tu , meu Pedro ? Por onde andaste a montear 7 anos ?... | |
| 130 | MULHER | | Mas então , se está viva e se é rainha , para que vem assim num saimento , mais de 17 léguas entre cirios ? | |
| 137 | PEDRO | AFONSO | Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo nunca se amaram tanto , tão profundo ... - " Dei os braços à Morte para embalar-te . Pedi-lhe que fosse ela a tua mãe ." - " A Morte !?... Nem a vi , minha mãezinha . Cuidei que eras tu que me levavas ." | Coia o ouvido à névoa : escuta sempre . Outra ... Perdeu o noivo - e ei-lo que volta ! () - Vens de tão longe ... " Venho da tua alma . Ressuscitei em ti , oh meu amor ." - " Como é a morte ? Diz-me o seu segredo ." - " Estive sempre contigo . Nem a vi. |
| 140 | ASTROLOGO | PEDRO | É o outro fim da minha vida , meu senhor . | |
| 140 | PEDRO | ASTROLOGO | O fim ? A vida está sempre a começar , amigo . Eu por mim sinto que vou nascer . () Para ti - escusas de negar - sou um pastor doido , que só por ter cajado tem rebanho . Vou tanger pela noite a Ovelha morta . A névoa cai , os cirios tremem e eu vou | levá-la assim para outro redil . E estremunhei um povo para ver isto . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 141 | PEDRO | ASTROLOGO | Enquanto tu ... Tu mandas o teu olhar até às estrelas , - um olhar perscrutador e tão agudo , que lhes põe em sangue as penas de oiro ... és sábio . Acho bem que me desprezes . () Para entender estrelas , o melhor , é viver com elas e arder sempre . | O resto é pouco , () é nada . O olhar que mais vê e o olhar da vida - são um espelho em face doutro espelho . Querer saber é um impossível triste . |
| 158 | FRADE | PRIOR | Não a vedes ali , no impudor daquela pedra - quase viva ?... Tem a coroa de rainha e o baldaquino !... O carrasco sagrou a amante morta . A coroa de rainha é já desvario mas o baldaquino de santa - o baldaquino ! | |
| 166 | PEDRO | INES | O último beijo que me deste em vida , foi numa hora assim : caiam folhas ... Os pomares ofereciam-se - doirados ... Quando fecho os meus olhos , vejo-a sempre : dir-se-ia que forra as minhas pálpebras . Foi nessa hora que eu nasci para a dor : foi na | hora sagrada em que morreste , que a minha alma nasceu para te adorar . Até à tua morte - eu só te amava . Disse-me Deus , Inês , que me perdoaste . E eu sinto o teu perdão dentro do peito - como se o abrisse para o luar entrar ... |
| 166 | PEDRO | INES | Quero dizer-te desde essa hora , a minha vida : - ressuscitavas tu quando eu nasci . O nosso amor , amor , ainda era pouco . Só abraçado à morte ele inicia : só a Saudade revela , sabe a Deus . Oh ! Os meus dias ... os meus longos dias - dias de hiena | triste , a sonhar sangue ... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijes : - e serão puros na Saudade , como tu . () Mil vezes , minha Inês , mil vezes sofri na minha carne a tua morte . Via-o sempre - o espaço era para ele - o teu corpo de amor , |
| 167 | PEDRO | INES | Vivi um ano assim , do teu martírio . O teu sangue , amor , era o meu vinho . A tua morte , Inês , foi o meu pão . Fugia ao sol : a luz envenenava-me . Queria estar só , bem só , murado em mim : - cavava no silêncio um fojo escuro para me poder cevar na | minha dor . O meu crânio era uma câmara de tortura : - viviam lá um carrasco e os assassinos . E o carrasco era eu , era o teu Pedro . Oirava de pensar ... de sentir sangue ... Para ver se sossegava ia montear . Corria os montes da Beira doidamente . |
| 167 | PEDRO | INES | Entre Malalis e vento , galopava . Moços de monte olhavam-me pasmados . Nem seguia os javardos : galopava !... Quanto podia , à toa , sem destino : - a fugir de mim mesmo , entre os meus galgos !... E o sono não vinha , nunca vinha . Nem nas fráguas dos | montes nem nos paços . Nos pantanos de argento , muita vez , apedrejei a minha própria imagem . Fui cúmplice das coisas contra mim . Toda a terra viveu a endoidecer-me . As árvores , na sombra , cochichavam : vinham fechar-me em rondas de conjura : |

| P6 | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 167 | PEDRO | INES | cresciam contra mim , que as amei sempre ... Num silêncio escarninho , caminhavam ... Uma noite , ao recolher - pobre de mim ! - quis enterrar num cedro a minha espada . A lâmina partiu com um tenir fino . () E às vezes , nas palmas destas mãos , quase | sentia a polpa dos teus seios !... Era um lobo o teu Pedro : era uma hiena . Mas um dia , "Alguém" desceu ao fojo : - "Alguém" que era da morte e era da vida e mais - de além da morte e além da vida ... E eu vi a Saudade ao pé de mim . |
| 167 | PEDRO | INES | Nunca mais me deixou : vivo com ela . Fez-se em mim carne e sangue . Fez-se Inês . Por isso sabes toda a minha vida . Por isso eu sei a morte como tu . Sou um homem que vivi a vida e a morte : sou o homem-Saudade , o rei-Saudade ... | |
| 168 | PEDRO | INES | Sou o rei ... o rei do maior reino ... do reino que me deste , minha Inês ... Duas vezes Rainha !... Santa ! Santa !... Se estou aqui ao pé de ti - tudo foi bom !... A minha dor , Inês , beijo-a nos olhos !... beijo-a como beijei a tua boca ... como - | cerrando os olhos na saudade - beijei , beijei , beijei a tua alma ... Tudo , tudo foi bom . Tudo eu bendigo . Giço bater o coração do meu destino . Agora sei , Inês ... agora entendo . Morreste moça - para viveres na eternidade sempre moça . |
| 168 | PEDRO | INES | Como eu a vejo agora - a nossa Coimbra !... é uma Coimbra decantada da saudade ... Uma Coimbra de além ... E o rio e os choupos , e olivais e Paços , vozes de sinos , voz de rouxinóis : é tudo , tudo feito de reflexos ... Só ela vive do meu reino agora . | O meu reino lá foi - sumido em névoa . Adeus salas de pedra dos meus Paços ... meu povo e minha corte ... meu chicote de justiceiro ... noites de folgança ao som das longas ... manhãs de montaria ... bons nebris ... Sois uma asa ao fundo da memória . |
| 169 | PEDRO | INES | A manhã vinha vindo além dos montes ... Os teus seios arfavam com a luz ... E ficavas a olhar - os olhos rasos !... Que tinhas tu !... Viste o céu sofrer ?... Era para dar a aurora ao nosso amor !... E nascia ... subia : encantamento !... Os teus olhos | faziam-se maiores , Oh ! O que o sol gozou de viver neles !... Mesmo na sombra - eram flores com raios ... Os teus olhos olhavam-me na sombra - como as janelas do meu Paço olham a noite ... |
| 169 | PEDRO | INES | Os meus agora vivem como estrelas : dobam a luz dos teus sem descansar ... () Onde estou eu ?... Não sei . Estou só contigo . Respiro o teu olhar : é luz de luz ... é o ar da minha alma - o teu olhar . E Alcobaça !?... A minha coroa de oiro !?... | Alcobaça onde está !?... as altas naves !?... E os sinos ?... a corte !?... os sinos de oiro a bailar no ar as minhas bodas !?... Ainda os oiço ... ainda ... mas tão longe ... é o principio e o fim de tudo o nosso amor . |

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências de formas a partir das bases "amo-", "ama-" e "amei-", admitindo-se apenas adjacência à direita, e todas as ocorrências da palavra "Amor", não se permitindo qualquer adjacência.

Nota: devido ao largo espectro das condições de filtragem, surgiram outras palavras (e.g. amanhã) que saíam do âmbito da análise pretendida. Houve, por esta razão, que anular as fichas com as saídas que as contextualizavam.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Amor " | .OR. |
| 2 | TEXTO1 | Contains | " amo" | .OR. |
| 3 | TEXTO2 | Contains | " amo" | .OR. |
| 4 | TEXTO1 | Contains | " ama" | .OR. |
| 5 | TEXTO2 | Contains | " ama" | .OR. |
| 6 | TEXTO1 | Contains | " amei" | .OR. |
| 7 | TEXTO2 | Contains | " amei" | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 64 | PAJEM 2 | PAJEM 1 | E acreditas que El-Rei , El-Rei que é assim com grandes e pequenos , vá perdoar aos matadores de Inês de Castro , daquela que ele amou como nenhuma ... | |
| 68 | PEDRO | AFONSO | Como tu me falas dela , Afonso !... Só a tua voz e os olhos dos meus galgos , nas manhãs de montaria , ao luzir de alva , vêm falar-me de Inês , do meu amor ... Na tua voz há ecos da voz dela ... nos olhos deles , - não sei quê do seu olhar ... Sobretudo | na tua voz , e nessa trova ... Vá , canta-me outra vez , a mesma , Afonso . |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Perjuro !... Conheces tu , Afonso , a minha fé ?... Como sabes então se perjurei ?... Eu vivo prá Amor e prá Justiça . O meu povo ... a corte ... mesmo tu , só conhecem de mim o justiceiro . Mas para além da Justiça e bem mais alto , há um rei que te fal | a e não conheces , que é rei de Portugal e anda na Morte , porque é nela que vive o seu amor ... O meu Paço Real , o verdadeiro , é uma cova num claustro , em Santa Clara . () |
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no céu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta que por amor da Justiça , é até carrasco o teu rei , monteiro e bailador , que é o pai do seu povo , bom e duro ...quando o vês assim ... () ouve ; ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma província apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 75 | PEDRO | AFONSO | Há sete anos , Afonso , há já sete anos ... Desde que a minha Inês mudou para lá . O nosso amor , Afonso , tem duas asas ... Uma é a alma dela ... outra é a minha ... | |
| 75 | AFONSO | PEDRO | Ninguém amou com um amor tão alto , meu senhor . | |
| 77 | PEDRO | AFONSO | As árvores ... os choupos ... são os choupos ... Sabem também , Afonso . Saberão ?... As folhas , ao luar , caem mais lento . Vou dizer-lhes ... aos choupos , um a um , às árvores que a lembram e a amaram ... às folhas secas , que na noite morta , rastej | am tanta vez com os seus suspiros ... E ao Mondego , além , a escorrer lua ... Vou dizer-lhes que esperem mais um pouco , que eles vêm , vêm aí , que estão já perto ... () Não ouves um torpel ?... Ao ? Ao ?... Afonso ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 79 | PEDRO | AFONSO | Não , não . é outra sede ... é outra . () Ora imagina tu que justiça foi feita . E daqui a horas ... sim , talvez daqui a horas , justiça será feita . Então , a paz de Deus virá sobre a minha alma . Três dias viverei com o meu amor ... () Logo ... logo d | epois de os justiçar , vou erguê-la da cova ... à minha Inês . |
| 79 | PEDRO | AFONSO | Da tua Rainha ... de Inês ... do meu amor . | |
| 80 | PEDRO | AFONSO | é uma ressureição : é quase , Afonso . Não por mim : por o Amor , como a de Cristo . | |
| 80 | PEDRO | AFONSO | Sem temor . Eu vou com o meu amor como com Deus . | |
| 80 | PEDRO | AFONSO | Ninguém na terra amou como eu , Afonso . () As estrelas têm frio , estão roxas ... roxas de frio . | |
| 87 | PEDRO | PERO COELHO | Sim ... Que tinheis vós que perdoar ?... Não vos calunieis . Não , não consinto . Só isso me agastaria : nada mais . Sois dois grandes ... dois nobres portugueses . Contai-me , ou antes tu , Pêro Coelho , vais contar-me como viestes , por amor ao reino , | com meu pai .... () Porque foi , não é verdade ? - para salvar o reino , de Castela ... |
| 88 | PERO COELHO | PEDRO | Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele vos tinha . | |
| 89 | PEDRO | PERO COELHO | O amor que ele me tinha !... Continua . E era bem cogitado , bem pensado . () Foi o que sucedeu ... Perdi o reino ... | |
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | O amor tem luz de mais para poder ver . Vós não podieis ver . () Nem mesmo agora . () Urgia conjurar o grande perigo , cortar o mal bem cerce , de raiz . Já em Castela , de acordo com os de cá que vos cercavam , se formara um partido , se minava. | Separar-vos dela , era impossivel . Vosso pai desesperava, não sabia Tudo fora tentado : tudo em vão . Uma tentativa de expulsão fora frustrada e a clausura no convento , em Santa Clara , vós sabeis , meu senhor , o que ela foi ... |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Demos a volta ao muro do pomar , e eu empurrei a porta - a porta que vós , meu senhor , tinheis deixado entreaberta ... Dois escudeiros que nos viram , reconheceram vosso pai , fugiram . Ela estava ainda sob o alpendre , e olhava do lado do Mondego . | Voltou-se então : decerto ouvira os passos ... e toda a face lhe embranqueceu de tal maneira , que para que eu não quedasse de piedade , foi mister , meu senhor , lembrar-me de que amava a minha terra ... como ela vos amava ... ou vós a ela ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | O que ela amava o sol ! Era quase um pecado . () Quereis ouvir ? Na última semana , já não podia andar , ia a arrastar-se . E tentou por duas vezes ir à torre . Da última , fui dar com ela de bruços a chorar . Parecia uma corcinha moribunda . | Disse-me assim , com um grande esforço : Vai tu , vai tu . Fita-o bem firme , fecha-o nas pálpebras e corre , corre muito , para eu o ver ainda nos teus olhos . Foi daí por dois dias que morreu . Como eu me lembro ! Parece que foi hoje . () |
| 108 | ESCUDEIRO | ABADESA | E Pêro Coelho olhando-o em face , disse : - " Ressuscitasse ela com mil vidas , que por amor deste ar e desta terra , havia de tirar-lhas uma a uma !..." | Naquele instante , garrotado por cordas , semi-nu , tinha mais olhos de Rei do que El-Rei mesmo . |
| 112 | PEDRO | ABADESSA | Erguei-vos , Madre . Não sou eu que vos venho perturbar . é a Saudade que me traz , é ela só . Estáveis em sossego ... Mas ela veio : bateu-vos à porta , e entrou em lufada , um rei e uma corte . | () Madre ! A minha saudade é uma lema : vem desenterrar o meu amor ... Onde está ele ? () Onde me espera a que será vossa Rainha !? |
| 112 | PEDRO | ABADESSA | Dizei-me : onde é que dorme o meu amor ?... | |
| 112 | PEDRO | ABADESSA | A porta do meu Paço ... Esta pedra para mim é transparente . O meu amor atravessa-a - como o vento o corpo vão das núvens ... () Mas agora é a vossa vez , meus olhos . Ides ver a vossa dona , ver Inês .() Afonso ! O coveiro chegou ? Onde está ele ? | |
| 115 | PEDRO | COVEIRO | Há mais de quinze anos ... Foste então tu que abriste aquela cova !?... que enterraste o meu amor ... a minha Inês ?... Como estava a tua Rainha ?... Branca, branca !?... Ensanguentada ? | |
| 117 | PEDRO | INES | Parece-me ... parece , minha Inês , que despertei ... Estava a teu lado ... Tu - sempre dormindo . Ergui a pedra do outro Paço ... do meu lar ... E ainda com terra da cova , ainda contigo ... voltei a Portugal ... do outro reino ... | ()A terra ... a terra , a terra que te veste ... a terra que fez noite nos teus olhos ... e eu que vivia lá fiquei sem ver ... a terra ... a terra que fechou na tua boca - o segredo do amor para além da Morte ...é terra santa . é terra pura . |
| 118 | PEDRO | INES | Guardai-a vós . Plantai-lhe lírios . () O nosso amor saia do desejo - como sai uma pérola do mar . Assim tu vais erguer-te , minha Inês ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 118 | PEDRO | INES | Inês !... O teu Pedro veio erguer-te ; a vida é outra . O Destino já não tem a mesma rota ... Como hei-de eu viver agora , oh minha Inês !?... A vida toda desfolhou-se aos teus pés como uma flor ... | () Cheiras a podre ... Saboreio o teu cheiro como um corvo ... Melhor do que o das rosas que me deste ... Nem o sumo dos pomares de Coimbra ... nem o feno ceifado , ó meu amor ... |
| 119 | PEDRO | INES | Quisera ter mãos de sombra !... Devagarinho ... devagarinho ... Não vá eu magoar o teu cabelo ... Estou certo que os vermes mesmo se arrastam no teu corpo com doçura ... pobrezinha ! Quando a Morte te viu , chorou decerto ... e os olhos de Deus ficaram | rasos ... Meu amor ... Minha Inês ... O meu amor !... () É impossível . Não posso . Tenho medo ... |
| 124 | PEDRO | ABADESSA | Ides ter rosas vermelhas , Madre . () Não percas tempo , Afonso . Decerto correm já rumores . Vai calmar o meu povo , vai dizer-lhes () Oh ! Madre : não tenhais temor algum . Por amor do Amor , Ele perdoa . () Há agora uma friagem , não sentis ? () | Ajudai-me a agasalhar Inês . |
| 131 | MULHER | | O verdadeiro amor estava na cova , e os outros cá fora ... | |
| 137 | PEDRO | AFONSO | Nunca ela o viu tão lindo nem tão vivo nunca se amaram tanto , tão profundo ... - " Dei os braços à Morte para embalar-te . Pedi-lhe que fosse ela a tua mãe ." - " A Morte !?... Nem a vi , minha mãezinha . Cuidei que eras tu que me levavas ." | Cola o ouvido à névoa : escuta sempre . Outra ... Perdeu o noivo - e ei-lo que volta ! () - Vens de tão longe !... " Venho da tua alma . Ressuscitei em ti , oh meu amor ." - " Como é a morte ? Diz-me o seu segredo ." - " Estive sempre contigo . Nem a vi. |
| 137 | PEDRO | AFONSO | E como estas , outras , muitas , muitas ... Tudo vozes assim florindo a névoa . A saudade hoje passa sobre o mundo , como o Cristo passou por sobre o mar . Vê como tudo se calou para a sentir !... Eu sabia que quando Inês se erguesse , seria assim a | noite . Não to disse ?... Na noite das nossas bodas , das supremas , eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos . É esta , é esta a minha noite . A noite em que a saudade se fez carne !... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 140 | PEDRO | AFONSO | Está bem , Afonso . Não precisas lembrar-mo. Vá : - dize tu ao Bispo que sossegue ... () Quis só vê-los nos espelhos do meu Paço , que é o Paço da Morte e do amor ... () Depois , bem vês , vim sem chicote . E se o tivesse , caía-me das mãos ... | Que sei eu da justiça !? Eu só agora me conheço , Afonso . Também me vi nos espelhos do meu Paço ... A saudade sei eu que é o olhar das almas mas a Justiça , Afonso , é o olhar de Deus . É o que Deus sonha , o que o faz triste . |
| 140 | PEDRO | CORREGEDOR | Que crês ? () Sabes que é o teu oficio , - é o que sabes . Como eu . E mais a mim chamam-me sempre o Justiceiro . () Olham-me com espanto . Sou já outro ... Só porque amei , estou entre vós mais só do que o pobre mais pobre do meu reino . Fugi de mim . | Sou um gafo do amor , lepra divina . () Podeis ficar . Não correis risco . |
| 140 | PEDRO | ASTROLOGO | E tu ? Quero também ouvir-te . Que sabes tu do amor , do amor na morte ? | |
| 141 | ASTROLOGO | PEDRO | E querer amar ? | |
| 141 | PEDRO | ASTROLOGO | Querer amar , mesmo quando à míngua de alma , o não consigas , seria ainda um impossivel bom . () Já puderam descansar as donas . | |
| 146 | PEDRO | AFONSO | Vê tu , Afonso . O que eu sonhei ... tudo o que eu sonhei . Era assim ... era assim mesmo ... Ir - coroado de silêncio - ouvindo o coração da Natureza pregar o meu amor na Eternidade !... E foi assim ... é assim que temos vindo ... Ao sair de Coimbra - | lembras-te ? - os olivais que nos cruzaram , ajoelhavam ... Havia núvens no ar que nos seguiam ... O vento sem falar , acompanhou-nos , veio deitado nas núvens a rezar ... Os corvos , num vôo de veludo , seguiam-nos também - em homenagem ... |
| 147 | PEDRO | AFONSO | Tu , sim . A ti vejo-te eu bem . Tu és o mesmo . Mas o meu reino !?... o meu reino !? O meu reino perdeu-se no nevoeiro , e agora é isto a minha corte : uma corte de espectros , levando o meu amor naquelas andas , por as estradas dum planeta morto ... | sempre e sempre ... entre flores de luz que bruxoleiam ... atrás de mim - fantasma de mim mesmo ... |
| 158 | FRADE | PRIOR | Um grande rei , dizeis !... Um rei perjuro , que quebrou por vingança , friamente , o juramento que a seu pai fizera que se diz justiceiro e é só carrasco um rei cristão que enforca bispos , e os força , por terror , a jurar falso um rei cristão | que insulta Roma , e mais ainda , o Deus que o julgará - canonizando a amante nesta igreja ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 158 | FRADE | PRIOR | Não a vedes ali , no impudor daquela pedra - quase viva ?... Tem a coroa de rainha e o baldaquino !... O carrasco sagrou a amante morta . A coroa de rainha é já desvario mas o baldaquino de santa - o baldaquino ! | |
| 165 | PEDRO | INES | é a nossa hora , Inês ... Estamos sozinhos . Estás bem assim !? Tu ouves-me dormindo . Eu fico aqui à tua cabeceira . Não bulas , meu amor , dorme assim queda - como a tua estátua ali , sobre o teu túmulo ... Esta é a Casa de Deus . Deus está connosco . | Ouves os repicar !?... Toca a noivado . As nossas bodas agora - são eternas . Sinto na minha alma a tua alma - como a água duma fonte noutra fonte , como a luz na luz , e Deus em Deus ... Sinto-te tanto , que te perco em mim . Aqui me tens Inês : |
| 165 | PEDRO | INES | sou o teu Pedro . O que ele tem , o que ele tem para te contar !... Eu bem sei que tu sabes ... sabes tudo . Os teus ouvidos , na Morte , ouvem melhor . Ouviram o desespero do teu Pedro - uma noite de pedra sobre esta alma - ouviram as suas lágrimas | caladas : ouviram toda , toda a sua dor . Eu sei ... eu sei ... As palavras , por si , dizem bem pouco mas acordam a alma , meu amor . Se não fosse assim , para quê !?... falar ... Fala-se para cair no teu silêncio - no silêncio em que a alma sorri ... |
| 166 | PEDRO | INES | O teu Pedro quer falar : deixa-o dizer ... Ouve-o como mesmo adormecida , tu ouvias a fonte do jardim das oliveiras meigas , do teu "Jardim das Oliveiras" , meu amor . () é o primeiro serão da eternidade . Lembro a face da terra em que te amei . | Vejo os campos de Coimbra ao luzir da alva ... Eu vou partir para montear ... digo-te adeus ... As rolas cantam perto - muito triste - no pinhal vizinho , que as entende ... O Mondego , ainda a dormir , já corre ... |
| 166 | PEDRO | INES | O último beijo que me deste em vida , foi numa hora assim : caiam folhas ... Os pomares ofereciam-se - doirados ... Quando fecho os meus olhos , vejo-a sempre : dir-se-ia que forra as minhas pálpebras . Foi nessa hora que eu nasci para a dor : foi na | hora sagrada em que morreste , que a minha alma nasceu para te adorar . Até à tua morte - eu só te amava . Disse-me Deus , Inês , que me perdoaste . E eu sinto o teu perdão dentro do peito - como se o abrisse para o luar entrar ... |
| 166 | PEDRO | INES | Quero dizer-te desde essa hora , a minha vida : - ressuscitavas tu quando eu nasci . O nosso amor , amor , ainda era pouco . Só abraçado à morte ele inicia : só a Saudade revela , sabe a Deus . Oh ! Os meus dias ... os meus longos dias - dias de hiena | triste , a sonhar sangue ... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijes : - e serão puros na Saudade , como tu . () Mil vezes , minha Inês , mil vezes sofri na minha carne a tua morte . Via-o sempre - o espaço era para ele - o teu corpo de amor , |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 166 | PEDRO | INES | Deixei de ver o sol : via-o a ele . A brancura da flor da tua pele era a luz da minha solidão . Vivia com o teu corpo na memória - como um lobo nue fojo com a presa . E então a minha dor - todo o meu gozo - foi reviver nesta carne o teu martírio . Mas | Mas mais , ainda mais que as tuas feridas , me faziam sofrer as tuas mãos ... As tuas mãos , amor , via-as pisadas , como asas partidas , que ainda tremem ... Eram a coisa mais triste que o sol viu . Os assassinos tinham-nas pisado . O ar , a luz , fazia |
| 167 | PEDRO | INES | Vivi um ano assim , do teu martírio . O teu sangue , amor , era o meu vinho . A tua morte , Inês , foi o meu pão . Fugia ao sol : a luz envenenava-me . Queria estar só , bem só , murado em mim : - cavava no silêncio um fojo escuro para me poder cevar na | minha dor . O meu crânio era uma câmara de tortura : - viviam lá um carrasco e os assassinos . E o carrasco era eu , era o teu Pedro . Dirava de pensar ... de sentir sangue ... Para ver se sossegava ia montear . Corria os montes da Beira doidamente . |
| 167 | PEDRO | INES | crescian contra mim , que as amei sempre ... Num silêncio escarninho , caminhavam ... Uma noite , ao recolher - pobre de mim ! - quis enterrar num cedro a minha espada . A lâmina partiu com um tenir fino . () E às vezes , nas palmas destas mãos , quase | sentia a polpa dos teus seios !... Era um lobo o teu Pedro : era uma hiena . Mas um dia , "Alguém" desceu ao fojo : - "Alguém" que era da morte e era da vida e mais - de além da morte e além da vida ... E eu vi a Saudade ao pé de mim . |
| 168 | PEDRO | INES | Para me acordares - era já quase noite - beijaste-me nos olhos , minha Inês . E eu quedei como um monte , em seu burel de mato rude , quando uma núvem da manhã o beija ... Não sabia onde estava . Tu sorrias . Entrevi nesse instante o nosso reino ... Ouve | o teu Pedro , Inês , peço-te muito : - havemos de nos lembrar do sol da terra ! E do Mondego , Inês , das suas águas . O sol da terra é irmão do teu cabelo . Como eu o amei , como eu amei o teu cabelo !... |
| 169 | PEDRO | INES | Muitas vezes , a afogar-me nele , sentia luz em mim , era meio-dia , como se Deus mungisse o sol sobre a minha alma ... Amava-o tanto como tu o sol . Tu amavas o sol perdidamente . Até fugias dos meus braços , meu amor , para o ver a arraiar por sobre os | montes . Ao luzir da alva , abrias a janela : "Anda ver , meu Pedro , ele não tarda ." Eu cingia-te quente , seminua . O pomar dormia . Só o silêncio andava a perfumar-se no pomar . Tudo era cor de asas de rouxinóis ... Como tu te fazias pequenina !... |
| 169 | PEDRO | INES | A manhã vinha vindo além dos montes ... Os teus seios arfavam com a luz ... E ficavas a olhar - os olhos rasos !... Que tinhas tu !... Vias o céu sofrer ?... Era para dar a aurora ao nosso amor !... E nascia ... subia : encantamento !... Os teus olhos | faziam-se maiores . Oh ! O que o sol gozou de viver neles !... Mesmo na sombra - eram flores com raios ... Os teus olhos olhavam-me na sombra - como as janelas do meu Paço olham a noite ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 169 | PEDRO | INES | Os meus agora vivem como estrelas : doram a luz dos teus sem descansar ... () Onde estou eu ?... Não sei . Estou só contigo . Respiro o teu olhar : é luz de luz ... é o ar da minha alma - o teu olhar . E Alcobaça !?... A minha coroa de oiro !?... | Alcobaça onde está !?... as altas naves !?... E os sinos ?... a corte !?... os sinos de oiro a bailar no ar as minhas bodas !?... Ainda os oiço ... ainda ... mas tão longe ... é o principio e o fim de tudo o nosso amor . |
| 169 | PEDRO | INES | Os teus seios uniram-se : ei-lo - o mundo !... Oiço no teu silêncio cotovias ... O som e a luz casaram-se , fundiram-se : são o ar que respiro ... o nosso ar ... Oh ! Asas ... asas ... dêem-me asas !... É um abismo de estrelas - este amor ... faz-me medo | é um turbilhão de estrelas ... () Inês !... Inês !... Eu tenho medo ... Sinto o vento de luz da eternidade ... |
| 171 | AFONSO | PRIOR | ... bailador e monteiro e justiceiro ... () " Ouve Afonso . O meu reino é maior do que tu pensas : - Portugal é uma provincia apenas ... O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ..." | |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Saudade/saudade", admitindo-se adjacência à direita e à esquerda.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | "Saudade" | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | "Saudade" | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | "saudade" | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | "saudade" | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PE | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 66 | VELHO | PEDRO | De mês a mês , por fim cada semana , António , o Cantador , subia ao monte . Ao ouvir-lhe as trovas , ela vinha aos atalhos ter com ele . E o que tinha de suceder lá sucedeu ... Um entardecer , ao entrar , não achei ninguém . Ele viera por ela . Fiquei s | ó . Vivi no monte aquele Inverno ralado de saudade a mai-las cabras ... Mas foi pelo Natal , no povoado , que eu vi bem a desgraça , cara a cara ... |
| 77 | PEDRO | AFONSO | Estou muito ... muito sossegado . Vê tu a noite , Afonso ! Nunca foi tão noite ... nunca rolou para a manhã tão docemente . Entra em nós como um óleo de saudade . | |
| 78 | PEDRO | AFONSO | Talvez . Mas mais magoadas ... como se a saudade as pisasse , as triturasse . | |
| 81 | AFONSO | PEDRO | Mondego , Mondego<br>O sonho voou<br>Mas veio a saudade E ressuscitou . | |
| 82 | AFONSO | PEDRO | Saudade , saudade , és todo o sentir .<br>Eu tenho saudades Do bem que há-de vir . | |
| 89 | PERO COELHO | PEDRO | Amai-la mais ainda , meu senhor . Vós tendes a saudade e o reino a vida . E convosco e com Deus . Não é comigo . | |
| 112 | PEDRO | ABADESSA | Erguei-vos , Madre . Não sou eu que vos venho perturbar . É a Saudade que me traz , é ela só . Estáveis em sossego ... Mas ela veio : bateu-vos à porta , e entrou em lufada , um rei e uma corte . | () Madre ! A minha saudade é uma lena : vem desenterrar o meu amor ... Onde está ele ? () Onde me espera a que será vossa Rainha !? |
| 131 | VELHO | | Quem vos diz que a não via ? Via-a sempre . Como um piloto cego vê o mar , Com os olhos que não cormem , da saudade ... | |
| 131 | HOMEM | | E para matar saudades , - como 7 anos só , é muito tempo , El-Rei nosso senhor tinha mancebas . Duas ao menos : alguns dizem três . Vós sabeis os nomes , todos vós ... | |
| 131 | VELHO | | Deixai zumbir , deixai falar quem fala . A carne , às vezes , é só lodo , é vil : mas é também uma janela para a dor . A dor de El-Rei D.Pedro era a saudade . Ninguém a viu ? Que importa ! Viu-a Deus . | () Saudades , - bem sabeis o que elas são : - são as promessas que nos faz a Morte . A que a Morte lhe fez , a El-Rei D.Pedro , ides vê-la sorrir , coroada e linda<br>ides beijar-lhe a mão , talvez falar-lhe : |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 137 | PEDRO | AFONSO | é ou não como eu te disse a minha noite ? Abre de par em par a tua alma . É a noite em que a saudade se fez carne . Vê ! Tem asas de névoa que mal bolem , grandes asas de lágrimas , caladas ... Toca o cabelo , toca as mãos : Escorrem . | O céu , todo o céu desfez-se em choro . É a saudade que voa sobre o mundo . O meu reino é o reino da saudade . A estas horas , Afonso , não é só com destino a Alcobaça : |
| 137 | PEDRO | AFONSO | por todas as estradas , por todos os caminhos do meu reino , vai abrindo os olhos pela névoa , como flores com raizes no silêncio , todo o povo encantado da saudade . Ouves !? Eu oiço-o caminhar . Sigo-lhe os passos . Há nos meus olhos ceus para o cobrir | . () Se te digo que é esta a minha noite ! Abre-lhe o coração . Escuta , escuta ... () Uma mãe dorme em sobressalto : acorda ... A saudade bateu : Truz ! Truz ! - de leve . Vai abrir : - é ele o filho morto !... E outra vez se sorriem e se beijam . |
| 137 | PEDRO | AFONSO | E como estas , outras , muitas , muitas ... Tudo vozes assim florindo a névoa . A saudade hoje passa sobre o mundo , como o Cristo passou por sobre o mar . Vê como tudo se calou para a sentir !... Eu sabia que quando Inês se erguesse , seria assim a | noite . Não to disse ?... Na noite das nossas bodas , das supremas , eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos . É esta , é esta a minha noite . A noite em que a saudade se fez carne !... |
| 137 | PEDRO | AFONSO | A noite em que o passado está presente , mas presente adivinho , com futuro , abrindo os olhos sobre um fundo eterno ... () Noite de Inês e Pedro ! Oh minha noite !... As formas despem-se - como as noivas à beira dos seus leitos ... Sente a sua nudez , | nudez sagrada . É uma nudez toda aromada e mirra , macia como as sombras e mais leve ... Sobe com o olhar das nossas almas é a núvem da nossa alma : é a saudade . |
| 140 | PEDRO | AFONSO | Está bem , Afonso . Não precisas lembrar-mo. Vá : - dize tu ao Bispo que sossegue ... () Quis só vê-los nos espelhos do meu Paço , que é o Paço da Morte e do amor ... () Depois , bem vês , vim sem chicote . E se o tivesse , caia-me das mãos ... | Que sei eu da justiça !? Eu só agora me conheço , Afonso . Também me vi nos espelhos do meu Paço ... A saudade sei eu que é o olhar das almas mas a Justiça , Afonso , é o olhar de Deus . É o que Deus sonha , o que o faz triste . |
| 141 | PEDRO | AFONSO | Seja . Continua então o meu conselho . Porque nós estamos em conselho ... - reparaste ? é um pouco estranha a sala . Em vez de rases de cor , panos de névoa o trono é ali , naquelas andas . - com uma Rainha dentro silenciosa ... Começa a arrefecer . A | corte pensa com saudade noutras salas ... Alcobaça está longe : a névoa molha : o ouro da minha coroa empacio_ . E o conselho ainda a meio ! É mister falar baixo . A Rainha dorme . As estrelas estão todas nos seus olhos ... Não há nenhuma no céu . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 143 | MARTIM | PEDRO | Como tu . Tu tens a tua dentro ... Isso que importa !... és bobo de alma . () A tua giba chama-se saudade ... () Temos duas gibas () Pobre ! Pobre de ti ... | |
| 147 | PEDRO | AFONSO | A caminho ! () Hé ! Trombeteiros ! Que as longas soem ! Halalis ! Halalis !... Sou eu quem vou montear para além da morte !... Quem viu o meu falcão , moços de monte ?... Vai comigo desperto em plena noite ... É a saudade , chama-se saudade ! Bom | companheiro ... companheiro eterno ... |
| 162 | PEDRO | AFONSO | Foi lindo , Afonso . Tenho tudo , tudo nos meus olhos . Os círios , não podendo abrir em alas , espalharam-se no pinhal como sem tino ... Havia dois pinhais e dois saimentos ... Quando os círios tremiam , o pinhal reflectido tremulava tremulava das | agulhas à raiz , como oirado de lua ... Era , em cada charco , uma paisagem subterrânea de saudade , um correr de arrepios , de reflexos ... Inês , nas suas andas , ia assim baloiçada entre dois mundos ... |
| 166 | PEDRO | INES | Quero dizer-te desde essa hora , a minha vida : - ressuscitavas tu quando eu nasci . O nosso amor , amor , ainda era pouco . Só abraçado à morte ele inicia : só a Saudade revela , sabe a Deus . Oh ! Os meus dias ... os meus longos dias - dias de miena | triste , a sonhar sangue ... O teu Pedro quer mostrar-tos para que os beijes : - e serão puros na Saudade , como tu . () Mil vezes , minha Inês , mil vezes sofri na minha carne a tua morte . Via-o sempre - o espaço era para ele - o teu corpo de amor , |
| 167 | PEDRO | INES | crescian contra mim , que as amei sempre ... Num silêncio escarninho , caminhavam ... Uma noite , ao recolher - pobre de mim ! - quis enterrar num cedro a minha espada . A lâmina partiu com um tenir fino . () E às vezes , nas palmas destas mãos , quase | sentia a polpa dos teus seios !... Era um lodo o teu Pedro : era uma miena . Mas um dia , "Alguém" desceu ao fojo : - "Alguém" que era da morte e era da vida e mais - de além da morte e além da vida ... E eu vi a Saudade ao pé de mim . |
| 167 | PEDRO | INES | Nunca mais me deixou : vivo com ela . Fez-se em mim carne e sangue . Fez-se Inês . Por isso sabes toda a minha vida . Por isso eu sei a morte como tu . Sou um homem que vivi a vida e a morte : sou o homem-Saudade , o rei-Saudade ... | |
| 167 | MARTIM | AFONSO | É o rei-Saudade , Afonso !... | |
| 168 | PEDRO | INES | Sou o rei ... o rei do maior reino ... do reino que me deste , minha Inês ... Duas vezes Rainha !... Santa ! Santa !... Se estou aqui ao pé de ti - tudo foi bom !... A minha dor , Inês , beijo-a nos olhos !... beijo-a como beijei a tua boca ... como - | cerrando os olhos na saudade - beijei , beijei , beijei a tua alma ... Tudo , tudo foi bom . Tudo eu bendigo . Diço bater o coração do meu destino . Agora sei , Inês ... agora entendo . Morreste moça - para viveres na eternidade sempre moça . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 168 | PEDRO | INES | Bendito seja sempre o teu martírio ! Bendito o lobo em mim ... bendita a hiena ... () Bendita tu , Inês , sempre bendita ! () Estás outra vez no reino pequenino . Ele foi-te fiel como o teu Pedro . Cada árvore sabe a tua graça . A tarde cai lembrando o | teu sorriso . A terra que tu pisaste , alimentou-me : era pão para mim , mais do que pão . Oh ! Mas Coimbra foi como uma mãe . Como se o húmus recebesse a tua carne , floriu todo em saudades - campo e montes ... Terra de comunhão , carne de Inês . |
| 168 | PEDRO | INES | Como eu a vejo agora - a nossa Coimbra '... é uma Coimbra decantada da saudade ... Uma Coimbra de além ... E o rio e os choupos , e olivais e Paços , vozes de sinos , voz de rouxinóis : é tudo , tudo feito de reflexos ... Só ela vive do meu reino agora . | O meu reino lá foi - sumiou em névoa . Adeus salas de pedra dos meus Paços ... meu povo e minha corte ... meu chicote de justiceiro ... noites de folgança ao som das longas ... manhãs de montaria ... bons nebris ... Sois uma asa ao fundo da memória . |
| 171 | AFONSO | PRIOR | Não façais tal . Decerto pode . Com certeza . Este que está aqui , é o Rei-Saudade ... Mas ninguém o conhece ... ninguém sabe ... Nem mesmo logo , ao vê-lo coroar a Rainha morta , alguém da corte ou do povo o saberá . Só verão os oiros das dalmáticas e o | fumo dos turíbulos no ar ... E hão-de ouvir cantar missas : nada mais . () Para eles é só Pedro primeiro ... |
| 171 | MARTIM | PRIOR | Tens aqui Deus . Pergunta a Deus quem é o Rei-Saudade . | |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma. "Noite/noite", admitindo-se adjacência à direita e à esquerda.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | "Noite" | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | "Noite" | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | "noite" | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | "noite" | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 61 | PAJEM 1 | PAJEM 2 | El-Rei , estas noites , tarda mais , não tem descanso . Baila , baila , e com ele o povo todo . Nunca foi dado ao sono , mas agora parece querer afugentá-lo . | |
| 73 | PEDRO | AFONSO | Nem a Morte ... Dizes bem , Afonso. Nem a Morte ... () Vou dizer-te um segredo para te mostrar uma vez mais , como te quero . Ninguém o sabe . Só ela e Deus , Afonso . Ninguém mais . () Tu sabes porque não durmo há já seis noites , saio a bailar mais tri | ste que a tristeza , e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas ? () Tu conheces-me , Afonso . Tu sabes que é bem outra a minha caça , e há já muitos anos , há muitos anos ... |
| 75 | PEDRO | AEFONSO | Ninguém , ninguém . () Voltando à minha traça ... Tudo me diz - é uma voz dentro de mim , que oiço - que serão do meu carrasco antes do sol . () A noite ainda tem muito que andar ... e eles também , decerto ... () Vês acolá , Afonso , por trás da falcoar | ia , está a levantar-se a lua . Vem tão tarde ! é a nossa lua ... é a nossa ... () Faz-me mais sede do que o sol de Agosto , depois de horas e horas a montear , quando as pernas estalam de martírio ... |
| 77 | PEDRO | AFONSO | As árvores ... os choupos ... são os choupos ... Sabem também , Afonso . Saberão ?... As folhas , ao luar , caem mais lento . Vou dizer-lhes ... aos choupos , um a um , às árvores que a lembram e a amaram ... às folhas secas , que na noite morta , rastej | am tanta vez com os seus suspiros ... E ao Mondego , além , a escorrer lua ... Vou dizer-lhes que esperem mais um pouco , que eles vêm , vêm aí , que estão já perto ... () Não ouves um torpel ?... Ah ? Ah ?... Afonso ... |
| 77 | PEDRO | AFONSO | Estou muito ... muito sossegado . Vê tu a noite , Afonso ! Nunca foi tão noite ... nunca rolou para a manhã tão docemente . Entra em nós como um óleo de saudade . | |
| 78 | PEDRO | AFONSO | Que o não será por muito tempo . Depois do que te disse , podes senti-lo até à raiz , metê-lo na alma . () Eles vêm ... Esta noite ainda . Não é verdade , Afonso ?... | |
| 85 | PEDRO | CAVALEIRO/AFONS | Basta . Depois me dirás o resto . Deus me dará , para tratar desse , vida e tempo . Ide , ide descansar : precisais bem . () E tu Afonso , vai dizer-lhes que os espero , que velei toda a noite em honra deles ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | Foi quando nos olhámos sem falar , e como a pedra cai num poço em noite , a decisão suprema entrou em nós . Tudo se concertou em pouco tempo . De então para cá , revivi tanto esses instantes , que os esfiei dentro de mim em séculos ... | Era no Outono como agora . Vós lembrais-vos . Sabiamos que iríeis a montear , e partimos , noite cerrada , para perto . El-Rei vosso pai , meu senhor , fazia dó . Tinha medo das sombras e do vento , até mesmo das folhas que pisava . |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Ele que no Salado era de ferro , por duas ou três vezes quis voltar . Eu caminhava a seu lado : ouvia-lhe os soluços muitas vezes . Era o dever , o seu dever de rei , que o levava arrastos pela noite ... | |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Ele , o grande rei , pisava os corregos a tropeçar na sua espada ... Caminhámos sem palavra , muito tempo . Nunca vi tanta paz por esses campos . A noite calara-se a espiar-nos . Tinha olhos para nós a sombra . Por fim , chegámos . Os Paços, no aconchego | do pomar , dormiam como tudo à nossa volta . Ouvíamos a fonte do jardim ... De quando em quando , um ou outro fruto que caía ... Quedámos assim por muito tempo . Eu pensava nos pobres , que dormem muita vez a ouvir as fontes ... E tinha-lhes inveja : |
| 93 | PEDRO | PERO COELHO | O uchão !... Ide chamar o uchão !... Vinagre e azeite já para este coelho ' () Ei-lo - o teu cozinheiro '... é cor-de-sangue . O teu não lhe põe nódoa . Vai em paz . () Aqui os tens , Tristão , mira-mos bem ... () Com molho de vilão ... Vianda rica ... | E montaria feita pela noite !... () Nem sei que me pareces na luz de aiva ' Nunca vi gamo assim . É maravilha . Que dizes tu , tristão ? Gamo ou javardo '... Sai , saí . Fica Tristão comigo . É o milagre maior de Santo Humberto ... |
| 98 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Era da cor dos lírios quando morrem . Era um corpo de luz dentro do hábito ... Pobre Irmazinha ' O seu mal ninguém o soube . Era um esperecer , um ir-se embora ... Sabeis , a noite em que passou , velei-a eu . | |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Mas ela disse : Sinto-me hoje melhor , muito melhor<br>e pediu que se fossem , que só eu a velasse<br>e a Abadessa que lhe queria muito , beijou-lhe por piedade as mãos de cirio , e foi-se com as outras a chorar . | Quando todas saíram , vi-a sorrir como uma rosa branca : Estou tão contente ! Ainda bem que morro ao pé de ti . Eu bem queria iludi-la , mas não pude : pus-me a beijar-lhe as mãos e a chorar .() Vi fugir entre os seus dedos , toda a noite . |
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Eu nem sei bem . Só sei que uma noite , a ouvir os rouxinóis , perdeu o siso . Na Primavera , quedava a ouvi-los na cerca , de mãos postas . Viveu assim cinco anos , cuido eu. O senhor Bispo soube<br>mas não lhe quis pôr interdição . Depois , para quê ? | Como Madre-Abadessa , ela era a mesma . Nada de desassisado lhe notavam . Cumpria os seus deveres com perfeição . E humilde como a erva . Beijava o pão que comia : era uma santa . Só às vezes , cantarolava pela cerca esta cantiga : |

Page No. 3

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Sabedoria , sabedoria , sabedoria , de rouxinol : cantar à noite , dormir de dia , fugir ao sol . | |
| 101 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Quando a enterraram - era à boca da noite - veio da cerca um rouxinol e cantou toda a noite nesta pedra . | |
| 101 | FREIRA 2 | FREIRA 1 | Hoje não . Ainda é dia , e já aqui começa a fazer noite . Tenho medo dos morcegos . Ontem , um bateu-me na testa com as asas . Tive um susto '... () Foi ali . | |
| 106 | ESCUDEIRO | ABADESSA | Esteve a sós com ele muito tempo : a concertar a execução , decerto . Os que estavam a pé para montear , quedaram no terreiro em conjecturas as donas mesmo , como se um mau agoiro as sacudisse , ergueram-se mais cedo , adivinhavam ... | As insónias de El-Rei , que nos últimos tempos são maiores , as noites de folgança , as montarias , têm trazido a corte estremunhada . Havia um não sei quê que nos transia . |
| 111 | ABADESSA | FREIRA | Sim , sim . Anoitece muito cedo neste claustro . Não estou em mim . Ide , ide acendê-las . | |
| 117 | PEDRO | INES | Parece-me ... parece , minha Inês , que desperteei ... Estava a teu lado ... Tu - sempre dormindo . Ergui a pedra do outro Paço ... do meu lar ... E ainda com terra da cova , ainda contigo ... voltei a Portugal ... do outro reino ... | ()A terra ... a terra , a terra que te veste ... a terra que fez noite nos teus olhos ... e eu que vivia lá fiquei sem ver ... a terra ... a terra que fechou na tua boca - o segredo do amor para além da Morte ...É terra santa . É terra pura . |
| 118 | PEDRO | INES | O teu Pedro das noites do Mondego , que te enlaçava a ouvir os rouxinois , quem lhe diria - que ainda havia de ser o teu coveiro !... E um coveiro assim ... () Com estas mãos que ainda têm manchas de sangue ... E a boca ... a boca que ainda me sabe a | sangue ... sangue deles ... () Mas a minha alma fez-se toda branca ... A tua pode vir ... A minha é um berço ... Há-de embalar como um menino , a tua ... como o céu embala o fim do dia . () |
| 120 | PEDRO | AFONSO | Eh ! Eh !... O meu povo '... é ele que me acorda , que me chama . Escuta , Afonso . Aqui em Coimbra , - sê tu mesmo o arauto, vai dizer-lhes ... Como eu ordenei ... tal qual ... como tu sabes ... () Ah ! Mas não : espera ainda . | () - Podeis sair - vós - podeis sair . Partimos dentro em pouco para Alcobaça . Temos para o saimento a noite toda . Ela vem , ela aí vem - a minha noite !... Noite de coroação ... noite de bodas ... |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 122 | PEDRO | AFONSO | E os círios ? Disseste que de dia e de noite , o saimento há-de passar por entre círios ? | |
| 125 | AFONSO | | El-Rei , meu senhor , vos faz saber : - Que do Convento de Santa Clara em Coimbra , com toda a corte e cleresia , sairá ao anoitecer para Alcobaça entre alas de círios sempre vivos , D. Inês de Castro , Rainha de Portugal , sua mulher . E na Casa de Deus | será coroada , e haverá beija-mão . |
| 130 | HOMEM | | Vem entre círios dia e noite porque é santa . | |
| 137 | PEDRO | AFONSO | é ou não como eu te disse a minha noite ? Abre de par em par a tua alma . É a noite em que a saudade se fez carne . Vê ! Tem asas de névoa que mal bolem , grandes asas de lágrimas , caladas ... Toca o cabelo , toca as mãos : Escorrem . | O céu , todo o céu desfez-se em choro . É a saudade que voa sobre o mundo . O meu reino é o reino da saudade . A estas horas , Afonso , não é só com destino a Alcobaça : |
| 137 | PEDRO | AFONSO | por todas as estradas , por todos os caminhos do meu reino , vai abrindo os olhos pela névoa , como flores com raízes no silêncio , todo o povo encantado da saudade . Ouves !? Eu oiço-o caminhar . Sigo-lhe os passos . Há nos meus olhos céus para o cobrir | . () Se te digo que é esta a minha noite ! Abre-lhe o coração . Escuta , escuta ... () Uma mãe dorme em sobressalto : acorda ... A saudade bateu : Truz ! Truz ! - de leve . Vai abrir : - é ele o filho morto !... E outra vez se sorriem e se beijam . |
| 137 | PEDRO | AFONSO | E como estas , outras , muitas , muitas ... Tudo vozes assim florindo a névoa . A saudade hoje passa sobre o mundo , como o Cristo passou por sobre o mar . Vê como tudo se calou para a sentir !... Eu sabia que quando Inês se erguesse , seria assim a | noite . Não to disse ?... Na noite das nossas bodas , das supremas , eu sabia que o amor e a morte se beijariam como dois irmãos . É esta , é esta a minha noite . A noite em que a saudade se fez carne !... |
| 137 | PEDRO | AFONSO | A noite em que o passado está presente , mas presente adivinho , com futuro , abrindo os olhos sobre um fundo eterno . ... () Noite de Inês e Pedro ! Oh minha noite !... As formas despem-se - como as noivas à beira dos seus leitos ... Sente a sua nudez , | nudez sagrada . É uma nudez toda aromada e mirra , macia como as sombras e mais leve ... Sobe com o olhar das nossas almas é a núvem da nossa alma : é a saudade . |
| 138 | PEDRO | AFONSO | Tudo se fez espírito nesta hora . O ouro da minha coroa agora é leve - como se a lua ao tecesse em teares de névoa ... () Porque é que o silêncio das criaturas não consegue falar como o das coisas !? Nós calamo-nos todos e ainda é pouco . | Mas se se cala a noite , o vento , o rio ... Não sei que é que nos gela . Vem o destino bater à nossa porta ... é um espelho prodigioso - este silêncio . Debruça-te tu sobre ele : que vês tu !?... É outra a tua imagem . |

| P6 | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 138 | PEDRO | AFONSO | Tens um olhar que nunca viste nos teus olhos ... uma dor que não sabias que era a tua ... outro sorriso ... É uma janela que dá para além do tempo . Olhas , e só vês o que é eterno . () Oh ! Oh !... Gosto de o ouvir . Uiva ! uiva !... () Hein ! Afonso !. | .. Como o instinto fala à morte !... Fere a névoa - Vê- trespassa a noite . Não há música assim . Melhor , muito melhor que as tuas trovas ... |
| 139 | PEDRO | BISPO | Um rei que troca o ceptro pela enxada , e uma enxada tosca de coveiro !... que vindima de noite - ao sol da Morte onde só abrem almas ... () Ninguém . Só com ela , - como sempre . | |
| 140 | PEDRO | ASTROLOGO | O fim ? A vida está sempre a começar , amigo . Eu por mim sinto que vou nascer . () Para ti - escusas de negar - sou um pastor doido , que só por ter cajado tem rebanho . Vou tanger pela noite a Ovelha morta . A névoa cai , os círios tremem e eu vou | levá-la assim para outro redil . E estremunhei um povo para ver isto . |
| 143 | PEDRO | MARTIM | E de noite ? | |
| 147 | PEDRO | AFONSO | A caminho ! () Hé ! Trombeteiros ! Que as longas soem ! Halalis ! Halalis !... Sou eu quem vou montear para além da morte !... Quem viu o meu falcão , moços de monte ?... Vai comigo desperto em plena noite ... É a saudade , chama-se saudade ! Bom | companheiro ... companheiro eterno ... |
| 148 | PEDRO | INFANTE | O mais longe é o melhor : onde pudermos . Agasalha-te bem : a noite molha . Um vagalhão de névoa afogou tudo . Céu e terra são dois pobres naufragos . () O sorriso do mar e das estrelas está ali dentro com Ela<br>está encantado . Tudo o que sorria está | ali dentro<br>dorme ali dentro com o seu cabelo ... Vais vê-lo em Alcobaça , meu João : é o mesmo , o mesmo<br>uma erva de oiro tão macia e fina - que a foice caiu das mãos da morte ... Nem um fio ceifou : é o mesmo sempre , que em pequenino te cobria todo |
| 150 | PRIOR | FRADE | Perfeito ninguém é . Perfeito é Deus . () El-Rei saiu às trindades , de Coimbra . Decerto , vêm só os cavaleiros no saimento<br>ora de Coimbra a Alcobaça são 17 léguas de jornada , e com noites assim , com esta névoa ... | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 150 | FRADE | PRIOR | Acreditais que chegue ainda com noite ? | |
| 151 | PRIOR | FRADE | Disso estou certo . El-Rei o decidiu , terá de ser . E a coroação - à hora que vos disse . Esta noite não dormis : tende paciência . A corte ficará nas vossas celas . E os dois escudeiros ? Que disseram ? | |
| 151 | PRIOR | PRIOR | Eu mesmo a ver , hei-de cuidar que sonho . Um cadáver exumado num convento em que há 7 anos já a terra o esburga e trazido de noite , pela névoa , com uma corte e um rei , e clero e povo , para uma igreja dum mosteiro longe e lá sentado sobre um | trono , coroado entre o fumo dos turibulos ... |
| 155 | PRIOR | FRADES | Alumiai Mestre António até ao adro . () Deus vos dê boa-noite . Acompanhai-o . Eu vou também convosco até à porta . | |
| 160 | PEDRO | INFANTE | Mas dá-lhe as boas-noites , vai beijá-la . Ela nunca se deitou sem te beijar . () De leve . Tem cuidado : não a acordes . | |
| 161 | PEDRO | | Oh ! Oh !... O vento ! O vento !... ei-lo connosco . Despertou ao chegar , desceu das núvens , e vestido de noite , entrou também () E as folhas - olhai- as folhas secas !... é o beija-mão das árvores do Outono !... Os choupos de Coimbra sonham asas... | Vinde !... vinde !... é bem assim . As amigas de Inês antes da corte ... |
| 163 | PEDRO | PRIOR | Vós , meu senhor , tendes que perdoar . Ficais na minha cela : - é uma noite . Quando quiserdes vir : bem precisais . | |
| 165 | PEDRO | INES | sou o teu Pedro . O que ele tem , o que ele tem para te contar !... Eu bem sei que tu sabes ... sabes tudo . Os teus ouvidos , na Morte , ouvem melhor . Ouviram o desespero do teu Pedro - uma noite de pedra sobre esta alma - ouviram as suas lágrimas | caladas : ouviram toda , toda a sua dor . Eu sei ... eu sei ... As palavras , por si , dizem bem pouco mas acordam a alma , meu amor . Se não fosse assim , para quê !?... falar ... Fala-se para cair no teu silêncio - no silêncio em que a alma sorri ... |
| 167 | PEDRO | INES | crescian contra mim , que as amei sempre ... Num silêncio escarninho , caminhavam ... Uma noite , ao recolher - pobre de mim ! - quis enterrar num cedro a minha espada . A lâmina partiu com um tenir fino . () E às vezes , nas palmas destas mãos , quase | sentia a polpa dos teus seios !... Era um lobo o teu Pedro : era uma hiena . Mas um dia , "Alguém" desceu ao fojo : - "Alguém" que era da morte e era da vida e mais - de além da morte e além da vida ... E eu vi a Saudade ao pé de mim . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 168 | PEDRO | INES | Como eu a vejo agora - a nossa Coimbra !... é uma Coimbra decantada da saudade ... Uma Coimbra de além ... E o rio e os choupos , e olivais e Paços , vozes de sinos , voz de rouxinóis : é tudo , tudo feito de reflexos ... Só ela vive do meu reino agora . | O meu reino lá foi - sumido em névoa . Adeus salas de pedra dos meus Paços ... meu povo e minha corte ... meu chicote de justiceiro ... noites de folgança ao som das longas ... manhãs de montaria ... bons nebris ... Sois uma asa ao fundo da memória . |
| 168 | PEDRO | INES | Para me acordares - era já quase noite - beijaste-me nos olhos , minha Inês . E eu quedei como um monte , em seu burel de mato rude , quando uma nuvem da manhã o beija ... Não sabia onde estava . Tu sorrias . Entrevi nesse instante o nosso reino ... Ouve | o teu Pedro , Inês , peço-te muito : - havemos de nos lembrar do sol da terra ! E do Mondego , Inês , das suas águas . O sol da terra é irmão do teu cabelo . Como eu o amei , como eu amei o teu cabelo !... |
| 169 | PEDRO | INES | A manhã vinha vindo além dos montes ... Os teus seios arfavam com a luz ... E ficavas a olhar - os olhos rasos !... Que tinhas tu !... Vias o céu sofrer ?... Era para dar a aurora ao nosso amor !... E nascia ... subia : encantamento !... Os teus olhos | faziam-se maiores . Oh ! O que o sol gozou de viver neles !... Mesmo na sombra - eram flores com raios ... Os teus olhos olhavam-me na sombra - como as janelas do meu Paço olham a noite ... |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Espelho/espelho", não se admitindo qualquer adjacência.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Espelho " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Espelho " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " espelho " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " espelho " | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 133 | PEDRO | AFONSO | Tudo se fez espirito nesta hora . O curo ca minha coroa agora é leve - como se a lua ao tecesse em teares de névoa ... () Porque é que o silêncio das criaturas não consegue falar como o das coisas !? Nós calamo-nos todos e ainda é pouco . | Mas se se cala a noite , o vento , o rio ... Não sei que é que nos gela . Vem o destino bater à nossa porta ... é um espelho prodigioso - este silêncio . Debruça-te tu sobre ele : que vês tu !?... é outra a tua imagem . |
| 141 | PEDRO | ASTROLOGO | Enquanto tu ... Tu mandas o teu olhar até às estrelas , - um olhar perscrutador e tão agudo , que lhes põe em sangue as penas de cire ... és sábio . Acho bem que me desprezes . () Para entender estrelas , o melhor , é viver con elas e arder sempre . | O resto é pouco , ; é nada . O olhar que mais vê e o olhar da vida - são um espelho em face doutro espelho . Querer saber é um impossivel triste . |
| 145 | PEDRO | | Que as longas bem ! E que os cirios ardem alas ! A caminho ! As donas descansaram , imagino , () A névoa desfez os penteados , imagino : afogou-vos . Estais amarelas como mortas ... é que o sois . Esta noite é um bom espelho : podeis crer () A Alcobaça! | |
| 163 | PEDRO | AFONSO | - Só os espelhos ... Mesmo o ar era um espelho de âmbar , em que o luar se airava , se sumia ... E cheirava a resina , à morte , a névoa ... | |

*** Total ***
587

## CONDIÇOES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Sol/sol", não se admitindo qualquer adjacência.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Sol " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Sol " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " sol " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " sol " | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 74 | PEDRO | AFONSO | Há mais sol nessa cova que no céu . () O teu rei ... o teu rei com azorrague à cinta que por amor da Justiça , é até carrasco o teu rei , monteiro e bailador , que é o pai do seu povo , tem e curo ...quando o vês assim ... () ouve : ouve bem e cala o | que digo ... () vem de longe ... de longe ... muito longe ... O meu reino é maior do que tu pensas . Portugal é uma provincia apenas . O meu reino de segredo , sem fronteiras , o meu reino de amor abrange a Morte , a sua natureza de mistério ... |
| 75 | PEDRO | AFONSO | Ninguém . ninguem . () Voltando à minha traça ... Tudo me diz - e uma voz dentro de mim , que oiço - que serão do meu carrasco antes do sol . () A noite ainda tem muito que andar ... e eles também , decerto ... () Vês acolá , Afonso , por trás da falcoar | ia , está a levantar-se a lua . Vem tão tarde ! é a nossa lua ... é a nossa ... () Faz-me mais sede do que o sol de Agosto . depois de horas e horas a montear , quando as pernas estalam de martírio ... |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Houve um rumor de porta sob o alpendre ... Ereis vós , meu senhor , que ieis montar ... () Vi então claramente o vosso volto . Já a manhã subia . Como agora . () Era uma luz assim ... era esta luz ... Depois Ela ... Foi para vós : beijou-vos : não sei o | que vos disse ... a ouvi-vos rir ... Oh ! O vosso rir , o vosso rir na inocência da manhã !... Fiets como o sol na minha espada . Descestes . Ela seguia-vos com os olhos , debruçada . |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | De novo a trompa ... Disse que partieis ... Só três moços de monte iam convosco . Ela tinha as mãos por sobre os olhos , acenou-vos em adeus de lento , e por um gesto triste que então teve , compreendi que deixara de vos ver ... Chamei por vosso pai . | Disse-lhe baixo : - é a hora , meu senhor . Ele hesitava , branco , cor-de-cera , encostado a um tronco de oliveira , que era mesmo da cor das suas cãs ... Um raio de sol bateu-lhe então na espada , e começou a caminhar atrás de nós . |
| 98 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Se me lembro !... Ia dizer adeus ao sol , da cela da Irmã Teresa que é a mais alta . | |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Mas com os olhos cheios de sol ... | |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | O que ela amava o sol ! Era quase um pecado . () Quereis ouvir ? Na última semana , já não podia andar , ia a arrastar-se . E tentou por duas vezes ir à torre . Da última , fui dar com ela de bruços à chorar . Parecia uma corcinha moribunda . | Disse-me assim , com um grande esforço : Vai tu , vai tu . Fita-o bem firme , fecha-o nas pálpebras e corre , corre muito , para eu o ver ainda nos teus olhos . Foi daí por dois dias que morreu . Como eu me lembro ! Parece que foi hoje . () |

| FS | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | De longe a longe , olhava-a . Parecia à escuta , tinha o ar de dizer : Ela não tarda . Vais ouvi-la ... Que devagar Deus levou aquela Flor ! De tanto a olhar , já mal a via . Os seus olhos - tão verdes ! - eram cor-do-mar que eu nunca vi . E ainda me | falou , ainda me disse : Olha para o sol como as outras , minha irmã . Nunca subas à torre para o ver . Ver o sol duma cela , é acordar na cova e ouvir passos ... Promete-me que não olhas mais para o sol . Se não perdes-te ... |
| 99 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Depois , seguindo o seu olhar que era uma névoa , olhei pela janela para a cerca . Era já manhãzinha . Via-se o cedro grande mesmo em frente . Dei-lhe um beijo nos olhos - um adeus ... Como se fosse já fugindo , ouvi-a suspirar ao meu ouvido : | " Não posso mais ... Preciso morrer , bem vês ... E se o sol vem , não posso ... é-me impossível ... Fui em bicos de pés até às grades , fechei devagarinho as gelosias , e voltei logo no escuro para ao pé dela . |
| 100 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Sabedoria , sabedoria , sabedoria , de rouxinol : cantar à noite , dormir de dia , fugir ao sol . | |
| 101 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | E não fugiu . Cantou , cantou , cantou ... Até ao nascer do sol , não foi ? | |
| 101 | FREIRA 2 | FREIRA 1 | Até ao nascer do sol , Irmã Celeste . | |
| 101 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Porque seria que fugiu quando o sol veio ? | |
| 101 | FREIRA 2 | FREIRA1 | Porque sabia que o sol canta melhor que os rouxinóis . () Não admais !?... | |
| 116 | PEDRO | | Como escurece cedo neste claustro ! O Mondego lá fora arrasta luz . Inda há uma hora de sol por esses campos . () Têm pouca luz aquelas flores . São freiras-flores . | |
| 139 | PEDRO | BISPO | Um rei que troca o ceptro pela enxada , e uma enxada tosca de coveiro !... que vindima de noite - ao sol da Morte onde só abrem almas ... () Ninguém . Só com ela , - como sempre . | |
| 163 | PEDRO | | Eu to agradeço : crê . () Fico com Ela . Os galos não tardam a cantar ?... Melhor . Vou esperar o sol aos pés de Inês . | |
| 166 | PEDRO | INES | Deixei de ver o sol : via-o a ele . A brancura da flor da tua pele era a luz da minha solidão . Vivia com o teu corpo na memória - como um lobo num fojo com a presa . E então a minha dor - todo o meu gozo - foi reviver nesta carne o teu martírio . Mas | Mas mais , ainda mais que as tuas feridas , me faziam sofrer as tuas mãos ... As tuas mãos , amor , via-as pisadas , como asas partidas , que ainda tremem ... Eram a coisa mais triste que o sol viu . Os assassinos tinham-nas pisado . O ar , a luz , fazia |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | |
|---|---|---|---|
| 167 | PEDRO | INES | Vivi um ano assim , do teu martirio . O teu sangue , amor , era o meu vinho . A tua morte , Inês , foi o meu pão . Fugia ao sol : a luz envenenava-me . Queria estar só , bem só , murado em mim : - cavava no silêncio um fojo escuro para me poder levar na minha dor . O meu crânio era uma câmara de tortura : - viviam lá um carrasco e os assassinos . E o carrasco era eu , era o teu Pedro . Dirava de pensar ... de sentir sangue ... Para ver se sossegava ia montear . Corria os montes da Beira doidamente . |
| 168 | PEDRO | INES | Para me acordares - era já quase noite - beijaste-me nos olhos , minha Inês . E eu quedei como um monte , em seu curel se mato ride , quando uma nuvem da manhã o beija ... Não sabia onde estava . Tu sorrias . Entrevi nesse instante o nosso reino ... Ouve o teu Pedro , Inês , peço-te muito : - havemos de nos lembrar do sol da terra ! E do Mondego , Inês , das suas águas . O sol da terra é irmão do teu cabelo . Como eu o amei , como eu amei o teu cabelo !... |
| 169 | PEDRO | INES | Muitas vezes , a afogar-me nele , sentia luz em mim , era meio-dia , como se Deus mungisse o sol sobre a minha alma ... Amava-o tanto como tu o sol . Tu amavas o sol perdidamente . Até fugias dos meus braços , meu amor , para o ver a arraiar por sobre os montes . Ao luzir da aiva , abrias a janela : "Anda ver , meu Pedro , ele não tarda ." Eu cingia-te quente , seminua . O pomar dormia . Só o silêncio ancava a perfumar-se no pomar . Tudo era cor de asas de rouxinois ... Como tu te fazias pequenina !... |
| 169 | PEDRO | INES | A manhã vinha vindo além dos montes ... Os teus seios arfavam com a luz ... E ficavas a olhar - os olhos rasos !... Que tinhas tu !... Vias o céu sofrer ?... Era para dar a aurora ao nosso amor !... E nascia ... subia ; encantamento !... Os teus olhos faziam-se maiores . Oh ! O que o sol gozou de viver neles !... Mesmo na sombra - eram flores com raios ... Os teus olhos olhavam-me na sombra - como as janelas do meu Paço olham a noite ... |

*** Total ***
***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Luz/luz", admitindo-se adjacência à direita e à esquerda.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | "Luz" | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | "Luz" | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | "luz" | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | "luz" | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 89 | PEDRO | AFONSO | Como tu me falas dela , Afonso ... Só a ta tua voz , e nessa trova ... Vê , sua voz e os olhos dos meus galgos , mas canta-me outra vez , a mesma , Afonso . Manhã de montaria , ao lusir da alva , vão falar-me de Inês , o meu amor ... Na tua voz na voz da voz dela ... nos olhos deles , - não sei quê do seu olhar . Soprando | |
| 90 | PERO COELHO | PEDRO | O amor tem luz de mais para poder ver . Vós não podieis ver . ..! Nem mesmo agora ... Urgia contornar o grande perigo , cortar o mal em cerce , de raiz . Lá em Leste.e , de acordo com os de cá que vos lembrais , se formara um partido , em ruína. | Separar-vos dela , era impossível . Vosso pai desesperava. não sabia Tudo fora tentado ! Tudo em vão . Uma tentativa de evasão fora frustrada e a clausura no convento , em Santa Clara , vos sabeis , meu senhor , o que ela foi ... |
| 91 | PERO COELHO | PEDRO | Houve um rumor de corta ecos o alberque ... Areia vos , meu senhor , que Inês morrer ... ! Vi então claramente o vosso vulto . Lá a manhã suava . Como agora . Era uma voz essa ... era esta luz ... Depois Ela ... Foi para vos ! Deixou-vos ! Não sei ! | que vos disse ... e convirvos rir ... Oh ! O vosso rir , o vosso rir na inocência da manhã !... Puais como o sol na minha espada . Desiestes . Ela seguia-vos com os olhos , descrutada . |
| 92 | PEDRO | PERO COELHO | O chão ... Ide chamar o chão ... Vinagre e azeite já para este coelho ! ! Eirio - o teu cozinheiro !... e corre-sangue . O teu não lhe põe nodos ... vai em paz . (! Aqui os tens , Tristão . Aí-vos bem ... ! Com mais de valão ... Vamos rica ... | E montaria feita pela noite ... (! Nem sei que me pareces na luz de alva ! Nunca vi jamais assim , é maravilha . Que dizes tu , tristão ? Sano ou javarco ... Sai , sai . Fica Tristão comigo , e o milagre maior de Santo Hubberto ... |
| 93 | FREIRA 1 | FREIRA 2 | Era da cor dos lírios quando morrem . Era um corpo de luz dentro do hábito ... Pobre Inezinha ! O seu sal ninguem o soube . Era um esmagar , um irse embora ... Sabeis , a noite em que passou , valei-a eu . | |
| 115 | PEDRO | BISPO | Seja o que for , Luz . (! Estas lâmpadas não são para alumiar . São para guiar as corujas , para lhes dizer : bebei-me . ( Dá-me essa pá . | |
| 116 | PEDRO | | Como escurece cada neste claustro ! O Mondego lá fora arrasta luz . Inda há uma hora de sol por esses campos . (! Têm pouca luz aquelas flores . São freiras-flores . | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 116 | PEDRO | COVEIRO | Eh ... Toca a vindimar . Já temos luz . | |
| 119 | JOÃO | | Não vês ? Parece que já vejo duas luzes . | |
| 122 | JOÃO | | São as longas . duvidas ? - Alto . quem na volta do caminho . - Os círios a luzir cada vez mais ... - Olha o vale agora . Como é lindo ! - E um tasco em flor . - O vale das estrelas . - São circulares aos milhares . cando ... - São as almas que vê | ...lia ... - E uma fontaria a luz dos círios ! - Aos círios ? aos círios ! Sem tardança . - Toca a acender ! Vem perto . vem perto . |
| 127 | PEDRO | INÊS | Ti , sim . A ti vejo-te eu bem . Tu és o mesmo . Mas o meu reino ?... o meu reino ? O meu reino perdeu-se no nevoeiro . e agora é isto a minha corte . esta corte de escaleiras . levanço o meu amor naquelas antas . por as escadas que planeia morto . | sempre e sempre ... entre flores de luz que oruxoleiam ... almas de mim - fantasma de mim mesmo ... |
| 135 | PEDRO | INÊS | É a nossa casa , Inês ... Estamos sozinhos . Estás bem assim ? Tu tiveram-me dormindo . Eu fico aqui a tua cabeceira . Não mudes . meu amor . corre assim queda - como a tua estátua ali . sobre o teu túmulo ... Esta é a Casa de Deus . Deus está contigo . | Tuves de recitar ?... Toca a noivado . As nossas almas agora - são eternas . Sinto na minha alma a tua alma - como a água duma fonte noutra fonte . como a luz na luz . e Deus em Deus ... Sinto-te tanto , que te perco em mim . Aqui me tens Inês ! |
| 146 | PEDRO | INÊS | O teu Pedro quer falar ! deixa-o dizer ... Tivemos como mesmo adormecida . ti. duvias a fonte do jardim das oliveiras negras , do teu "Jardim das Oliveiras" . meu amor . .! É o primeiro serão da eternidade . Lembro a face da terra em que te amei . | Vejo os campos de Coimbra ao luzir da alva ... Eu vou partir para montear ... adeus-te adeus ... As rolas cantam perto - muito triste - no pinhal vizinho , que as entende ... O Moncego , ainda a dormir , já corre ... |
| 156 | PEDRO | INÊS | Deixei de ver o sol ! via-o a ele . A brancura da flor da tua pele era a luz da minha solidão . Vivia com o teu corpo na memória - como um lobo nua fojo com a presa . E então a minha dor - todo o meu gosto - fez reviver nesta carne o teu martírio . Mas | Mas mais , ainda mais que as tuas mágoas , me faziam sofrer as tuas mãos ... As tuas mãos , amor , via-as pisadas , como asas partidas , que ainda tremem ... Eram a coisa mais triste que o sol viu . Os assassinos tinham-nas pisado . O ar , a luz , fazia |
| 167 | PEDRO | INÊS | vivi um era assim , do teu martírio . O teu sangue , amor , era o meu vinho . A tua morte , Inês , foi o meu pão . Fugia ao sol ! a luz envenenava-me . Queria estar só , bem só . murado em mim ! - cavava no silêncio um fojo escuro para te poder cevar na | minha dor . O meu crânio era uma câmara de tortura ! - Viviam lá um carrasco e os assassinos . E o carrasco era eu . era o teu Pedro . Cirava de cansar ... de sentir sangue ... Para ver se sossegava ia montear . Corria de montes da Beira coimbrã . |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | |
|---|---|---|---|
| 169 PEDRO | INES | Muitas vezes , a afogar-me nela , sentia luz em mim , era meio-dia , como se Deus mergulhasse o sol sobre a minha alma ... Amava-o tanto como tu o sol . Tu amavas o sol perdidamente . Até fugias dos meus braços , meu amor , para o ver a arraiar por sobre os | montes . Ao luzir da alva , abrias a janela : "Anda ver , meu Pedro , ele não tarda ." Eu cingia-te quente , seminua . O pomar dormia . Só o silêncio ansava a perfumar-se no pomar . Tudo era cor de asas de roxinóis ... Como tu te fazias pequenina !... |
| 169 PEDRO | INES | A manhã vinha vindo além dos montes ... Os teus seios arfavam com a luz ... E ficavas a olhar - os olhos rasos !... Que tinhas tu !... Vias o céu sofrer ?... Era para dar a aurora ao nosso amor ... E nascia ... subia : encantamento ... Os teus olhos | faziam-se maiores . Oh ! O que o sol gozou de viver nelas ... Mesmo na sombra - eram flores com raios ... Os teus olhos olhavam-me na sombra - como as janelas do meu Paço olham a noite ... |
| 169 PEDRO | INES | Os meus agora vivem como estrelas copiam a luz dos teus sem descansar ... .) Onde estou eu ?... Não sei . Estou só contigo . Respiro o teu olhar : é luz de luz ... é o ar da minha alma - o teu olhar . E Alcobaça ?... A minha coroa de oiro ?... | Alcobaça onde está ?... as altas naves ?... E os sinos ?... a corte ?... os sinos de oiro a bailar no ar as minhas bodas !?... Ainda os ouço ... ainda ... mas tão longe ... é o princípio e o fim de tudo o nosso amor . |
| 169 PEDRO | INES | Os teus seios uniram-se : eram o mundo ... Ouço no teu silêncio cotovias ... O sol e a luz casaram-se . fundiram-se : são o ar que respiro ... o nosso ar ... Oh ! Asas ... asas ... ponham asas ... é um abismo de estrelas - este amor ... faz-me medo | É um turbilhão de estrelas ... ? Inês ... Inês ... Eu tenho medo ... Sinto o vento da luz da eternidade ... |
| 170 MARTIM | AFONSO | Oh ! Oh !... Estão juntos ... estão juntinhos ... é manhã nas estrelas ... Vão casar .) Lá vão eles agora ... de mãos-dadas ... Estão à porta da igreja ... - Ouves os sinos ?... Sorriem de mãos-dadas ... vão a entrar ... .) Oh ... é o olhar de Deus - | aquela luz ... é o coração de Deus aquela igreja ... |

*** Total *** ***

## CONDIÇÕES DE FILTRAGEM

Todas as ocorrências da forma "Lua/lua", não se admitindo qualquer adjacência.

| Line | Field | Operator | Constant/Expression | Connect |
|---|---|---|---|---|
| 1 | TEXTO1 | Contains | " Lua " | .OR. |
| 2 | TEXTO2 | Contains | " Lua " | .OR. |
| 3 | TEXTO1 | Contains | " lua " | .OR. |
| 4 | TEXTO2 | Contains | " lua " | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| 7 | | | | |

| PG | QUEM FALA | A QUEM | | |
|---|---|---|---|---|
| 75 | PEDRO | AEFONSO | Ninguém , ninguém . () Voltando à minha raça ... Tudo me diz - é uma voz dentro de mim , que oiço - que serão do meu carrasco antes do sol . () A noite ainda tem muito que andar ... e eles também , decerto ... () Vês acolá , Afonso , por trás da falcoar | ia , está a levantar-se a lua . Vem tão tarde ! é a nossa lua ... é a nossa ... () Faz-me mais sede do que o sol de Agosto , depois de horas e horas a montear , quando as pernas estalam de martírio ... |
| 76 | PEDRO | AFONSO | É verdade , Afonso . A lua dela !... Começa a sua ronda . Nunca a esquece . E tem um olhar de sede ... Eu sei ... eu sei . Não há fontes no céu para aquela sede . () Vem morta de fadiga ... Está cansada . Está como eu . Não pode esperar mais . | |
| 77 | PEDRO | AFONSO | As árvores ... os choupos ... são os choupos ... Sabem também , Afonso . Saberão ?... As folhas , ao luar , caem mais lento . Vou dizer-lhes ... aos choupos , um a um , às árvores que a lembram e a amaram ... às folhas secas , que na noite morta , rastej | am tanta vez com os seus suspiros ... E ao Mondego , além , a escorrer lua ... Vou dizer-lhes que esperem mais um pouco , que eles vêm , vêm aí , que estão já perto ... () Não ouves um torpel ?... An ? An ?... Afonso ... |
| 80 | PEDRO | AFONSO | Afonso ! Afonso !... Olha a lua !... Tem a face de Inês ... da minha Inês ... exangue ... exangue ... como eles a deixaram ... | |
| 92 | PERO COELHO | PEDRO | Mas ela veio , e fiquei paralítico de assombro . Nunca vi nada assim , ninguém tão branco ... Branca ... branca ... como o espectro de uma rosa branca , como um rosto de morta na memória , como uma lua de gelo num crepúsculo ... | Decerto ficou menos branca quando morta . Parecia que um vento de terror a enovelava , assim , movendo os braços como asas , com três vidas pequeninas a cercá-la , meio tontas de sono , amedrontadas ... |
| 138 | PEDRO | AFONSO | Tudo se fez espírito nesta hora . O ouro da minha coroa agora é leve - como se a lua ma tecesse em teares de névoa ... () Porque é que o silêncio das criaturas não consegue falar como o das coisas !? Nós calamo-nos todos e ainda é pouco . | Mas se se cala a noite , o vento , o rio ... Não sei que é que nos gela . Vem o destino bater à nossa porta ... é um espelho prodigioso - este silêncio . Debruça-te tu sobre ele : que vês tu !?... É outra a tua imagem . |
| 149 | FRADE | PRIOR | Continua . Apesar disso , há cada vez mais povo . Mal se pode ver : é um preamar . As vezes vê-se a lua . Ninguém fala . | |

Ofenda



| PG | QUEM FALA | A QUEM | |
|---|---|---|---|
| 162 | PEDRO | AFONSO | Foi lindo , Afonso . Tenho tudo , tudo nos meus olhos . Os cirios , não podendo abrir em alas , espalharam-se no pinhal como sem tino ... Havia dois pinhais e dois saimentos ... Quando os cirios tremiam , o pinhal reflectido tremulava tremulava das agulhas à raiz , como oirado de lua ... Era , em cada charco , uma paisagem subterrânea de saudade , um correr de arrepios , de reflexos ... Inês , nas suas andas , ia assim baloiçada entre dois mundos ... |

*** Total ***
349